

CDU
05

51º FESTIVAL DO FOLCLORE

ESTÂNCIA TURÍSTICA DE OLÍMPIA

8 A 16 DE AGOSTO DE 2015



Anuário



Recinto de Exposições e Praça de Atividades Folclóricas
"Prof. José Sant'anna"

ANUÁRIO DO

51º FESTIVAL DO FOLCLORE DE OLÍMPIA

Jubileu de Uva 

OLÍMPIA, CAPITAL DO FOLCLORE

ANO XLV - Nº 45 - AGOSTO DE 2015



PREFEITURA MUNICIPAL DE OLÍMPIA - ESTADO DE SÃO PAULO

Expediente: Avenida Menina Moça, n.º 800, Vila Hípica - CEP: 15400-000 – Olímpia – SP

Telefone: (17) 3281-6786 – Fax: (17) 3281-6941

Diretor: José Sant'anna (in memorian)

Diretor Executivo e de Edição: André Luiz Nakamura

Coordenadora Geral do Setor de Folclore: Maria Aparecida de Araújo Manzolli

Projeto Gráfico, Editoração Eletrônica: Ricardo Gonçalves - Tel. (17) 99135-1499

Impressão e Acabamento: Gráfica JV Ltda. - Rua Joaquim Miguel dos Santos, n.º 359

Centro - Olímpia/SP - email: grafica_jv@uol.com.br - Fone/Fax: (17) 3281-7973

Fotos: Camila Reale, Janaina Longhi, Marcio Matheus e Mayla Ruas

Edição da Associação Olimpense de Defesa do Folclore Brasileiro.

Todo trabalho de redação assinado é de total responsabilidade do autor.

Quaisquer artigos ou ilustrações podem ser reproduzidos, contanto que citada a fonte.

SUMÁRIO

PERNAMBUCO:
ESTADO HOMENAGEADO FEFOL NO 51º 05

24 FOLCLORE:
BREVE HISTÓRICO DO TERMO E AS
NOVAS PERSPECTIVAS DE ESTUDOS

MANIFESTAÇÕES FOLCLÓRICAS 34

51 MODA DA PINGA

FOLIAS DE SANTOS REIS E SUAS TRADIÇÕES 65

75 O GODAP E A DANÇA DO BAMBU

O 50º FESTIVAL DO FOLCLORE 78

93 MÃE ZUÍNA E A UMBANDA,
UMA VIDA DE RESISTÊNCIA, AMOR E FÉ

PERNAMBUCO

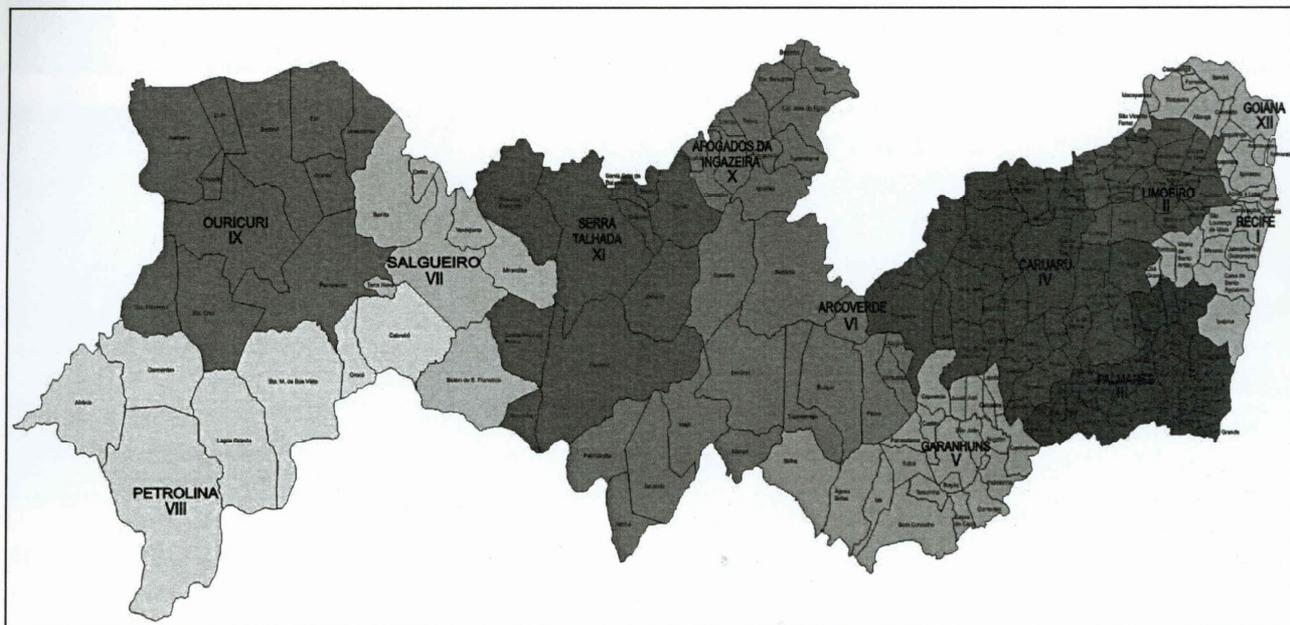
ESTADO HOMENAGEADO NO 51º FEFOL

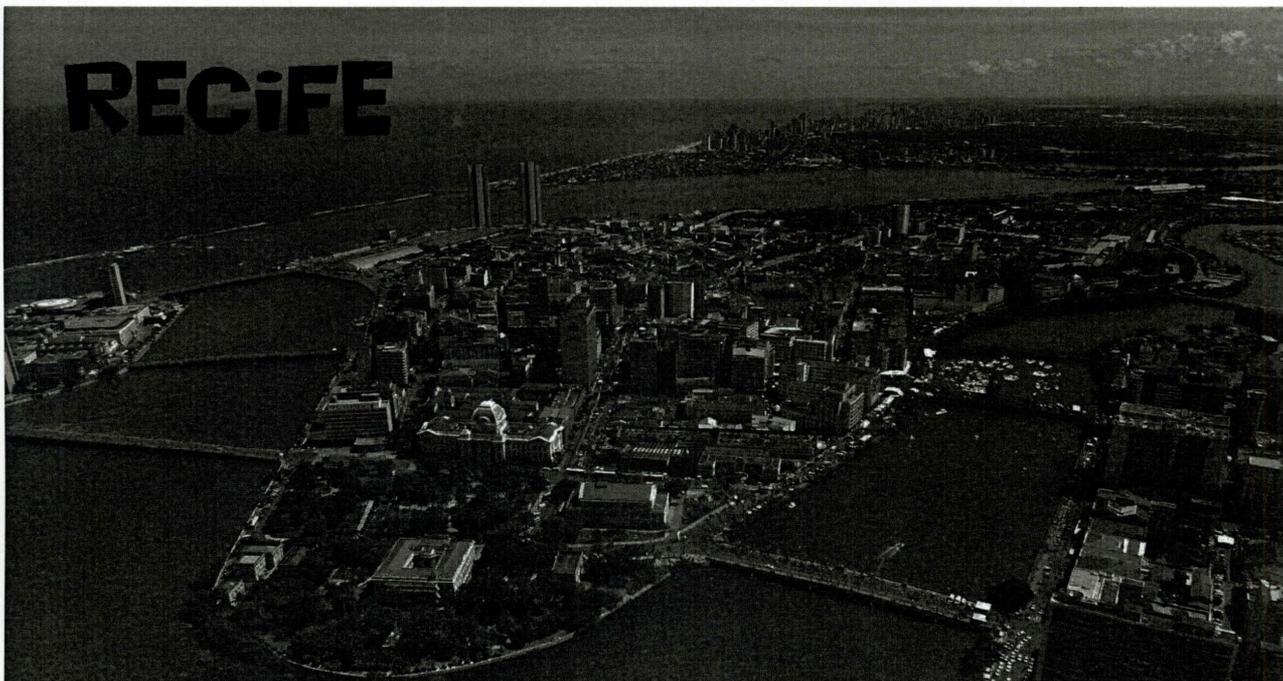
André Luiz Nakamura

Departamento de Folclore – Olímpia/SP



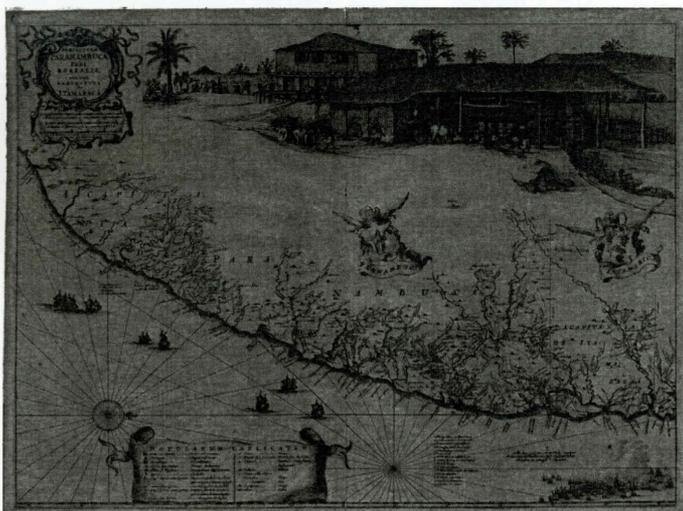
O Estado de Pernambuco, berço do Frevo e do Maracatu, é um dos mais atrativos polos turísticos brasileiros. Possui 187 quilômetros de belíssimas praias, dentre as quais se sobressaem, além das de Recife e de Olinda, as de Tamandaré e Porto de Galinhas, no litoral sul, e a Ilha de Itamaracá, ao norte. De clima tropical, no litoral, e semiárido, no Agreste e no Sertão, a maior parte de seu território se encontra na caatinga. Também pertence a Pernambuco o arquipélago de Fernando de Noronha, patrimônio natural da humanidade, situado a mais de 500 quilômetros da capital. Seu passado atribulado, e as marcas que ficaram do período da ocupação holandesa, no século XVII, retratam a bravura do povo deste Estado que se distingue por ser possuinte de um amplo patrimônio histórico, artístico e arquitetônico. Recife tem o epíteto de “Veneza Brasileira” em razão da foz dos rios Capibaribe e Beberibe e das pontes de pedra do período de dominação holandesa. A capital e Olinda (declarada patrimônio cultural da humanidade pela UNESCO) são as cidades que mais atraem turistas. Prestigiados são os carnavais que nelas se realizam. Célebres também são os festejos juninos promovidos no Estado, mormente a espaventosa Festa de São João na cidade de Caruaru.





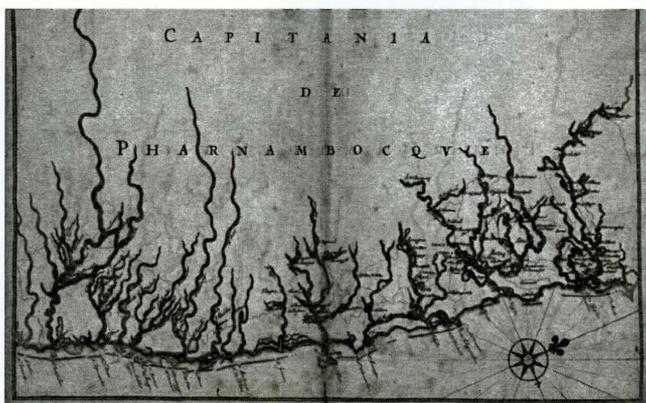
HISTÓRIA

Sem condições de financiar com recursos próprios o processo de colonização, após a “descoberta” das terras que viriam a se chamar brasileiras, a Coroa Portuguesa delegou tal incumbência à iniciativa privada.



Numa curiosa espécie de “desestatização” do próprio governo do Brasil, pelos portugueses, criaram-se, em 1534, as chamadas “Capitanias Hereditárias”. Eram grandes lotes de terra em que se dividiu o Brasil, doados a fidalgos experientes em guerras e comerciantes bem sucedidos, encarregados de promover, às suas expensas, o desenvolvimento da Capitania. Denominados “donatários”, e posteriormente também chamados de governadores ou capitães, tinham eles plenos poderes no âmbito de sua Capitania, e, por ocasião de seu falecimento, transmitiam o domínio e a administração

da área a seus descendentes. Dentre estas Capitanias se encontrava a de Pernambuco (da foz do São Francisco até o Iguaraçu), cujo donatário foi Duarte Coelho, que durante sua administração fez com que a região tivesse significativa prosperidade, principalmente com as plantações de cana-de-açúcar, tendo sido na época uma das duas mais relevantes capitanias (a outra era a de São Vicente).



A próspera Capitania de Pernambuco chegou a ser invadida e conquistada pelos holandeses, mas os pernambucanos se rebelaram e deram fim a esse domínio holandês promovendo a



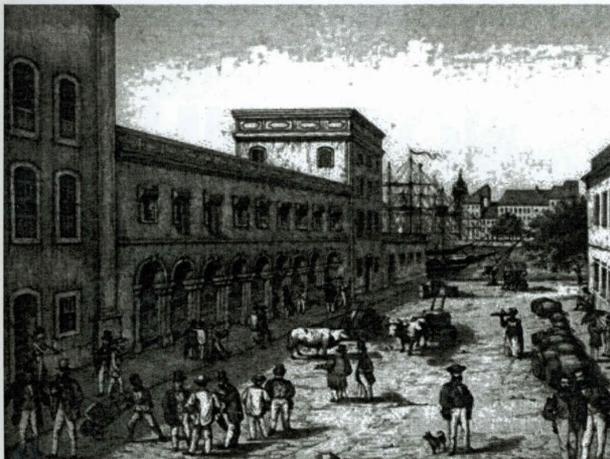


rendição incondicional dos batavos em 1654.

Inicialmente fiel à metrópole, a Capitania foi se tornando ao longo dos séculos um foco de intensas rebeliões, assumindo os pernambucanos combativa postura em vários momentos de sua história.

Depois da expulsão dos holandeses, houve uma sucessão de movimentos

libertários com o propósito de acabar com a dominação portuguesa. “Assim, foi com a guerra dos mascates, em 1710, quando Bernardo Vieira de Melo, no dia 10 de novembro desse ano, no Senado da Câmara de Olinda, dava o primeiro grito de república”. Posteriormente eclodiu a Insurreição Pernambucana, uma das mais significativas revoluções da História do Brasil, do relevante ponto de vista nacionalista. Luís do Rego Barreto, encarregado pelo governo português do comando de uma Divisão para enfrentar os revolucionários, foi expulso em 1821, encerrando-se “o ciclo de governo de capitães-generais portugueses. Desta maneira antecipando-se Pernambuco de um ano à Independência, que se deu em 1822”, segundo Waldemar Valente (“Folclore Brasileiro - Pernambuco”, FUNARTE, pág. 6)



Com a extinção do sistema de capitanias em 1821, pouco mais de um ano antes da Independência, a maioria delas se tornou Províncias, e estas, com a Proclamação da República, em 1889, passaram a ser Estados.

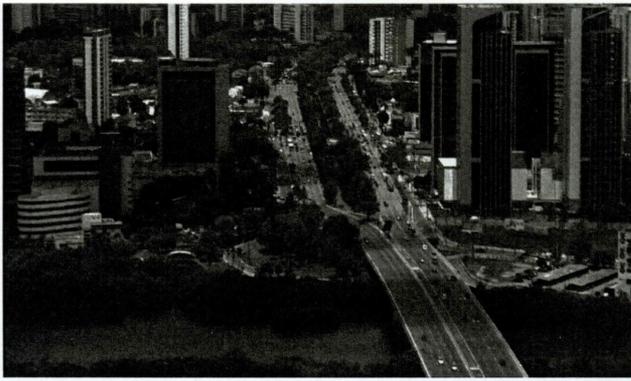
Pernambuco conservou seu nome, de origem indígena, que significa “mar furado”.

No século XX, até a década de 1940, características econômicas e políticas, herdadas da colonização, são mantidas no Estado. Na Zona da Mata, são predominantes

a monocultura canavieira, as usinas de cana e as atividades mercantis; no Agreste e Sertão, se sobressai a agropecuária de subsistência.

Em 1956 surgem as Ligas Camponesas, que congregam militantes em defesa da reforma agrária e dos direitos dos camponeses. Assim como os outros Estados da região, Pernambuco passa a obter recursos da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (Sudene). Em 1962, Miguel Arraes, eleito governador (cassado e exilado em 1964), promove





um acordo entre as Ligas e os usineiros, por meio do qual se estendeu o salário mínimo aos trabalhadores rurais.

Nos anos 1970, A agroindústria de açúcar e álcool, bem como os setores têxtil e turístico, se valem dos benefícios fiscais governamentais.

A região metropolitana de Recife criada em 1973, e que reúne 14 municípios é hoje a quinta mais populosa do Brasil

com mais de 3,8 milhões de habitantes.

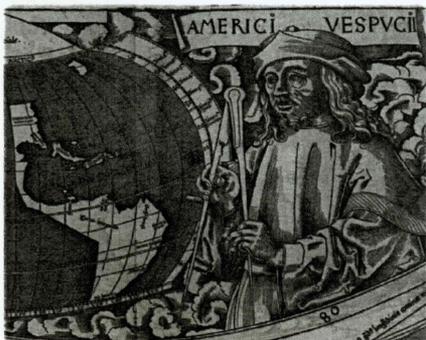
No final dos anos 1990, é finalizada a etapa inicial do complexo industrial-portuário em Suape, obra que continua em expansão.

Nas últimas três décadas, a economia pernambucana vem alterando sua configuração, deixando de ser basicamente agrícola para ampliar sua atividade empresarial, e de serviços e turismo.

Na agricultura, a cana-de-açúcar ainda preserva importante papel, no âmbito agrícola, dando lugar, entretanto, a outros cultivos, notadamente a fruticultura irrigada, em especial na região de Petrolina, no oeste, onde se cultivam uva, manga e melancia. Em Recife, se verifica um moderno polo de informática que atrai investimentos e feiras, a exemplo do *Campus Party*, evento considerado um dos maiores do mundo, no que se refere à inovação, criatividade e cultura digital.



FERNANDO DE NORONHA



Conforme a história oficial, esse belíssimo arquipélago, formado por 21 ilhas e ilhotas, teria sido descoberto em 1503 por Américo Vespúcio, navegante florentino de cujo nome deriva o que se deu ao Continente (embora haja quem divirja, argumentando que esse conjunto de ilhas se encontrava também delineado no mapa do espanhol Juan de la Cosa, de 1502, e do atlas do português Alberto Cantino, de 1503).





Em virtude da “descoberta”, em 1504, foi a área doada a Fernão de Loronha, financiador da expedição, tornando-se a primeira Capitania Hereditária do Brasil, onde, entretanto, referido donatário nunca esteve.

O arquipélago sofreu invasões de outros estrangeiros, tendo sido ocupado no século XVII por holandeses (que o chamaram “Pavônia”) e no século XVIII por franceses (que a rebatizaram de “Ile Delphine”).

Destarte, em razão dessa vulnerabilidade a invasões, os portugueses se motivaram a ocupar definitivamente o local, em 1737, por meio da então Capitania de Pernambuco.

Esse paradisíaco arquipélago nessa mesma época foi utilizado para o funcionamento de uma infernal penitenciária por pouco mais de dois séculos. Tal finalidade deixou como marca o desmatamento, para evitar esconderijos e tentativas de fuga pelos detentos, de modo a alterar o clima do local.

Durante a II Guerra Mundial, em 1942, foi Território Federal Militar, em razão de uma aliança com a Marinha norte-americana, que lá instalou uma Base de Apoio.

Nos anos que se seguiram, as Forças Armadas passaram a administrar o arquipélago em regime de rodízio.

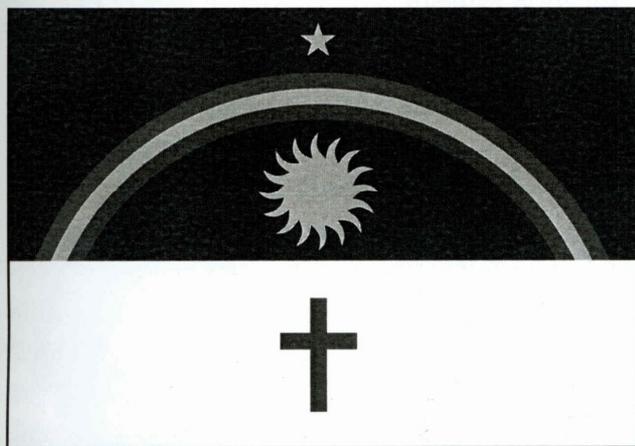
Em 1987, no governo de José Sarney, o jornalista Fernando César Mesquita foi nomeado governador, tendo sido o único civil a exercer a função.

Com a Constituição de 1988, foi reintegrado ao Estado de Pernambuco, sendo atualmente um Distrito Estadual. Nesse mesmo ano criou-se o Parque Nacional Marinho.

Em 13 de dezembro de 2001, Fernando de Noronha, cujas ilhas representam exuberante vida submarina, foi considerado pela UNESCO Sítio do Patrimônio Mundial Natural, tendo o diploma sido entregue em 27 de dezembro de 2002, e, em 2003, foram comemorados os 500 anos do ingresso do arquipélago na história da humanidade.

SÍMBOLOS DE PERNAMBUCO

BANDEIRA



“A Bandeira de Pernambuco foi idealizada pelos revolucionários de 1817 e oficializada, anos depois, pelo governador Manuel Antônio Pereira Borba (1915-1919). A cor azul do retângulo superior simboliza a grandeza do céu pernambucano; a cor branca representa a paz; o arco-íris em três cores (verde, amarelo, vermelho) representa a união de todos os pernambucanos; a estrela caracteriza o Estado no conjunto da Federação; o sol é a força e a energia de

Pernambuco; finalmente, a cruz representa a fé na justiça e no entendimento” (<http://www.pe.gov.br/conheca/simbolos>).

BRASÃO

Oficializado pelo governador Alexandre José Barbosa Lima (1892-1896), em 1895, no Brasão se veem o leão a representar a bravura dos pernambucanos; os ramos de algodão e de cana-de-açúcar, simbolizando as riquezas do Estado; o sol, a luz resplandecente, e as estrelas, os municípios. No brasão ainda se encontram imagens alusivas ao mar de Recife e ao farol do Forte



da Barra, a partir do qual se pode ver a cidade de Olinda. Na faixa, aparecem as datas históricas mais importantes do Estado: 1710 (guerra dos Mascates), 1817 (Revolução Pernambucana), 1824 (Confederação do Equador) e 1889 (Proclamação da República).

HINO

Composto em 1908, cuja autoria é de Oscar Brandão (letra) e Nicolino Milano (música), o Hino de Pernambuco louva os bravos guerreiros desse Estado.

LETRA DO HINO

“Coração do Brasil! em teu seio
Corre o sangue de heróis -
rubro veio
Que há de sempre o valor traduzir
És a fonte da vida e da história
Desse povo coberto de glória,
O primeiro, talvez, no porvir.

Estrilho

*Salve! Oh terra dos altos coqueiros!
De belezas soberbo estendal!
Nova Roma de bravos guerreiros
Pernambuco, imortal! Imortal!*

Esses montes e vales e rios,
Proclamando o valor de teus brios,
Reproduzem batalhas cruéis.
No presente és a guarda avançada,
Sentinela indormida e sagrada
Que defende da Pátria os lauréis.

Estrilho

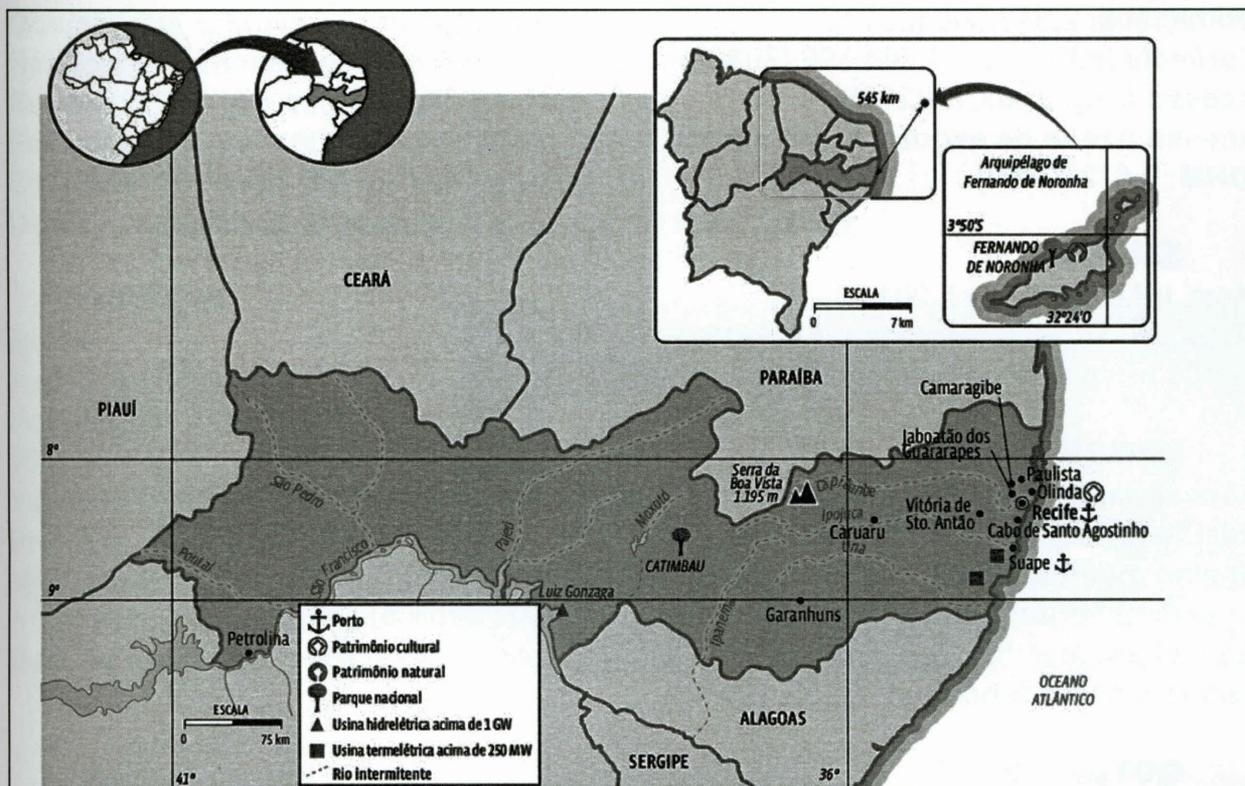
Do futuro és a crença, a esperança,
Desse povo que altivo descansa
Como o atleta depois de lutar...
No passado o teu nome era um mito,
Era o sol a brilhar no infinito
Era a glória na terra a brilhar!

Estrilho

A República é filha de Olinda,
Alva estrela que fulge e não finda
De esplendor com seus raios de luz.
Liberdade! Um teu filho proclama!
Dos escravos o peito se inflama
Ante o Sol dessa terra da Cruz!”

Estrilho





DADOS GERAIS

Vejam os dados a seguir mais informações relativas ao Estado de Pernambuco, que reproduzimos do Almanaque Abril 2014 (pág. 692, atualizadas até 08.07.2015, por meio do *site* desta tradicional publicação na rede mundial de computadores (almanaque.abril.com.br/materia/Pernambuco).

GEOGRAFIA

Área: 98.148,3 km².

Relevo: planície litorânea com várzeas e lagos, planalto no centro e depressões a oeste e leste.

Ponto mais elevado:

Serra da Boa Vista (1.195 m).

Rios principais:

Capibaribe, Ipojuca, Pajeú, São Francisco, Una.

Vegetação: mangues no litoral, Zona da Mata de floresta tropical e agreste com caatinga.

Clima: tropical atlântico no litoral e semiárido no interior.

Municípios mais populosos: Recife (1.608.488), Jaboatão dos Guararapes (680.943), Olinda (388.821), Caruaru (342.328), Petrolina (326.017), Paulista (319.769), Cabo de Santo Agostinho (198.383), Camaragibe (152.840), Garanhuns (136.057), Vitória de Santo Antão (134.871) (est. 2014).

Hora local: a mesma de Brasília.

Habitante: pernambucano.



POPULAÇÃO

9.277.727 (est. 2014).

Cor/Raça: brancos (34,3%), pretos (6,1%), pardos (58,8%), amarelos (0,2%), indígenas (0,7%) (2013).

Densidade: 94,5 hab./km² (est. 2014).

Cresc. dem.: 1,1% ao ano (2000-2010).

Pop. urb.: 82% (2013).



Domicílios: 2.913.000 (2013).
Carência habitacional: 244.396 (2012).
Acesso à água: 83,1% (2013).
Acesso à rede de esgoto: 52,7% (2013).
IDHM: 0,673 (2010).

SAÚDE

Mort. inf.: 14,9‰ (est. 2013).
Médicos: 15,1 por 10 mil hab. (2014).
Leitos hosp.: 1,9 por mil hab. (2014).

EDUCAÇÃO

Educ. infantil: 324.587 matrículas (56,1% na rede pública) (2013).
Ensino fundamental: 1.412.266 matrículas (78,4 na rede pública) (2013).
Ensino médio: 386.628 matrículas (88,1% na rede pública) (2013).
Ensino superior: 220.723 matrículas (38,8% na rede pública) (2013).
Analfabetismo: 15,3% (2013).
Analfabetismo funcional: 26,3% (2012).

GOVERNO

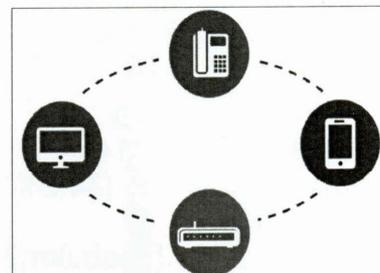
Governador eleito: Paulo Câmara (PSB).
Senadores: 3. Dep. federais: 25.
Dep. estaduais: 49.
Eleitores: 6.403.442 (4,5% do eleitorado brasileiro) (abr./2015).
Sede do governo: Palácio Campo das Princesas. Praça da República, s/nº, Santo Antônio, Recife. Tel. (81) 3181-2331. Site: www.pe.gov.br.

ECONOMIA

PIB: R\$ 117,3 bilhões (2012).
Participação no PIB nacional: 2,7% (2012).
Composição do PIB:
agropecuária: 2,7%; **indústria:** 25,1%; **serviços:** 72,2% (2012).
PIB per capita: R\$ 13.138 (2012).
Exportações: US\$ 943,9 milhões (2014): plataformas de exploração (58%), açúcar, principalmente de cana (12%), frutas (6%), plástico e seus produtos (5%), produtos das indústrias químicas (5%), materiais/aparelhos elétricos e eletrônicos (4%), sucos de fruta (1%), outros (9%) (2013).
Importações: US\$ 7,3 bilhões (2014): óleo diesel (17%), propano e butano liquefeitos (12%), produtos químicos orgânicos (10%), gasolinas (9%), máquinas e equipamentos (8%), alimentos (8%), materiais/aparelhos elétricos e eletrônicos (4%), veículos automotores e autopeças (4%), produtos das indústrias químicas (4%), querosene de aviação (4%), outros (20%) (2013).

TELECOMUNICAÇÕES

Telefonia fixa (em serviço): 682,6 mil linhas (abr./2015).
Celulares: 13 milhões (2014).
Domicílios com computador: 1,1 milhão (2013).
Acesso à internet: 916 mil (2013).



VIOLÊNCIA

Policiais: 273 (por 100 mil hab.) (2012).
Bombeiros: 32,2 (por 100 mil hab.) (2012).



Ocorrências criminais: 119.460(2012).
Homicídios dolosos: 30,9 (por 100 mil hab.)(2013).
Roubos:559,1 (por 100 mil hab.)(2013).
Furtos: 661,1 (por 100 mil hab.)(2012).
Estupros: 26,3 (por 100 mil hab.)(2013).
Delitos envolvendo drogas:91,9 (por 100 mil hab.) (2013).

CAPITAL

Recife.

Habitante: recifense.

População: 1.608.488 (est. 2014).

Veículos: 638.898 (fev./2015).

Prefeito: Geraldo Julio de Mello Filho (PSB).

Nº de vereadores: 39.

Data de fundação: 12/3/1537.



FESTAS, FOLGUEDOS E DANÇAS



Muitas são as festas em Pernambuco. Já no mês de janeiro, além das tradicionais festas de Ano novo e de Santos Reis, várias se realizam neste Estado, a exemplo das seguintes: a Festa de Santa Águeda, em Pesqueira; a Festa do Perpétuo Socorro, em São Benedito do Sul; a Festa de São Severino, em Primavera; Festa do Santo Cristo de Ipojuca; Festa de São Benedito, notadamente em Limoeiro, Aliança e na Vila de Xeréu, município de Água Preta, todas elas com manifestações da cultura popular, espetáculos musicais, comidas e bebidas típicas. Vejamos mais algumas.

FESTA DE NOSSA SENHORA DO PILAR

Procissão marítima em que se homenageia, em 31 de janeiro, a padroeira da cidade de Itamaracá, de que participam barcos, jangadas, lanchas e canoas conduzindo a imagem da Santa até a Praia do Pilar, onde se dá a mencionada festa, com apresentações de cirandas, pastoril e outros folguedos.





FESTA DO BOM JESUS DOS PASSOS

Outra festa popular religiosa, promovida em Jaguaribe, Ilha de Itamaracá, em 12 de fevereiro. Após novenas, missas e procissão marítima, acontecem espetáculos artísticos, feira de artesanato, comidas típicas, etc.

CARNAVAL

O carnaval pernambucano teve sua origem no século XVII. Os trabalhadores da Companhia de Carregadores de Açúcar e da Companhia de Carregadores de Mercadorias, que exerciam seu ofício no porto de Recife, se reuniam para comemorar as festas de reis. Eles suspendiam suas atividades na véspera da mencionada celebração e iam para as ruas a improvisar cantigas e a bater tambores, tendo contribuído assim para o surgimento do exuberante festejo carnavalesco de Pernambuco. O advento do frevo “esquentou” ainda mais os foliões.



Segundo Waldemar Valente, “o carnaval recifense apresenta uma personalidade própria, que não se encontra em nenhum outro carnaval, nem do Brasil, nem do mundo”, e destaca, entre suas particularidades “o frevo, que é ao mesmo tempo música e dança coletiva, sendo o passo a dança individual” (op. cit. pág. 66).

O Carnaval em Olinda se inicia com antecedência de uma semana à data oficial para a festa, com o animado desfile do “Bloco Carnavalesco Anárquico das Virgens de Olinda”, fundado em 1953, do qual participam apenas homens fantasiados de mulher.

Na segunda-feira de Carnaval, à meia-noite, no Pátio do Terço, no bairro de São José, área central de Recife, ocorre a Noite dos Tambores Silenciosos. Nessa hora, faz-se silêncio, em reverência aos escravos falecidos. Várias nações de maracatu de Pernambuco se reúnem no local. Entoam-se cantos e versos em louvor à Nossa Senhora do Rosário. Transcorrido o sagrado momento, os participantes vão saindo devagar, e, logo a seguir, retumbam novamente os tambores e os atabaques, dando-se continuidade à folia.

No decorrer do Carnaval animam as ruas maracatus, caboclinhos e também blocos tradicionais, a exemplo do Pitombeiras dos Quatro Cantos, Elefante de Olinda, Vassourinhas, e muitos outros, que seguem a brincar com os grupos de bonecos gigantes, como o Homem da Meia-Noite e a Mulher do Meio-Dia.



Além dos blocos, encontram-se outras agremiações carnavalescas, a exemplo dos “clubes de frevo”, formados por homens e mulheres, cada qual seguindo o respectivo porta-estandarte, que conduz a bandeira do clube contendo





cuja organização é bem similar à dos clubes de frevo, conquanto apresente numero inferior de instrumentos musicais.

Na quarta-feira de cinzas, saem pelas ruas o Bacalhau do Batata e o Galo da Madrugada, seguidos por inúmeros foliões.

Nessa ocasião “tudo se reinicia com os blocos que prolongam a festa e esticam o carnaval pelas ladeiras de

Olinda até o final da semana”, ressalta Gustavo Côrtes (“Dança, Brasil: Festas e Danças Populares”, Belo Horizonte: Editora Leitura, 2000, pág. 82).

FESTAS DE SÃO JOSÉ

São realizadas no mês de março em praticamente todas as cidades pernambucanas, em especial nos municípios de Água Preta e Flores, em que também há manifestações da cultura popular.



FESTA DA PITOMBA



Alcunha pela qual se tornou mais conhecida a Festa de Nossa Senhora dos Prazeres, em razão de ser realizada por ocasião da abundância dessa fruta, nessa época do ano, em abril. É uma festa tradicional promovida no Parque Histórico Nacional dos Guararapes, em Jaboatão.

FESTA DE SANTO ANTÔNIO - PROCISSÃO DOS LÍRIOS

No dia 13 de maio, em Olinda, se celebra a Festa de Santo Antônio, com comidas e bebidas típicas, artesanato, e, entre outras atividades, a Procissão dos Lírios, em louvor ao santo “casamenteiro”, na qual se percorrem ruas e ladeiras do Sítio Histórico, partindo da Igreja do Bonfim, e retornando à mesma igreja, tendo ainda distribuição de lírios.



CAVALGADA À PEDRA DO REINO



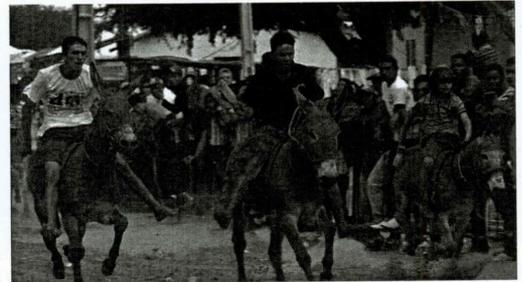
Festa que rememora, no final do mês de maio, o movimento Sebastianista deflagrado pelo autoproclamado Rei João Antônio dos Santos, que em 1838 liderou uma comunidade de seguidores, prometendo um reino de liberdade e justiça (episódio imortalizado



por Ariano Suassuna no livro “Romance d’A Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta”). A Pedra do Reino é constituída por duas volumosas rochas, na Serra do Catolé, no Município de São José do Belmonte, principal destino da cavalgada.

“JECANA” DE PETROLINA

Promovida desde 1972, em Petrolina, na comunidade do Capim, a festa cujo nome deriva de “Gincana de Jegues” é parte das celebrações juninas, nela se apresentando, entre outras atividades, uma corrida de jegues e o famoso desfile com animais ornamentados.

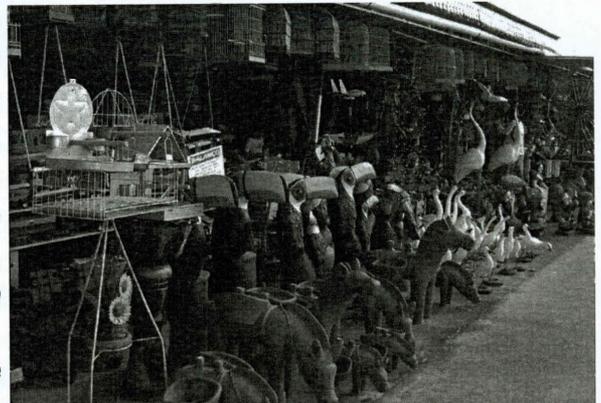


FESTA DE SÃO JOÃO E FEIRA DE CARUARU



O Município de Caruaru, que se originou a partir de uma antiga fazenda do século XVII, tem privilegiada localização, situado entre as principais estradas nordestinas, no meio do sertão pernambucano. Em decorrência de sua estratégica posição, especializou-se no comércio e é nessa importante cidade pernambucana que se encontra “a maior feira popular do mundo, localizada no Parque 18 de Maio, onde tudo se acha, como cantam os repentistas da região, e também com o maior e mais longo São João do mundo, segundo dizem” (Gustavo Côrtes, op. cit., pág. 74).

A Feira de Caruaru, considerada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como patrimônio imaterial do Brasil, é um amplo mercado ao ar livre em que se vendem produtos os mais diversos, desde frutas, verduras, cereais, ervas medicinais, carnes, além de produtos manufaturados como roupas, calçados, bolsas, panelas e outros utensílios para cozinha, móveis, animais, ferragens, miudezas, artigos eletrônicos e muito mais.



Na Festa de São João em Caruaru, “cidade que se afirma como a capital do forró e das festas juninas”, espantosas são as celebrações, em quarenta dias de festa, com bandas de pífanos, competição de queima de fogos, um trem-de-forró, que parte em direção à capital, muito artesanato, comidas e bebidas tradicionais, fogueiras continuamente reabastecidas por uma semana, e tudo o mais que uma espetacular festa pode oferecer.

“Assim Caruaru vem se tornando polo turístico de grande importância na preservação e no desenvolvimento cultural brasileiro”, afirma Gustavo Côrtes (op. cit., p. 74).

FESTA DO VAQUEIRO

É uma das maiores do calendário turístico de Pernambuco, que surgiu como homenagem ao vaqueiro Raimundo Jacó, assassinado misteriosamente em 1954, e se realiza no terceiro domingo do mês de



julho, no Parque Estadual do Vaqueiro, no município de Serrita. Há uma missa celebrada a céu aberto, com os participantes montados a cavalo e trajando o tradicional gibão do vaqueiro nordestino. Faz parte do evento, ainda: comidas e bebidas tradicionais, feira de artesanato, forró pé-de-serra e muito mais.

FESTA DO INHAME

Em quase todos os Xangôs de Pernambuco (“terreiros”), na segunda quinzena do mês de outubro, existe esta grande festa em que há uma cerimônia que rememora o ritual agrícola (de origem africana) de colheita desse tubérculo.



VAQUEJADA

Competição esportiva popular, em montarias, disputada entre várias duplas, com o objetivo de dominar bovinos, com destreza e perícia. Montados em seus cavalos, perseguem e tentam derrubar o boi. O “Batedor de Esteira” se encarrega de tanger o boi para perto do “Puxador”, incumbido de puxar o rabo do animal e de derrubá-lo. Realizada em vários municípios, notadamente em Bezerros, no Agreste do Estado.



BAIANAS

Também denominada “Baianá”, nessa dança se apresentam mulheres trajadas com vestes tradicionais de baianas, que dançam e fazem evoluções ao som de instrumentos de percussão. É considerada uma adaptação rural dos maracatus pernambucanos, mesclada com músicas que fazem lembrar o canto dos negros nas senzalas e a coreografia por eles criada nos terreiros da Casa Grande. Quentes e voluptuosos são os movimentos e os ritmos que acompanham a dança.



CABOCLINHOS

É dança de origem indígena _ o próprio nome já diz. No Nordeste, o termo “caboclo” é utilizado para designar o índio, ou, ainda, o descendente de cruzamentos de índio com o branco. “Caboclinhos” são filhos de caboclos. Dos mais antigos bailados de que se tem notícia no Brasil, foi registrado pela primeira vez em tribos indígenas nordestinas, em 1854, por Fernão Cardim, informa Gustavo Côrtes (op. cit., p. 92).



Na atualidade, são grupos que se fantasiam de índios que saem pelas ruas das cidades nordestinas, no ciclo carnavalesco, ao som de pequenas flautas e bandas de pífanos, executando um ritmado bailado, numa sucessão de saltos e bate-pés, em meio aos estalidos secos das *preacas* (espécie de arco e flecha). Os dançarinos, que executam essa ágil coreografia, usam saias de penas, colares e cocares repletos de plumas e adornos cintilantes, em meio a outros adereços.



CAVALO-MARINHO

Deriva do Bumba-meu-boi e é praticado especialmente na Zona da Mata Setentrional. Embora seja uma variante do referido auto, tem características próprias. Nesse folguedo se destaca, naturalmente, a figura do Cavalo-marinho, animal em torno da qual o povo criou diversas lendas.



FREVO

Máxima expressão do carnaval pernambucano, embora se tenha espreado por todo o Nordeste, Frevo é uma dança que ganha as ruas e os salões no ciclo carnavalesco. É dançada individualmente. Acelerados e energéticos são os passos dos dançarinos, que, em rápidos movimentos, se abaixam e se alteiam, esticando e dobrando suas pernas. É uma dança que deriva da capoeira, de cujas lutas surgiram os passos ritmados e geométricos que a caracterizam. As sombrinhas coloridas, que muito simbolizam o frevo e que antes eram usadas como armas, tornaram-se adornos que também se prestam a ensejar equilíbrio e graça aos dançarinos, além de instrumento para acentuar seus malabarismos nessa eletrizante dança.

Mário de Andrade via no guarda-chuva dos passistas “uma desinência decadente (generalizada pelo auxílio de equilíbrio que isso pode dar) dos pálios dos reis africanos, até agora permanecidos noutras danças folclóricas nossas”, citado por Alceu Maynard Araújo (“Folclore Nacional”, Vol. II, “Danças * Recreação * Música”, pág. 231, Ed. Melhoramentos, pág. 254), o qual, por sua vez, assim se refere ao frevo: “dança alucinatória do carnaval pernambucano”. A música, ditada por trombones e pistões, em que, segundo ele, está a grande força dessa dança, “dá oportunidade para que a coreografia se enriqueça ao máximo com o frenesi dos seus praticantes” (op. cit., pág. 253).

O nome vem de “ferver”, “fervura”. Para a gente simples do povo, “frevura”, que culminou em “frevo”.

Foi incluído na lista do patrimônio imaterial mundial da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a



Cultura - UNESCO, em decisão anunciada em 05 de dezembro de 2012, durante sessão do Comitê Intergovernamental do Patrimônio Cultural Imaterial daquela Organização, recebida com “frevura” pela delegação brasileira em Paris, ocasião em que passistas pernambucanos, com os tradicionais guarda-chuvas coloridos, dançaram em pleno auditório.

O conceito de patrimônio imaterial abrange práticas e expressões que contribuem para a identidade de uma comunidade, e O frevo foi a terceiro manifestação brasileira reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade (em 2003, a Unesco havia considerado como tal a pintura corporal dos índios Wajãpi, do Amapá, e, em 2005, o samba de roda do recôncavo baiano).



MARACATU

Tal como as Congadas do Sudeste, o Maracatu relembra a coroação, pelos escravos, de seus reis, as chamadas coroações dos reis-de-congo. É característico de Pernambuco, mas recentemente também foi constatada sua forte presença em outros Estados do Nordeste.

Para alguns autores, o nome deriva de *maracá*, instrumento musical utilizado nesse folguedo. Para outros, é resultado do barulho produzido por determinado ritmo com tambores que os negros utilizavam como senha para avisar a proximidade da polícia. O som lembraria o vocábulo “ma-ra-ca-tu”. O instrumental (o “toque”) é formado por gonguê, tarol, caixa de guerra.

Vê-se no Maracatu, rico e colorido figurino, com bijuterias, espelhos e outros adereços cintilantes.



Com a libertação dos escravos, o Maracatu passou a integrar o carnaval.

Em muitos deles também se fazem presentes figuras representativas dos orixás do Candomblé.

Do cortejo, fazem parte rei e rainha, príncipe e princesa, duque e duquesa, embaixadores, dançarinas com roupas típicas de baianas, o porta-estandarte, e, entre outros, a dama-do-paço, que porta uma boneca chamada “calunga”.

Esse é o chamado maracatu nação ou baque virado. Mas há também outro tipo: o maracatu rural ou de baque solto. Seus “toques” são bem diferenciados, notadamente pela percussão acelerada e uníssona do surdo, pelo diversificado ritmo dos chocalhos e pelos sons característicos dos ganzás e instrumentos de sopro que se verificam. Os principais personagens desse outro tipo são os caboclos de lança, que saem na frente, abrindo espaço entre as pessoas com suas lanças de madeira, usando-as como se fazia originalmente na remoção de pés de cana-de-açúcar do caminho. Usam um manto, semelhante aos utilizados pelos canavieiros, só que com paetês, e também uma grande cabeleira feita com papel celofane.

PASTORIL

Folguedo também pertencente ao “ciclo natalino”, o Pastoril faz referência à adoração dos pastores ao Menino Jesus, por ocasião de seu nascimento. As “pastoras” (como são chamadas as integrantes desse folguedo) dividem-se em dois “cordões”, o Azul e o Encarnado. Usam saias, blusas, aventais, portando pandeiros. Da indumentária das pastoras pertencentes a cada um desses cordões, faz parte alguma peça da respectiva cor, azul ou encarnada. Há bailados, cantos, recitativos e diálogos homenageando o nascimento do Messias. É um folguedo muito conhecido e difundido no Nordeste, e “de modo especial em Pernambuco”, afirma Waldemar Valente (op. cit., pág. 26).



XAXADO

É uma dança proveniente do sertão pernambucano que se espalhou por todo o Nordeste, divulgada pelo cangaceiro Virgulino Ferreira da Silva, o “Lampião”, e seu bando, os quais, dizem, também seriam seus autores. “É dança de cangaceiro, dos cabras do Lampião”, canta-se. Inicialmente, era dançada apenas por homens, em festas e em preparativos para combates. Atualmente, já se verifica a participação feminina no Xaxado. Há passos rápidos, em que o pé direito cruza o outro, num sapateio deslizante e célere. Batidas no chão com os rifles ou fuzis, cujos tiros são às vezes disparados, também constituem uma marcação na coreografia. Do ruído das alpercatas (xá-xá-xá) usadas pelos “cabras”, derivou o nome “Xaxado”.



MITOS E LENDAS

ALAMOIA

Belíssima mulher, loura, misteriosa, olhos *neons*, que podem ser verdes ou azuis, cabelos lisos e compridos, vestida numa túnica muito transparente que chega quase a tocar o chão.

Assim a chamam porque loira é “alamoa” (alemã) para os habitantes de Fernando de Noronha, onde ela reside, nos altos picos do arquipélago.

À noite, surge nas praias, às vezes dança, nua, iluminada pelos raios que coincidem com sua aparição. Deslumbra, fascina, enche de desejo os desavisados que com ela se defrontam _ e, de medo os pescadores que já a conhecem e dela correm, espavoridos, pois o apaixonado que ao seu namoro não resiste e se põe a segui-la, nunca mais é visto.

Dizem que a Alamoia atrai com seu fascínio os que por ela se apaixonam, guiando-os para os picos da ilha, onde se transforma numa medonha caveira.

“Há até uma lenda a respeito da existência, em tempos muito antigos, de um reino encantado na ilha, governado por uma rainha loura, mas quando as caravelas começaram a chegar à região, sua magia acabou.

Os palácios viraram pedras, as portas e cortinas foram transformadas em rochedos, tudo desapareceu. Só a loura rainha continua no lugar onde foi seu reino e, de vez em quando, aparece como se fosse ainda nos tempos em que reinava por lá” (Carlos Felipe e Maurizio Manzo, “O Grande Livro do Folclore”, Belo Horizonte: 2000, Ed. Leitura, pág. 57).



CORPO SANTO

Afirma-se que aconteceu em Recife.

Numa noite de inclemente tempestade, alguém correu ao Convento do Carmo. A porta lhe foi aberta. Era um senhor bem idoso pedindo abrigo. O porteiro do convento, porém, mandou-o embora, dizendo-lhe que procurasse outro lugar para dormir.

O idoso senhor saiu, sob forte chuva, e tentou novamente pedir ajuda na igreja velha de São Pedro. O sacristão o acolheu, providenciando-lhe pouso na sacristia.

Na manhã seguinte, o sacristão, surpreso, notou que o inesperado hóspede desaparecera, deixando em seu lugar uma imagem do Senhor Bom Jesus dos Passos.

A história ganhou notoriedade: o santo tinha pousado na sacristia daquela velha igreja. Um culto à imagem se iniciou.

Um conflito em torno da posse da imagem se deflagrou entre representantes da



velha igreja e do referido convento, em que estes alegaram ter sido para ali que inicialmente o santo se dirigira (apesar de lhe terem negado abrigo). Teria havido, então, um acordo: a imagem permaneceria na igreja de São Pedro, mas, uma vez por ano, seria levada para o aludido convento. É por essa razão que, na Procissão dos Passos, em tempos remotos, a imagem do Senhor do Corpo Santo era conduzida até o convento, retornando depois para a igreja.

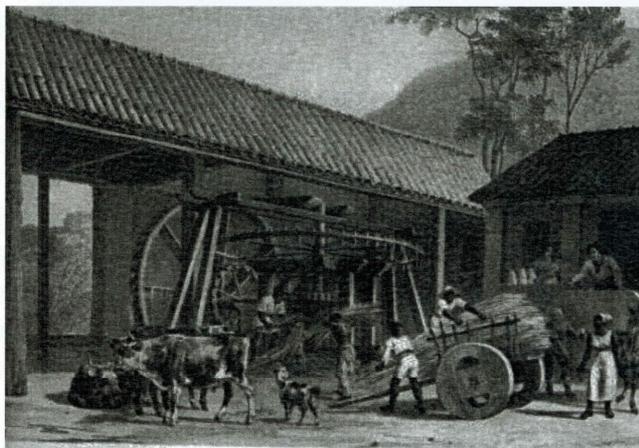
Depois de derrubada a velha igreja, a imagem foi levada para outro templo, a de Madre de Deus, no qual ainda se encontra.

O ENGENHO MAL-ASSOMBRADO

À meia-noite, no silêncio de um engenho abandonado, daqueles chamados banguês de bem remotos tempos, ruídos começam ser ouvidos. Máquinas há muito enguiçadas voltam a funcionar, e de toda parte aparecem vultos que, sob o comando do feitor, assumem seus postos de serviço, dando início às atividades. Chegam carros de bois, para ali transportando a cana cortada no canavial. Podem-se ouvir os estalos dos cilindros das moendas. O tombador de cana realiza seu trabalho. O carregador de bagaço vai retirando os restos e carregando para fora.

Fornalhas se acendem. Caldeiras esquentam. Os tachos cheios exalam doce aroma de garapa fervente. Os guieiros e cambiteiros de bois também executam suas funções. O engenho revive tempos esquecidos.

Por várias horas dura o encantamento.



No entanto, com a aproximação da aurora, o engenho vai reduzindo seu movimento. As máquinas enferrujam novamente, os trabalhadores começam a reduzir seu ritmo, até não mais se moverem e começarem a desaparecer, tornando-se sobras que vão se desfazendo à medida que o sol vai surgindo, encerrando mais uma noite assombrada no engenho.



VAQUEIRO MISTERIOSO

Ele surge montado num cavalo aparentemente capenga, estropiado. Parece um vaqueiro muito humilde, se afigurando frágil, mal vestido, com um chapéu gasto a lhe ocultar parcialmente o rosto. Não se sabe de onde vem, nem seu verdadeiro nome. Ninguém lhe dá atenção nem dá nada por ele. Quando se oferece para participar de vaquejadas ou outros certames com gado, zombam e caçoam do forasteiro. Acontece, porém, que



na hora das disputas ele se revela um vaqueiro hábil como ninguém, conhecedor de grandes segredos. Seu cavalo torna-se então, um veloz e beligeros ginete. Ele reúne todo o gado, no curral, sozinho e em pouco tempo. Domina facilmente os mais ferozes touros. Nas vaquejadas, não há novilho, não há garrote, que escape à derrubada do vaqueiro misterioso. Enfim, acaba sendo ele o grande campeão. Terminados os torneios e as festas, ele, alegre, bom garfo e grande bebedor, recusa os sedutores convites das mulheres, assim como as ofertas dos fazendeiros de bem remunerados trabalhos; apenas recebe os prêmios e se vai, para reaparecer depois em outras paragens.



ARTESANATO

Em Pernambuco existem vários gêneros de artesanato, com diversificada matéria-prima. Encontram-se peças de cerâmica artesanal (louças, bonecos e outras figuras); de flandres (candeeiros); de fibra e de palha (chapéus, vassouras, espanadores); de pano (bonecas); esculturas de madeira (carrancas, brinquedos, imagens de santos); de papel (papagaios).



A riqueza do artesanato local se valoriza pela obra do saudoso Vitalino Pereira dos Santos, grande nome do artesanato nordestino, o “Mestre Vitalino de Caruaru”, obra que se perpetua pelas mãos de seus descendentes e discípulos.

Na atualidade, mais de três mil artesãos vêm transformando a vila de Alto do Moura, segundo se afirma, no maior centro de arte popular do mundo.

CULINÁRIA

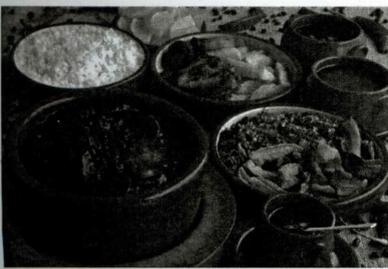
A região Nordeste é a que apresenta a culinária mais diversificada do Brasil.

Alguns pratos se pode dizer que são “nordestinos”, pois se encontram por toda a região, como paçoca de carne-de-sol ou carne-seca, buchada de bode, mungunzá, cocada, quebra-queixo, cuscuz (milho ralado e coco), e, entre outros, o sarapatel (prato feito com miúdos de porco).

De tão variada “é uma culinária, que poderia até ser dividida por Estados”, ressaltam Carlos Felipe e Maurizio Manzo (op. cit., p. 79).

Vejam, então, alguns exemplos mais característicos de Pernambuco: o quibebe (pirão de jerium) o arroz de coco; o arroz de caldo; a sopa de arroz





com farinha; a sopa de macaxeira; o caldo de cabecinha; a omelete de arroz; o peixe de escabeche; o camarão de coco; o guaiamum frito; a farófia do sertão; a casquinha de lagosta; as tapiocas de coco e as tapiocas molhadas, envolvidas em folhas de bananeira; os bredos de coco. Citemos ainda algumas guloseimas: os raminhos feitos de doce de banana, o doce de araçá; os funis alongados de papel, adornados nas beiradas com papel de seda, contendo farinha de castanha com açúcar; as próprias castanhas açucaradas, etc.

CANGACEIROS

Cangaceiros eram salteadores que agiam no sertão nordestino. A figura do cangaceiro ainda vive na cultura popular, sendo tema de inúmeras manifestações, a exemplo de danças, músicas, artes plásticas e literatura de cordel, fazendo-se presente também na cultura de massa.

O vocábulo deriva de “canga”, “jugo de madeira que une uma junta de bois para que façam a tração de carroças”. Os



cangaceiros, em suas andanças, carregavam seus pertences nos ombros. Daí a origem dos nomes “cangaceiro” e “cangaço” (na acepção de “gênero de vida dos cangaceiros”).

O mais famoso deles, o “Rei do Cangaço”, foi Virgulino Ferreira da Silva, o “Lampião”, nascido em Pernambuco, onde atualmente é o município de Serra Talhada, em 4 de julho do 1898 (diverge-se sobre a data).

Os relatos sobre eles são os mais diversos. Fala-se de um violento assassino, ladrão, estuprador, ao mesmo tempo em que seus feitos são enaltecidos em narrativas que fazem dele uma espécie de Robin Hood do sertão, que roubava dos ricos e auxiliava os pobres.

Era um líder congênito. Dizem que, mesmo cego de um olho, tinha uma mira invejável.

Ele encontrou seu par, sua versão feminina, em Maria Bonita, que se tornou sua mulher, e também se celebrou depois de ter se juntado ao bando de Lampião.

Lampião e seus cabras conseguiam se refugiar com sucesso, graças a uma rede de couteiros, que os protegiam, por simpatia, ou por medo.

Enfrentou com sucesso policiais militares de vários Estados nordestinos (“macacos”, segundo os cangaceiros), até que, em 28 de julho de 1938, numa emboscada na fazenda Angico, em Sergipe, ele, Maria Bonita e nove de seus cabras, pegos de surpresa, cercados, sem condições de reagir a um fogo cruzado, acabaram mortos e decapitados. Suas cabeças foram exibidas como troféus nas escadarias da Igreja de Piranhas, em Alagoas.

O cangaço teria chegado ao fim no governo de Getúlio Vargas (1930-1945), com o reforço do aparato policial estatal.

Tais fatos, no entanto, não foram capazes de impedir o surgimento de inúmeras versões de que o Rei do Cangaço não tinha sido morto. Teria fugido para o interior de Goiás, ou para o Triângulo Mineiro, onde teria vivido incógnito até morrer, “de morte morrida”. É o que povo diz.





Folclore: breve histórico do termo e as novas perspectivas de estudos

Estêvão Amaro dos Reis
Universidade Estadual de Campinas
estevaoreis@yahoo.com.br

FOLCLORE. UM BREVE HISTÓRICO

Se é proposto aos homens escolher entre os costumes que existem, os mais belos, cada um escolherá os de seu país, porque cada um julga seus próprios costumes superiores aos dos outros.¹

O termo Folclore é um termo inventado a partir da fusão de outros dois vocábulos do inglês antigo e nunca foi uma unanimidade. Segundo Dan Bem-Amos (1971) os conceitos para defini-lo foram tantos e tão diversos quanto as versões dos contos e lendas mais conhecidos. Carlos Rodrigues Brandão (1984, p. 27) em seu livro *O que é Folclore*, ressalta que “Folclore é uma palavra que já nasce entre parênteses”.

O termo aparece grafado pela primeira vez em uma carta endereçada à Revista inglesa *The Atheneum*, publicada na edição de nº 982, de 22 de agosto de 1846. Na carta, William John Thoms, sob o pseudônimo de Ambrose Merton, demonstra o interesse pelo que na Inglaterra se convencionou chamar de “Antiguidades Populares” ou “Literatura Popular” e solicita apoio para a tarefa de “recolher as poucas espigas que ainda restam espalhadas no campo no qual os nossos antepassados poderiam ter obtido uma boa colheita” (Lima, [1952] 2003a). Destaca que o seu trabalho se ocuparia de um saber específico, o saber popular, muito além do que simplesmente uma “Literatura Popular” e sugere uma nova palavra para denominar o novo campo de estudos.

[...] embora seja mais precisamente um saber popular do que uma literatura popular e que poderia ser com mais propriedade designado com uma boa palavra anglo-saxônica, *Folk-Lore*, o saber tradicional do povo [...] (Trecho da carta de William Thoms, In: Rossini Tavares de Lima, [1952] 2003^a, p. 2-3; Brandão, 1984, p. 27).

A confirmação do termo ocorre somente em 1878, trinta e dois anos após a carta de Thoms, quando um grupo de tradicionalistas, mitólogos, arqueólogos, pré-historiadores, etnógrafos, antropólogos, psicólogos e filósofos fundam a Sociedade de Folclore de Londres. (Brandão, 1984, p. 28), que teve como presidente o próprio William Thoms.

¹ Heródoto apud Popoff, 2010.



[das] *narrativas tradicionais*, como os contos populares, os mitos, lendas e histórias de adultos ou de crianças, as baladas, “romances” e canções; os *costumes tradicionais* preservados e transmitidos oralmente de uma geração a outra, os códigos sociais de orientação da conduta, as celebrações cerimoniais populares; os *sistemas populares de crenças e superstições* ligados à vida e ao trabalho, englobando, por exemplo, o saber da tecnologia rústica, da magia e feitiçaria, das chamadas ciências populares; os *sistemas e formas de linguagem*, seus refrãos e adivinhas. (Brandão, 1984, p. 28-29).

Posteriormente à criação da Sociedade de Folclore de Londres, alguns estudiosos sugeriram a distinção entre *folclore* e *Folclore*, significando, respectivamente, os modos de saber do povo e o saber erudito que estuda aquele saber popular. (Brandão, 1984, p. 28).

No entanto, o campo de estudo que posteriormente se convencionou chamar de folclore já existia antes da aceitação do termo sugerido por Thoms. O termo etnografia, compreendido como a “descrição dos povos”, surge em 1807 por sugestão de Camper e em 1808 o termo alemão *volkskunde* aparece na obra de L. A. Armim e K. Benrano, *volk* significando povo e *kunde* estudo ou conhecimento. Mesmo após a confirmação do termo, diversos estudiosos utilizaram outras nomenclaturas para designar os seus estudos: *folkways*, tradicionalismo, antropologia, demopsiquia, demosofia, demopedia, tradições populares, demopsicologia, ciência dêmica, são alguns exemplos da variedade de termos utilizados para denominar os estudos de folclore.

Em 1900, a Enciclopédia Portuguesa Ilustrada traduziu folclore como “a ciência do povo”, definindo-o como o “ramo da arqueologia que recolhe a literatura, as tradições e os usos populares” (Rui Ramos, 2000, p. 25).

É importante ressaltar que apesar dos esforços para encontrar uma definição que delimitasse o seu campo de atuação, durante toda a metade do século XX o termo folclore esteve atrelado a inúmeras correntes e influências que atravessavam constantemente esse emaranhado da etnografia e dos saberes populares. Para Dan Ben-Amos, (1971, p. 38) as dificuldades experimentadas ao se definir o folclore advêm da sua própria natureza. O autor assinala que contribuíram para esta proliferação tanto as definições semânticas quanto as teóricas e, neste sentido, o *volkskunde* alemão, o *folkminne* sueco e o *lok sahitya* hindu acarretam significados ligeiramente diferentes que o termo folclore não pode sincretizar por completo.

No entanto, apesar do embate entre as várias correntes de pensamento que se dedicam aos estudos da cultura e destarte os inúmeros vocábulos utilizados neste período, “folclore” prevaleceu e hoje o termo é utilizado em todo o mundo.

As primeiras definições do que na Inglaterra era chamado de “Antiguidades Populares” – e que Thoms posteriormente procurou substituir por folclore – encontravam-se envoltas em uma “bruma romântica e traziam implícitos os critérios relativos à antiguidade do material, ao anonimato e caráter coletivo da composição e à simplicidade do povo” (Ben-Amos, 1971, p. 39). Esta aura romântica, na qual se encontravam envoltos os estudos de folclore, tem sua origem em um processo que se inicia no final do século XVIII, em consequência dos processos de Reforma e Contra Reforma da Igreja e da Guerra dos Trinta Anos, o que fez com que no século XVIII a Alemanha se fragmentasse dividida em mais de 1800 comarcas, com pouca ou nenhuma ligação entre elas (Suzel Ana Reily, s.d.).

Em consequência desta fragmentação um sentimento nacionalista ganha corpo e percorre toda a Europa durante todo o século XIX. Neste cenário surge o conceito de *folk* (com o sentido de popular, de povo) quando Gottfried von Herder (1744-1803) lidera um movimento cujo discurso tinha por objetivos ligar o “povo” a “nação”, como assinala Reily, (s.d. p.2).



Em um esforço para estabelecer um terreno cultural comum capaz de conferir alguma unidade sobre a região, Herder liderou um movimento para despertar o legado perdido da “nação”. Ele sustentou que o germânico só poderia ser recuperado através da investigação das formas de expressão – especialmente as formas poéticas – que ainda sobreviviam entre aqueles que encarnavam a “alma nacional”, ou seja, “o provo”, ou o campesinato. (Reily, [s.d. p. 2).

Não é por acaso que Herder elege o componês alemão como o representante da “alma nacional”. Herder vislumbra a possibilidade de apresentar às classes privilegiadas uma dimensão “emocional” – ou seria irracional, como aponta Reily ([s.d.]) – através do seu modo de vida, ainda isolado do processo de “civilização” e das suas formas expressivas, ainda não contaminadas pelos valores “racionais” do Iluminismo como ocorrido com as elites (Reily, [s.d.]). No modo de vida do camponês alemão se encontrariam os elementos característicos da “alma nacional” germânica, capazes de construir e concretizar, através de um sentimento de pertencimento, o conceito de nação para o povo germânico.

Neste sentido, os estudos englobados pelo folclore em seu momento inicial concentraram-se principalmente na possibilidade de investigar as características daqueles sujeitos percebidos como portadores de “antiguidades”, as “Antiguidades Populares” como definiu posteriormente Willian Thoms.

Para compreender o motivo da influência que a definição – a “ciência das Antiguidades Populares” – exerceu nos estudos de folclore, precisamos lembrar que o folclore como forma de conhecimento científico está inserido no contexto do evolucionismo inglês, representado por Charles Darwin e Herbert Spencer. Surge a partir de uma necessidade histórica da burguesia, apoiada na filosofia positivista de Auguste Comte, que consistia no modo de compreender a vida humana e os fenômenos a ela relacionados, com destaque para os fenômenos culturais.

O modo como os positivistas compreendiam a vida humana suscitava estudos dessa natureza, cuja finalidade era responder a uma questão essencialmente prática: “determinar o conhecimento peculiar ao povo, através de elementos materiais e não materiais que constituíam a sua cultura”. (Fernandes, 1978, p. 38).² Apoiados nesta concepção, os pioneiros dos estudos de folclore admitiam que “o folclore abrangia tudo o que culturalmente se explicitasse como apego ao passado, compreendendo todos os elementos que a secularização da cultura substituíria por outros novos”. (Fernandes, 1978, p. 39).

Todavia, ao conceber o desenvolvimento da sociedade como algo gradual, no qual a sociedade passaria de maneira sucessiva de uma fase a outra, a perspectiva positivista revelava-se insuficiente, posto que, na nova fase persistiria a ocorrência de elementos das fases imediatamente anteriores, as chamadas “sobrevivências” como destaca o autor. Tais “sobrevivências” ocorreriam devido ao pressuposto de que o “progresso” não se processaria de maneira uniforme na sociedade, produzindo, dessa maneira, camadas da população excluídas do seu processo de desenvolvimento. E neste sentido, todos os elementos culturais que se referissem ao passado seriam incompatíveis com o pensamento científico e, conseqüentemente, o patrimônio cultural dos indivíduos integrantes dessas camadas não estaria em sintonia com a “cultura tomada como um todo orgânico”, Fernandes (1978, p. 38), deixando de refletir integralmente a evolução cultural da sociedade.

A ocorrência de “sobrevivências” representava um problema a ser solucionado pelo pensamento evolucionista, pois comprometia sistematicamente o esquema de compreensão da vida, o estado considerado “positivo”, estabelecido teoricamente por Comte. Como resolver esta questão?

2 Para os autores o termo significava o patrimônio cultural das classes mais elevadas, transmitida por meios escritos, compreendendo todo o conhecimento científico. O termo folclore englobaria todos os elementos transmitidos oralmente, o que poderia considerar como “a cultura das classes baixas” (Fernandes, 1978, p. 38).



A existência de “sobrevivências” acarretaria formas de conduta incompatíveis com os valores característicos e dominantes. Assim sendo, surge a hipótese de que a partir da relação de tais “sobrevivências” com as fases imediatamente posteriores do desenvolvimento da sociedade, emergiria uma nova forma de conhecimento, o “saber do povo” nas palavras de Thoms. E o “saber do povo”, ao ser considerado uma nova forma de conhecimento, exigiria por extensão uma nova ciência que se ocupasse do seu estudo, ou seja, a ciência do “saber popular”, a ciência do folclore.

Acompanhando o pensamento de Dupey (2012), a “ciência das antiguidades populares”, ou a ciência do folclore, se ocuparia do estudo dos sujeitos portadores de manifestações culturais,

que se diferenciavam daquelas que expressavam uma modernidade, atravessada por significativos processos de urbanização, industrialização, pela comunicação, pela racionalização do sistema econômico e pela reestruturação do sistema social e moral no século XIX. (Dupey, 2012, p.45).

Por conseguinte, os atributos dos chamados grupos *folk*, ou seja, o conhecimento das pessoas das zonas rurais, arraigadas na terra e vivendo no passado, era analisado em oposição ao conhecimento das pessoas modernas e cosmopolitas. De um lado, a sociedade urbana comprometida com o momento presente, no qual se aplicava o método racional em todas as atividades possíveis, que se encontrava em franco processo de automatização do trabalho e onde o conhecimento se acumulava e se difundia através da mediação da escrita. De outro, os grupos portadores de um conhecimento estruturado na interação social e difundido através da transmissão oral, dotados de valores morais tradicionais que os diferenciava da sociedade em geral. (Dupey, 2012).

O paradigma construído através da dicotomia grupos *folk* – conhecimento dos grupos de pessoas ligadas a terra e vivendo no passado – em oposição ao conhecimento dos grupos de pessoas das sociedades urbanas e cosmopolitas prevalece desde os tempos de Thoms até meados do século XX e ainda que, com pequenas diferenças, o folclore foi considerado a “Ciência das Antiguidades Populares”.

A CIÊNCIA DO FOLCLORE NO BRASIL

A prerrogativa de se conceber o folclore como uma ciência nova, independente e autônoma foi fundamental para as ações tomadas no Brasil nos anos 1930, período em que os esforços são canalizados no país na tentativa de se transformar o folclore em ciência. Para a viabilização deste projeto, três ações foram decisivas: o curso de Etnografia e Folclore (1936); a Missão de Pesquisas Folclóricas (1938); e a fundação da Sociedade de Etnografia e Folclore – SEF (1937).

O Curso de Etnografia e Folclore promovido pelo Departamento de Cultura de São Paulo foi o primeiro curso de Etnografia em nível universitário no Brasil. O curso foi ministrado por Dina Strauss, esposa de Lévi-Strauss, e formou alunos que posteriormente integrariam o projeto da Missão de Pesquisas Folclóricas. Claude Lévi-Strauss e Dina Strauss haviam chegado recentemente ao Brasil, contratados como professores da recém-fundada Universidade de São Paulo. À época o Departamento de Cultura de São Paulo se encontrava sob a direção de Mário de Andrade.

No discurso inaugural do curso, Mário de Andrade indica as diretrizes que norteariam os trabalhos a partir deste momento.

O Departamento Municipal de Cultura inicia agora o primeiro de seus cursos livres, propondo como objetivo de nossas cogitações a Ciência da Etnografia. Não foi ao acaso que escolhemos a Etnografia, ela se impôs. Quem quer que, mesmo diletantemente como eu, se dedique a estudos etnográficos e procure na bibliografia brasileira o conhecimento da formação cultural do

nosso povo, muitas vezes



desanima pensativo, diante da facilidade, da leviandade detestável, da ausência muitas vezes total de orientação científica, que domina a pseudoetnografia brasileira (...) Colher, colher cientificamente nossos costumes, nossas tradições populares, (...) esta deve ser a palavra de ordem de nossos estudos etnográficos (...). (Trecho do discurso proferido por Mário de Andrade na inauguração do curso de Etnografia em 1936, In: Sandroni, 2011).

Com o intuito de “colher cientificamente nossos costumes” (Sandroni, 2011 apud Andrade, 1936), tem início em 1938 a Missão de Pesquisas Folclóricas.

Coordenada por Mário de Andrade e composta pelo engenheiro e arquiteto Luís Saia (chefe da missão), pelo músico Martin Braunwieser, pelo técnico de gravação Benedicto Pacheco e por Antônio Ladeira que tinha a função de auxiliar geral, a Missão de Pesquisas Folclóricas teve por objetivo “recolher documentos, textos, indumentárias, filmes e fotografias que pudessem esclarecer sobre o folclore musical, inicialmente nas regiões Nordeste e Norte do Brasil.”³ (Sandroni, 2011).

Apesar dos estudos de Mário de Andrade, neste momento, concentrarem-se principalmente no folclore musical, a Missão recolheu uma grande quantidade e variedade de material etnográfico e o curso “Instruções Práticas Para Pesquisa de Antropologia Física e Cultural”, ministrado por Dina Strauss, forneceu a metodologia utilizada pelo grupo da Missão e culminou com a fundação da Sociedade de Etnografia e Folclore (SEF), ainda nos anos 1930. (Sandroni, 2011).

Foram recolhidos instrumentos musicais, ferramentas de trabalho, artes decorativas, roupas e tecidos e objetos litúrgicos de diferentes orientações religiosas (especialmente dos Xangôs do Recife, apreendidos pela polícia num momento histórico em que os cultos de matriz africana eram duramente perseguidos no Brasil). Além disso, foram produzidas por meios áudio-visuais centenas de horas de cantigas populares e filmes documentais em localidades espalhadas pelos estados de Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Piauí. (Sandroni, 2011).

Não obstante, o projeto da Missão de Pesquisas Folclóricas ter ocorrido em 1938, o seu embrião remete à década anterior, em 1928, fase em que o trabalho de campo se intensificou na vida do pesquisador Mário de Andrade, como assinala Toni (2008). É importante considerar que este período coincide com a chegada de uma nova tecnologia ao Brasil: o sistema elétrico de gravação.

Iniciada nos Estados Unidos em 1925, o desenvolvimento da gravação elétrica advém de uma necessidade provocada pela expansão do rádio nos anos 1920, na Europa e nos Estados Unidos, e chega ao Brasil em 1927 (Cardoso Filho, 2009), precisamente um ano antes da concepção do projeto da Missão de Pesquisas Folclóricas.⁴ Sai de cena o fonógrafo, ícone do sistema de gravação mecânica, entra em cena o microfone, principal ferramenta do sistema elétrico de gravação.

Toni (2009) chama a atenção para o fato de que Mário de Andrade se interessou rapidamente pela nova tecnologia e que apesar de ainda não possuir o equipamento necessário para o seu trabalho, recebia as revistas especializadas em música da Europa, contendo as resenhas dos lançamentos sobre as gravações das músicas de Bach, Mozart, Schubert, entre outros. Através destes periódicos, Mário de Andrade tomava conhecimento das iniciativas empreendidas mundo afora no intuito de preservar o folclore, como por exemplo, “a iniciativa do Conselho de Ministros da Itália, que criara uma “Discoteca do Estado”.” (Toni, 2009, p.2).

A autora assinala que para Mário de Andrade, a atitude do Conselho italiano

3 Sandroni, Carlos. *Os ex-votos na “Missão de Pesquisas Folclóricas” (1938)*, In. Expressões Votivas da América. Disponível em: <<http://exvotosargentina.wordpress.com/tag/carlos-sandroni/>> Acesso em: 05 dez. 2013.

4 Em julho de 1927, a Odeon dava um passo à frente na fonografia nacional com o lançamento da série 10.000, contendo as primeiras gravações pelo sistema elétrico. O cantor escolhido para a estreia desse formato em disco foi Francisco Alves. (Cardoso Filho, 2009, p. 91).



implicava a compreensão da “necessidade de se registrar as músicas cantadas em diversas regiões, músicas que vinham sendo esquecidas” (Toni, 2009, p.2), o que se reflete no artigo escrito por Mário de Andrade para o Diário Nacional.

O texto destaca o valor do material que seria coletado e a importância da nova tecnologia para os trabalhos de pesquisa de campo.

Nossa música popular é um tesouro prodigioso, condenado à morte. [...] São as nossas sociedades que podem fazer alguma coisa para salvar esse tesouro que é de grande beleza e valor étnico inestimável. (Toni, 2008 apud Andrade, 1928).

E aponta as dificuldades encontradas durante o trabalho de transcrição dos cantos e das músicas folclóricas.

A gravação manuscrita é insuficiente porque dada a rapidez do canto é muito difícil escrevê-lo e as palavras que o acompanham. Tanto mais que a dicção e a entoação dos cantadores é extremamente difícil de ser verificada imediatamente com nitidez. Usam uma nasalização e um portamento constante tão sutil, ao mesmo tempo que o rubato rítmico de imprevistos tão surpreendentes e livres que o músico fica quase na impossibilidade de traduzir imediatamente na escrita o que está escutando. Por tudo isso o fonógrafo se impõe. (Toni, 2008 apud Andrade, 1928).

Tendo isto considerado, o material recolhido pela Missão de Pesquisas Folclóricas produziu um rico acervo, ainda hoje utilizado por inúmeros pesquisadores.

Os estudos folclóricos de Mário de Andrade inauguram um novo campo de investigações (Fernandes, 1978) e a criação da Sociedade de Etnografia e Folclore representa no Brasil, o esforço para a institucionalização do folclore e a afirmação da necessidade de torná-lo condizente com as exigências da produção do saber científico. (Travassos, 2002).

OS CONTEXTUALISTAS

No final dos anos 1960 um movimento formado por um grupo de jovens pesquisadores, oriundos do meio acadêmico norte americano, propõe uma nova abordagem para os estudos de folclore. O movimento ficou conhecido como os contextualistas, nomenclatura dada por Richard Dorson, à época diretor do Instituto de Folclore da Universidade de Indiana. Tendo como estrutura os estudos da *performance*, suas ideias foram publicadas originalmente em 1972 no livro *Toward New Perspectives in Folklore*, editado por Americo Paredes e Richard Bauman.

O livro, cujo conteúdo referia-se a um conjunto de estudos realizados entre os anos de 1966 e 1969, reunia artigos de Richard Bauman, Dan Bem-Amos, Roger D. Abrahams, Keneth Goldstein, Alan Dundes, entre outros. (Martha Blache, 1995).

Logo na introdução do seu livro Richard Bauman alerta para o fato de que, não há consenso sobre o conceito de *performance* utilizado pelos autores produtores dos artigos contidos na obra. Entretanto, observa que os trabalhos encontram-se em sintonia com as transformações processadas nos campos dos estudos de folclore, a partir de meados dos anos 1960.

Bauman verifica uma mudança de orientação nestes estudos, que passam a considerar o folclore como um processo e não mais como um produto, como era concebido até então pela grande maioria dos folcloristas. (Martha Blache, 1995). Esta nova perspectiva opõe-se às teorias dos primeiros estudiosos do folclore.

De acordo com Bauman (1971), os primeiros folcloristas consideravam o folclore como um fenômeno intragrupal, virtudes peculiares intrínsecas surgidas de sua própria existência dentro de um grupo homogêneo, mais ou menos peculiar. A aceção universal de certos gêneros como próprios do folclore, independentemente do enfoque que se tenha da natureza essencial do folclore. (Bauman, 1971, p. 20-32). Dito de



outro modo, o foco das investigações estava centrado na natureza folclórica das coisas.

Desde o começo do estudo moderno do folclore, a ideologia do nacionalismo romântico colocou o acento sobre o que distingue o folclore nas unidades culturais e despertou o interesse dos folcloristas pelas tradições das culturas nacionais, subculturas regionais e unidades étnicas linguisticamente definidas. (Bauman, 1971, p. 22).

Bauman assegura que,

enquanto se conceituar o folclore como um domínio independente de produtos culturais relacionados de forma abstrata, com algum corpo homogêneo de pessoas identificado como folclórico e que dele participam coletivamente, não se poderá terminar de compreender o uso do folclore em situações de identidades diferencial. (Bauman, 1971, p. 30).

E propõe que,

a verdadeira compreensão da base social do folclore deve basear-se em investigações que se concentrem nas identidades sociais que são pertinentes para a atuação do folclore dentro do contexto de situações e acontecimentos particulares, porque somente aí é onde vamos encontrar o verdadeiro lugar que ocupa a interpelação entre folclore e seus portadores. (Bauman, 1971, p. 30).

Esta mudança de orientação coloca a ênfase na *performance*.

Marta Blache (1995) assinala que o desenvolvimento dos estudos centrados na *performance* permearam todas as disciplinas sociais, especialmente no último quarto do século XX. Os problemas suscitados pelos estudos relacionados à *performance* incidiram sobremaneira sobre o folclore, pois forneceram um marco interpretativo de trabalho que ajudaram a compreender de maneira mais incisiva o uso, na vida social, dos diversos gêneros da narrativa oral.

Na introdução de seu livro *Narrativa Folclórica (II)* – uma compilação dos textos dos contextualistas – a autora destaca que o pressuposto teórico utilizado por vários destes jovens autores originou-se das ideias propostas por Dell Hymes para o estudo da “etnografia da fala”, termo mais tarde substituído por “etnografia da comunicação”. Em um artigo publicado em 1962 Hymes discorre sobre o papel da linguagem na vida social e questiona a concepção da linguagem como mero mediador entre sons e sentido, compreendendo que a linguagem tem ao mesmo tempo, tanto um significado referencial quanto social (Blache, 1995). Isto é, para Hymes, a função do “ato de fala”, ou seja, da comunicação, seria o ponto de convergência entre a linguagem e a vida social.

Neste sentido, o foco de Hymes está na variedade das formas de comunicação, cuja análise se faz através dos conceitos de competência e *performance* do filósofo Noam Chomsky (em substituição aos conceitos de língua e fala utilizados por Ferdinand de Saussure, 1857 – 1913). Segundo a autora, ao propor a “função da fala” como o elo entre a linguagem e a vida social, Hymes consegue relacionar de maneira significativa a linguagem com as situações, demonstrando que o “que se diz está em função de como se diz”. (Hymes, 1975, p. 43 apud Blache, 1995, p. 8). A *performance* então é entendida “como um princípio organizador que compreende o ato artístico, a forma expressiva e a resposta estética, vistos a partir dos próprios atores sociais e dos contextos específicos em que ocorrem.” (Blache, 1995, p. 8). Ao colocar o foco principal na *performance*, o trabalho de Bauman (1971) lança luz sobre a necessidade de se buscar uma nova estratégia conceitual para o estudo da base social do folclore.

O novo conceito proposto permite conceituar a base social do folclore de acordo com o lugar que o saber popular ocupa nas relações sociais e, conseqüentemente, o seu uso na interação comunicativa, criando um novo paradigma para os estudos de folclore. Sob esta nova ótica a preocupação pela descrição e análise permanecem, todavia não mais como um fim em si mesmo, mas de



integrar forma, função e *performance*.

A abstração acerca da natureza folclórica das coisas sai de cena, deixando espaço para os estudos da *performance*.

NOVAS PERSPECTIVAS DE ESTUDO

A importância de Mário de Andrade e a contribuição de seu trabalho para o folclore brasileiro atualmente é incontestável. Mas isto nem sempre foi assim.

No final dos anos 1970, Florestan Fernandes (1978) chamava a atenção para o pouco aproveitamento dos estudos de Mário de Andrade e para o fato de que seu trabalho ainda não havia sido convenientemente estudado. O autor tece críticas aos especialistas do folclore brasileiro, como Basílio de Magalhães e Joaquim Ribeiro, e contesta o fato de em suas obras haver apenas menções da contribuição de Mário de Andrade ao folclore musical e ao folclore regional paulista. (Fernandes, 1978). O autor considera que o trabalho de Mário de Andrade é importante por acrescentar investigações valiosas sobre outros temas do folclore brasileiro (folclore infantil, folclore do negro, escatologia popular, etc.), e destaca o seu papel

como pesquisador e investigador erudito e, particularmente, pela influência propriamente de presença, como animador e muitas vezes como orientador, exercida sobre um bom número de novos folcloristas.” (Oneyda Alvarenga, Luís Saia, Nicanor Miranda, Alceu Maynard Araújo, etc.). (Fernandes, 1978, p. 148).

Em um primeiro momento, Mário de Andrade acreditava que os elementos folclóricos se transferiam do plano folclórico para o plano erudito e, neste sentido, a arte erudita realizar-se-ia na e através da arte popular. Este pensamento contribuiu para o processo de desencantamento do folclore, considerando que o folclore, como algo novo, surgiria apenas como uma etapa necessária à arte erudita, naturalmente mais elaborada. (Fernandes, 1978).

Do mesmo modo que o sentimento nacionalista norteou as pesquisas de folclore na Europa (Reily, [s.d.], Mário de Andrade via o nacional no folclore. Entendia, assim como Van Herder, que era preciso buscar o nacional nas coisas simples do povo, que a “alma nacional” residiria nas expressões artísticas “intocadas” do povo, e que a partir delas o ideal de nação poderia ser construído e compreendido.

Este tipo de enfoque, a metodologia utilizada e a forma de análise empregada pelos pesquisadores brasileiros, eram oriundas de práticas europeias de pesquisa. Tais práticas já haviam despertado críticas em relação aos trabalhos executados, como analisa Dan Bem-Amos (1971). O método de investigação utilizado pelos folcloristas, baseado em um sistema tripartido, compreendendo recopilação, classificação e análise, impediu que “os estudos de folclore se convertessem em uma disciplina plenamente madura na comunidade acadêmica”. (Ben-Amos, 1971, p.53).

Bem-Amos sugere que este procedimento de análise surge como uma reação positivista do século XX, diante de algumas ideias de caráter mais especulativo naquele momento.

O estudo do folclore desenvolvido a partir do rechaço do evolucionismo cultural unilateral [...] tiveram suas próprias limitações e erros. Estes resultaram em parte de colocar o foco nos feitos. Em virtude do ponto de partida literário e filológico dos estudos folclóricos, o feito empírico foi um objeto, um texto, uma canção ou um provérbio, ou ainda uma palavra exilada. Este enfoque limitou as possibilidades da investigação do folclore e restringiu o alcance das generalizações que podiam incluir-se dos dados disponíveis. (Ben-Amos, 1971, p.53).

No Brasil, a soma destes fatores fez com que o trabalho dos



folcloristas fosse visto como uma mera coleção de “objetos folclóricos”. O foco no “objeto folclórico” desconsiderava toda a diversidade sociocultural que o conforma e o determina (Reily, 1990) e ao desconsiderar os atores sociais envolvidos, ou seja, os produtores das manifestações folclóricas, fez com que o termo folclore e, conseqüentemente o termo folclorista, adquirisse uma conotação pejorativa para muitos pesquisadores.

O sociólogo Florestan Fernandes (1978) mesmo valorizando os trabalhos de Amadeu Amaral, Sílvio Romero, Mário de Andrade, João Ribeiro, Pereira da Costa, Rodrigues de Carvalho, Afonso Arinos, Simões Lopes Neto, Alberto Faria, entre outros, e reconhecendo as contribuições de uma disciplina que se desenvolveu no Brasil antes mesmo da introdução do ensino universitário, foi pioneiro na crítica aos folcloristas brasileiros.

Ao que visam alcançar tais folcloristas, com suas afirmações enfáticas, com suas atitudes polêmicas e com suas deformações deliberadas das ideias ou das concepções dos que procuram estudar o folclore brasileiro de perspectiva etnológica ou sociológica? [...] Inclusive, se continuarem senhores da arena e conseguirem sucesso em suas maquinações, dentro de pouco os estudiosos do folclore temerão ser reconhecidos como folcloristas. (Fernandes, 1978, p. 34).

O embate se dá em um cenário de consolidação do ensino universitário no Brasil, no final da década de 1950, período que coincide com o desenvolvimento das ciências sociais. A partir de então, dois grupos são formados entre os pesquisadores sociais que se interessavam por folclore, os pesquisadores que estavam dentro da universidade; e os pesquisadores que ficaram de fora universidade. (Sandroni, 2010). Desse modo, o que poderia ser uma soma de esforços afastou os representantes das duas áreas.⁵ No entanto, o autor destaca a assimilação entre folclore e “conhecimento etnográfico cientificamente orientado”, ocorrido no Brasil em meados dos anos 1930.

Em 1982 houve uma melhora significativa nas relações entre folclore e universidade, a partir da gestão de Lélia Coelho Frota no então Instituto Nacional de Folclore. Nesse ínterim, são convocados para a instituição antropólogos e musicistas, Maria Laura Cavalcanti, Luiz Rodolfo Vilhena e Elizabeth Travassos, respectivamente, com o intuito de promoverem uma reavaliação dos estudos folclóricos no país, além de empreenderem novas pesquisas e orientações.

A partir da década de 1990 chega ao Brasil um campo de estudos que há algumas décadas havia se afirmado no exterior, o campo da Etnomusicologia. A Etnomusicologia se estabelece no Brasil já não mais sob a influência da herança dos primeiros folcloristas. (Fonseca, 2012). Os herdeiros da área temática do folclore – os etnomusicólogos – indicam um novo paradigma de pensamento sobre os estudos da cultura, deixando de priorizar a “busca das origens étnicas de determinados ‘traços’ culturais-musicais como seu problema mais importante”. (Fonseca, 2012, p. 7 apud Travassos, 2003, p. 76).

Rafael de Menezes Bastos (2004) resenha parte da produção recente do país na área de etnomusicologia, considerando o ponto de encontro entre a antropologia e a música. Destaca o fato de que na antropologia que se faz sobre o Brasil, os estudos sobre música sempre despertaram um grande interesse, em decorrência da importância destes estudos para a compreensão do país através das suas conexões como mundo e com os universos nele situados. (Menezes Bastos, 2004). Assinala que no Brasil, a disciplina encontra-se fortemente ancorada na tradição intelectual do país, especialmente no folclore e destaca que neste campo, o Brasil tem referentes “ancestrais comparáveis aos melhores do mundo, como Mário de Andrade, Guerra Peixe, Luiz Corrêa de Azevedo, entre outros” (Menezes Bastos, 2004, p. 4).

Atualmente no Brasil, o campo da Etnomusicologia encontra-se em franco

⁵ Sem desconsiderar que muitas pesquisas deste período relacionadas ao folclore foram empreendidas por sociólogos: Roger Bastide escreveu sobre cafuné, Florestan Fernandes escreveu sobre trocinhas do Bom Retiro, Maria Isaura Pereira de Queiroz sobre dança de São Gonçalo, Otávio Ianni sobre samba de terreiro em Itu. (Sandroni, 2010, p. 4-5).



desenvolvimento e engloba grande parte dos estudos relacionados à área temática do folclore. O caráter interdisciplinar da Etnomusicologia favorece o diálogo constante com as outras áreas do conhecimento, possibilitando novos olhares e novas perspectivas de atuação, que podem contribuir sobremaneira para forma de se estudar o folclore.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. "Folclore", in: MORAES, Rubem Borba de & BERRIEN, William. MANUAL BIBLIOGRÁFICO DE ESTUDOS BRASILEIROS. Rio de Janeiro: Souza, 1949. P. 286. *apud* TRAVASSOS, Elizabeth. *Mário e o folclore*. In. ROSSETI, Marta. (Org.). Revista do Patrimônio Histórico e Nacional/ IPHAN, Mário de Andrade. Rio de Janeiro, 2002, p. 91-109.

ANDRADE, Mário de. *Danças Dramáticas do Brasil*. (Org.) Oneyda Alvarenga. São Paulo: Martins, 1959, 3 t.

BLACHE, Marta. (Org.). *Narrativa folclórica (II)*. Buenos Aires: Fundación Argentina de Antropología, FADA, 1995.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é folclore*. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

CARDOSO FILHO, Marcos Edson. *Pelo Gramofone: a cultura da gravação e a sonoridade do samba (1917 – 1971)*. Belo Horizonte, 2008. 215f. Dissertação de Mestrado em Música. Escola de Música, Universidade Federal de Minas Gerais.

DUPEY, Ana Maria. *Artesanos contemporâneos entre la creación y el mercado*. 1ª ed. Buenos Aires: Malaspina, 2012.

FLORESTAN, Fernandes. *O folclore em questão*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FONSECA, Edilberto José de Macedo. *Etnomusicologia e Folclore: o caso do levantamento folclórico de Januária-MG e as gravações etnográficas das músicas de tradição oral no Brasil hoje*. In: Música e Cultura nº 4. Rio de Janeiro: 2012 p. 1- 10.

LIMA, Rossini Tavares de. *Abecê do folclore*. 7º ed. São Paulo: Martins Fontes. (Raízes), 2003.

_____. *A ciência do folclore*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes. (Raízes), 2003..

MENEZES BASTOS, Rafael. *Etnomusicologia no Brasil: Algumas Tendências Hoje*, 2004.

POPOFF, M. L. C. *As perversões ficcionais da representação: De Vaimaca Peru a Antonio Conselheiro*. 2009. 233 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

REILY, Suzel Ana. Folk Music, Art Music, Popular Music: What do these categories mean today?. [S.l]. [s.d].

_____. Manifestações populares: do "aproveitamento" à reapropriação. In: REILY, S. A.; DOULA, S. M. (Org.). *Do folclore à cultura popular*. ENCONTRO DE PESQUISADORES NAS CIÊNCIAS SOCIAIS. *Anais...* São Paulo: Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 1990, p. 1 – 31 *apud* LUCAS, Glauro. *Os sons do Rosário: O Congado Mineiro dos Arturos e Jatobá*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

SANDRONI, Carlos. *O acervo da Missão de Pesquisas Folclóricas, 1938-2012*. In Debates nº 12: Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Música do Centro de Letras e Artes/ Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Centro de Letras e Artes. – n.12 (jun. 2014). - Rio de Janeiro: UNIRIO/CLA, 2014, pp. 55-62.

_____. *Anotações sobre etnomusicologia como folclore e como antropologia*. [S.l]. [s.d].

_____. *Os ex-votos na "Missão de Pesquisas Folclóricas" (1938)*, In. Expressões Votivas da América. (2011). Disponível em: <<http://exvotosargentina.wordpress.com/tag/carlos-sandroni/>> Acesso em: 08 out. 2014.

TRAVASSOS, Elizabeth. *Esboço de balanço da etnomusicologia no Brasil*. Opus 9. ANPOM, 2003.

_____. Recriações contemporâneas dos folguedos tradicionais: a performance como modo de conhecimento da cultura popular. In TEIXEIRA, J. G. J. C. (Org.). *Patrimônio imaterial, performance cultural e (re) tradicionalização*. Brasília: ICS – UnB, 2004.

TONI CAMARGO, Flávia. *Missão: as pesquisas folclóricas*. In REVISTA USP, São Paulo, n.77, p. 24-33, março/maio 2008. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/77/03-flavia.pdf>> Acesso em: 05 out. 2014.

VILHENA, Luís Rodolfo. *PROJETO E MISSÃO. O movimento folclórico brasileiro (1947-1964)*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas/Funarte, 1997. *Apud* TRAVASSOS, Elizabeth. *Mário e o folclore*. In. ROSSETI, Marta. (Org.). Revista do Patrimônio Histórico e Nacional/IPHAN, Mário de Andrade. Rio de Janeiro, 2002, p. 91-109.



MANIFESTAÇÕES FOLCLÓRICAS

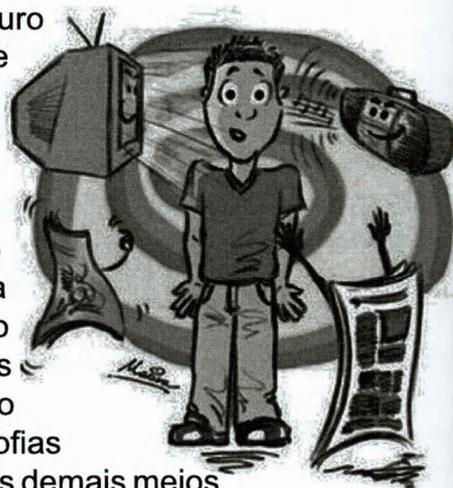
Isch Bueno de Camargo

Departamento do Folclore - Olímpia - SP



Um dos grandes problemas que se enfrenta, por ocasião dos Festivais, é prestar a atenção devida a muitos professores que nos procuram, a fim de ampliarem seus conhecimentos sobre Folclore em geral, sobre a grande gama de manifestações folclóricas. Em meio ao turbilhão de fatos cotidianos, é impossível um atendimento à altura, especialmente ministrar aulas que possam, por ventura, dirimir dúvidas, e, assim pensando, o professor Sant'anna tomou a decisão de apresentar um apanhado das noções básicas que o professor deverá cultivar e passar, na teoria e na prática, para os seus alunos. Além desse resumo, sucinto embora, o mestre interessado deverá recorrer a obras pertinentes ao ramo, pesquisar em várias fontes, indo, passo a passo, acumulando o necessário saber para transmissão útil.

Nos dias atuais é relativamente fácil e seguro preservarem-se valores, considerados pela sociedade ou pelos grupos sociais esparsos, dignos de serem aproveitados no futuro ou, pelo menos, conhecidos por certas camadas integrantes do meio em que se situam. O desenvolvimento da imprensa permitiu ao homem hodierno armazenar conhecimentos que deverão perdurar. Grava-se no papel tudo aquilo que se julga agradável para o progresso do ser humano. O livro, o jornal, a revista, o panfleto, os volantes, todos esses comunicadores impressos vêm, há tempos, inundando o mercado de conhecimentos, de pensamentos, de filosofias de vida, de regras e de condutas aceitas e valorizadas. Os demais meios de comunicação – o rádio, o telégrafo, o telefone, o cinema, a televisão, a internet, são modernas fontes de transmissão de valores e padrões de comportamento. Por isso diz-se que o Folclore é dinâmico.



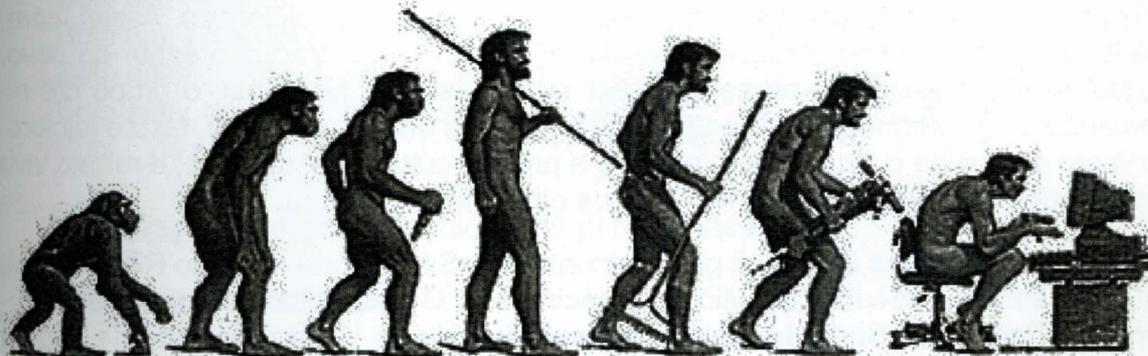
O progresso é necessário, por ele o homem batalha desde a pré-história. O homem quer saber. O homem quer crescer, quer conhecer-se, quer conhecer o



mundo onde vive, quer saber sobre o passado dos ancestrais e, quase sempre, saber o que virá após a morte.

O progresso transformou a vida, principalmente no século passado. Nesse incessante caminhar, muitos valores foram calcados sob os pés apressados, as bases das sociedades primitivas se perderam, culturas se mesclaram, ampliaram-se conhecimentos, novos conceitos normativos foram adotados, deteriorando-se, por vezes.

Guttenberg revolucionou o mundo, deu-nos a palavra impressa e, retiradas as diferenças linguísticas, os povos se entendiam, seus usos e costumes são estudados, depreciados ou valorizados, desprezados ou adotados e, de certa forma, sabemos tudo sobre todos.



Enquanto os meios de comunicação não surgiam, o homem procurou transmitir aos seus semelhantes, seus pensamentos. Através de contos, de histórias, de lendas, de orações, de invocações, o homem transmitia aos jovens valores que deviam ser preservados, usos e costumes que fortaleciam o grupo e lhes permitiam continuidade. Não “cultura” no sentido clássico do vocábulo, mas à “cultura” com um fundo de saber que não especifica níveis sociais, econômicos, religiosos, costuma-se dar o nome de folclore.

Folclore - *folk-lore*, termo anglo-saxão, significando: *folk* - povo e *lore* - conhecimento. Foi o inglês William John Thoms quem criou o termo, apresentando-o como o saber tradicional de um povo.

O primeiro Congresso Internacional de Folclore, 1954, em São Paulo, tenta, com profundidade, esclarecer o que se deve entender e, como um ponto de partida, explica-o através do que é fato folclórico (preferimos dizer manifestação folclórica). Assim está expresso: constituem o fato folclórico as maneiras de pensar, sentir e agir de um povo, preservadas pela tradição popular ou imitação, e que não sejam influenciadas pelos círculos eruditos, e instituições que se dedicam ou à renovação e conservação do patrimônio científico e artístico ou à fixação de uma orientação.

Para que uma manifestação seja considerada folclórica, algumas características se fazem necessárias - apesar de controversas, são úteis para discussões.

1- Anonimato. A maior parte das manifestações folclóricas é anônima, o que implica ausência de autor. Seu nome foi olvidado. A literatura de cordel, no entanto, leva o nome do autor - é manifestação folclórica. As obras do Mestre Vitalino têm o seu nome.



2- Aceitação Coletiva. Importante característica, desde que aceita por grande parte do grupo, incorpore-se a usos e costumes tradicionais e tenha caráter definitivo ou de longa duração. E que não descaracterize a comunidade ou valores perenes.

3- Transmissão Oral. Importante no passado, não mais fundamental no presente, apesar de que o grande acervo de que chamamos de folclore nos tenha sido transmitido oralmente.



4- Tradicionalidade. As tradições estão presentes em todo grupo social. Podem ser esquecidas ou enriquecidas com elementos novos, modificadas em suas bases ou, às vezes, mantidas inalteráveis através dos anos. É o que acontece com danças, músicas, instrumentos, folguedos que, junto a uma cultura mais sofisticada vão, pouco a pouco, descaracterizando-se ou desaparecendo.

5- Funcionalidade. Ou se preserva e transmite algo que seja útil e que tenha uso, ou não há valor algum nessa manifestação. Ela é dinâmica, tudo o que o povo faz tem uma razão, um destino, uma função. O povo não faz nada sem motivo.

6- Características. De qualquer forma, essas características apenas determinam campos para que entendamos o que são manifestações folclóricas. Assim, compreendemos que Folclore é uma ciência, rica, viva, dinâmica, traduz o saber do povo, atravessa gerações, modifica-se sem perder suas bases, é funcional, o grupo crê no que transmite e age segundo normas ancestrais, passa de pai para filho. Isso é folclore, campo vasto dentro da cultura de um povo, é a própria cultura desse povo, e retrato vivo desse passado, vibrando no presente, com os olhos fitos no futuro.

Alguns folcloristas que você precisa conhecer: Silvio Romero, João Ribeiro, Nina Rodrigues, Câmara Cascudo, Bráulio do Nascimento, Gustavo Barroso, Cecília Meireles, Américo Pelegrine, Barbosa Lessa, Hildegardes Viana, Mario de Andrade, Roger Bastide, Edson Carneiro, Ático Villas Boas, Renato Almeida, Luiz Beltrão, Alceu Maynard, Theo Brandão, Hélio Damante, Napoleão Figueiredo, Dante de Laytano, Dolalece Soares, Tenório Rocha, José Nilton da Silva, Maria de Cássia Frade, Núbia Marques, Ruth Guimarães, Rossini Tavares de Lima, José Sant'anna, Laura Della Mônica, Veríssimo de Melo, Cornélio Pires, Saul Alves Martins, Osvaldo Orico, Paixão Côrtes e outros.

ALGUMAS MANIFESTAÇÕES FOLCLÓRICAS

GESTOS



Banana (com os braços). Figa (com os dedos). Sinal de surra (com as mãos). Silêncio (psiu). Mostrar a língua. Piscar os olhos (mensagens amorosas), linguagem através de gestos ou olhares. Xingar (polegar e indicador formando um círculo). Fazer o tradicional "pito pitou" (polegar nos lábios e demais dedos em movimento). Chamamento (com as mãos ou apenas com o dedo indicador), bater palmas, assoviar.

FÓRMULAS DE ESCOLHA

Utilizadas em brincadeiras infantis, a fim de ver quem será o pegador. Saem a um sinal convencionalizado.

Tocando o pique, fica livre de castigo estipulado. Os demais se escondem. Saem a um sinal convencionalizado. Exemplos:

1.º Lá em cima daquele morro
Tem um pé de jacarandá,
Quem comer a fruta dele

Vai comigo se ca...sá...



2.º Una, duna, trena, catena

Saco de pena

Pila, pilão

Conte bem que do... ze ...são

3.º A galinha do vizinho

Bota ovo amarelinho

Bota um, bota dois, bota três.

Bota quatro, bota cinco e bota seis

Bota sete, bota oito, bota nove

Bota... dez.



Observação: O indicado reinicia o jogo de todas elas.

MEDICINA CASEIRA

Em geral, consiste no uso de produtos naturais, plantas em grande quantidade, objetivando a cura de diversos males. Quase sempre são chás, poções, pomadas, banhos, beberagens, mistura de pós em refeições, às vezes com acompanhamento de orações e benzimentos. As plantas mais usadas são: Quebra-pedras (para os males da bexiga e dos rins, contra inchaço). Feto-macho (contra vermes, lombriga, solitária). Douradinha do campo (dores renais, dor nos músculos). Sabugueiro (sarampo).

Chuchu (contra tosse, gripe, asma, bronquite, pressão alta). Jatobá (contra asma e tosse). Sucupira (para o fígado). Cabelo de milho (para pressão alta, tosse, espirros, dores musculares).

Losna (para o estômago, fígado, enjoos). Hortelã (para resfriados, gripes, insônia, para ativar a menstruação, dor de barriga). Arruda (males do fígado, estômago). Chapéu de couro (feridas purulentas). Maracujá (insônia). Boldo (fígado, bexiga, rins, estômago). Erva de São João (dores menstruais).



Observação: Hoje existem remédios de plantas em quase todas as Drogarias e Farmácias e, ainda em sentido caseiro, as famosas garrafadas com mais de trinta tipos de plantas, encontradas em Farmácias de Ervas e também vendidas pelas ruas por vendedores de ervas que, segundo muitos, tiram e acabam com qualquer tipo de dores, principalmente as lombares.

Na medicina caseira, adotam-se produtos animais como: couro de jacaré torrado e moído para curar dores reumáticas; ferrão de arraia em infusão é afrodisíaco; mocotó de boi cura asma e bronquite; banha de cascavel é usada contra asma; óleo de fígado de peixe-espada e bacalhau têm largo uso nos problemas de crescimento e vitalidade. Acredita-se que a permanência da tartaruga no quarto auxilia a respiração de quem sofre de crise asmática.



CULINÁRIA

Vasta é a culinária brasileira e muito variada. O homem do campo aprendeu a utilizar muitos produtos que a natureza lhe oferece graciosamente ou de cultivo acessível. Introduziu na sua alimentação e se expandiu para a cozinha urbana, com excelentes resultados. Não temos pratos essencialmente brasileiros, embora muita gente faça de algumas novidades o cartão de visitas da sua terra. É certo que alguns ingredientes são exclusivamente nossos, porém há sempre influências europeias, asiáticas, africanas, indígenas. Assim é que falamos de autêntica bacalhoda, saboroso feijão paulista, churrasco gaúcho, pato do norte, frango recheado, etc. Consideramos nossos: feijoada, tutu de feijão, pirão de bagre, de piranha, vatapá, bobó, mungunzá, burê de milho verde com cambuquira, cuscuz, feijão-tropeiro, arroz carreteiro, pão de torresmo, doces de batata doce, abóbora, cidra, carambola, pamonha, curau, broa de fubá...

O brasileiro gosta de comida forte e generosa. Por isso, mesmo fora do horário das refeições, comida é assunto levado a sério. E nas manifestações folclóricas não falta a culinária.

a) Em frases feitas: panela velha é que dá comida boa. Fogão de lenha é que dá comida boa. Quem não chora não mama. Barriga cheia, pé na areia. O olho do dono engorda o porco. É feio cuspir no prato que se comeu. O apressado come cru...

b) Nas rimas: meio-dia, macaco assovia; panela no fogo, barriga vazia.

c) Parlendas:

Um, dois, feijão com arroz,
Três, quatro... feijão no prato,
Cinco, seis... banana freguês,
Sete, oito, comer biscoito,
Nove, dez... comer pasteis,
E até cem prossiga
Que encherá tua barriga



PARA-CHOQUES DE CAMINHÃO

Pobre só come frango quando é goleiro
Folgado é garfo na casa do pobre.
Vitamina de chofer é carinho de mulher.
Menina nova é vitamina de coroa.



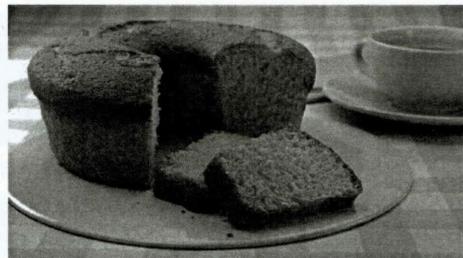
RECEITAS FÁCEIS

1- Bolo de fubá

Ingredientes: 1 xícara de fubá, uma de farinha de trigo, 1 e meia (xícara) de leite, 2 colheres bem cheias de açúcar, 1 ovo, erva doce, 1 pitada de sal, noz-moscada ralada, 1 colher de pó Royal.



Modo de preparo: Misturar tudo batendo bastante. Deixar o pó Royal para o final. Mexer bem. Colocar em forma untada com manteiga e farinha. Assar em forno quente.



2- Bolinho de milho verde

Ingredientes: 3 espigas de milho novinhas moídas,



3 ovos, 4 colheres (sopa) de farinha de trigo, sal, pimenta do reino, salsa, cebolinha a gosto.

Modo de preparo: Pôr numa tigela a farinha e sobre ela quebrar os ovos. Adicionar os temperos e um pouco de água. Bater bem a massa. Por último, acrescentar bem batido ou cortadinho. Mexer bem Fritar em óleo quente, às colheradas.

3- Costela de porco com milho-verde

Ingredientes: 2 quilos de costela de porco em pedaços, 1 cabeça de alho esmagada, 1 pitada de sal e de pimenta do reino ou outra a seu gosto, 1 colher (sopa) de óleo para fritar bem a carne e os temperos. Cobrir com água fervente. Cozinhe por uns 20 minutos. Servir com arroz branco e couve frita no alho e óleo.



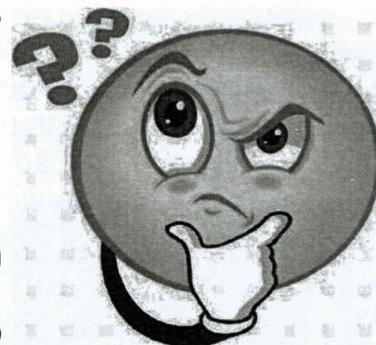
ADIVINHAÇÕES

As adivinhações fazem parte da literatura oral brasileira, tendo bastante aceitação entre as crianças e jovens que gostam de fazer brincadeiras entre si. Isso não significa que adultos não as apreciem. Elas constituem um bom passatempo. Proporcionam oportunidades de aprendizagem, sendo, portanto, um tipo de lazer educativo.

Eis alguns exemplos:

- 1 - Em que mês do ano as vacas produzem menos leite?
- 2 - Qual é o mês que nos convida a ficar à vontade?
- 3 - Quem é que beija com o nariz?
- 4 - Qual é a diferença entre a bota e as calças?
- 5 - O que é que a galinha faz quando fica apoiada?
- 6 - Onde o bezerrinho é maior que a vaca?
- 7 - Sou sempre a mesma palavra, mas tenho som diferente, sou ave e tempo verbal ou mulher inteligente?

Respostas: 1- fevereiro; 2- agosto; 3- todos; ninguém o tira para o beijo. 4- A gente bota as calças e calça as botas. 5- levanta a outra perna; 6- quando escrito. 7- sabiá, sabia, sábia.

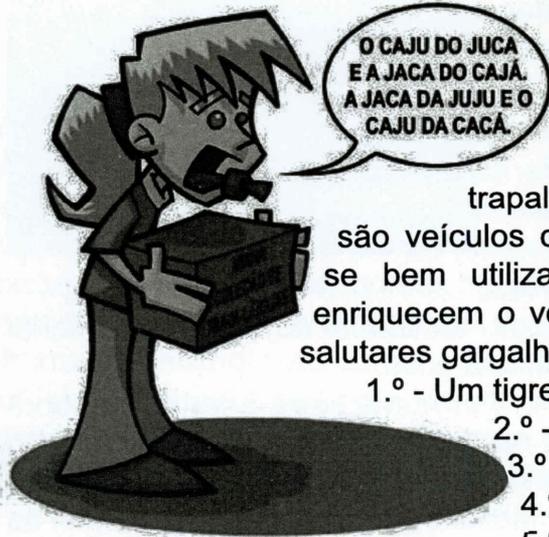


Adivinhações do livro do professor José Sant'anna "O que é, o que é"...

- 1- Tem cabeça e não pensa. Tem os dentes e não come. Tem o pé e não caminha. Tem barba e não é home; Resposta: o alho.
- 2- Sou ave e não sei voar. Tenho lã e não sou carneiro. Com estas duas palavras. Disse seu nome inteiro. Resposta: avelã.
- 3- Se quiser saber quem é não precisa desespero. Começo onde vende pinga. Na cozinha sou tempero. Resposta: bar alho.



TRAVA-LÍNGUAS



Outra excelente manifestação folclórica, apreciada por todos aqueles que, tendo facilidade de exprimir-se oralmente, divertem-se com as trapalhadas que a má pronúncia apresenta. Também são veículos de aprendizagem, educativos, portanto. Auxiliam se bem utilizados, no aperfeiçoamento da linguagem oral, enriquecem o vocabulário, causam emoções e se traduzem em salutares gargalhadas.

1.º - Um tigre, dois tigres, três tigres (repetir depressa).

2.º - Tire o papo do pato do prato.

3.º - O menino deu trigo ao tigre e o tigre comeu tudo.

4.º - Trazei 3 pratos de trigo para três tigres comerem.

5.º - Quem a paca cara compra, paca cara pagará.

6.º - A aranha arranha a rã, a rã arranha a aranha. Arranha a aranha a rã? A rã, a aranha arranha?

7.º - Se papa papasse papa, Se o papa papasse pão, O papa tudo papava, seria um papa pão.

MITOS

Leis ou princípios não são sensíveis, portanto escapam ao conhecimento direto. São invisíveis e como tais despertam na mente primitiva, o medo, a perplexidade. Os fenômenos naturais, existem, estão diante dos olhos. Quem os manipula? O mundo se povoa de forças ocultas, intocáveis: a potência do invisível se agiganta. Assim, por exemplo, nasce o Anhangá - de todo o Brasil. O mito, mesmo na sua forma fantástica, é a primeira fase da filosofia (transcrito do artigo de Palmira Degasperi Rodrigues - Revista do 29.º Fefol). Vejamos alguns por ela estudados:



Alamoá - da Ilha de Fernando de Noronha. Alma do Padre Aranha - de São Paulo, interior. Ana Jansen - de São Luís, MA. Angoera - do Rio Grande do Sul. Anhangá, de todo o Brasil. Arranca-língua, de Goiás. Barba Ruiva - do Piauí. Boitatá, de todo o país. Boto - região amazense. Caipora, todo o Brasil. Capelobo - Maranhão e região do Araguaia. Cavalo d' água - Rio São Francisco. Cavalo das Almas - versão paulista. Chibamba - Minas Gerais e São Paulo. Cobra Norato - Pará e sul do país. Curupira - todo o país.



Famaleal - diabinho dentro da garrafa - Minas Gerais. Além de outros mitos como: Galo depenado, Gorjala, Labatut, Maçone, Mão de cabelo, Mapinra, Princesa de Jericoacoara, Porca dos sete leitões, Mula-sem-cabeça, Pai do mato, Papa figo, Pisadeira, Quibungo (espécie de lobisomem). O saci é o mito mais conhecido. Também a lara e o Lobisomem não ficam atrás.

O SACI

Os seres simples estão certos de que o Saci-pererê existe. É um molequinho pernetá, preto e lustroso, de olhos vivos, cor de sangue, barrigudo. Tem a mão furada, orelhas de abano, uma carapuça vermelha. Fuma cachimbo. Solta assovios de furar os



tímpanos. Gosta de judiar dos cavalos no pasto. Cavalga animal, que, apavorado, salta, dá pinotes e coices, corre feito raio e o saci não cai. No dia seguinte, o cavalo está magro, cansado, infeliz (de Lendas e Mitos, de Theobaldo M. dos Santos).

LENDAS

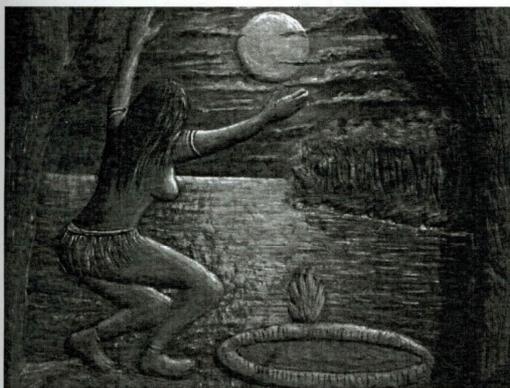
Narrativas fantásticas sobre um fato real. O acontecimento vai passando, substituindo-se a verdade por fantasias, tornando-a quase inverossímil. É o caso do Negrinho do Pastoreio, por exemplo.

Por ter deixado um cavalo fugir, devido às artes do filho do patrão, foi punido com chicotadas violentas. Sangrando, foi colocado sobre um formigueiro, onde veio, após vários sofrimentos, a falecer. Daí surgiu a lenda. Passou a ser visto galopando pelos campos, vela acesa nas mãos, à procura do cavalo fujão. Transformado em lenda, passou a fazer milagres. Qualquer animal perdido pode ser encontrado pelo negrinho do pastoreio. Basta saber pedir e acender-lhe, com fé, uma vela de bom tamanho.

Há belas lendas no folclore brasileiro. A lenda da mandioca é uma delas.



LENDA DA VITÓRIA-RÉGIA



Em tribo distante, vivia uma bela índia que se apaixonou por um belo jovem branco. Não mais quis saber dos seus iguais, perdida de amores. Todas as noites fugia da taba e, pelo meio da mata, namorava a lua que, branca, lhe lembrava o amor desaparecido. Tentava alcançar a lua, estendendo-lhe os braços, ela cada vez mais distante. Foi definhando de amor. Uma noite, muito fraca, ao ver a lua refletida nas águas do fundo lago, lançou-se às águas para abraçar o seu amado. Afogou-se.

Lá do alto, a lua vendo o acontecido, em vez de levar-lhe a alma para ser mais uma estrela no céu, transformou-a em vitória-régia. Por isso é que todas as noites a flor se abre para receber a luz da lua em suas pétalas macias.

Só como confirmação: o mito se baseia em seres inexistentes, entidades místicas são criadas e dão corpo a estórias que assustam, que assombam. A lenda se baseia em um fato real, dá-lhe pinceladas de imaginação, a estória parece até provável. Temos personagens históricos que se transformaram em lendas.

O padre Cícero, no Nordeste, a gralha azul no Paraná, a princesa Isabel e suas rosas, frei Damião, irmã Dulce, Zumbi dos Palmares, Caramuru, Chico Reis e outros tantos por este Brasil afora.

DIZERES DE CAMINHÃO

“O Motorista é, antes de tudo, apaixonado pelo seu caminhão e pelas estradas. Todo motorista é forte e corajoso.

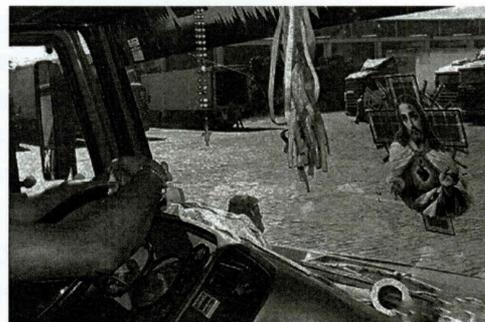
Quase todo motorista tem o santo de devoção, junto ao painel na cabine. O santo preferido é São Cristovão, mártir cristão, padroeiro dos motoristas. Estes são, quase sempre, autênticos filósofos das estradas. Assim, vão armazenando ideias e, a fim de dá-las a conhecer, usam os para-choques de caminhões, onde suas



frases ficam expostas aos que sabem ler e apreciar.

As frases são chamadas de Dísticos de Caminhões, dizeres de caminhão, frases de para-choques, Escritos de caminhão, lemas de caminhões, Lemas de para-choques, Inscrições, Linguagem de motorista” (do Anuário do 18º Fefol).

Algumas frases coletadas e conhecidas em Olímpia ou por olimpienses: o pobre morre, o rico falece. Pobre só vai à frente, com polícia atrás. Mulher é como árvore, só dá galho. Mulher é como laranja, em qualquer lugar se arranja. Vitamina de chofer é carinho de mulher. Viúva é como lenha, chora, mas pega fogo. Macarrão sem queijo é como amor sem beijo. Não sou parafuso, mas ando sempre apertado.



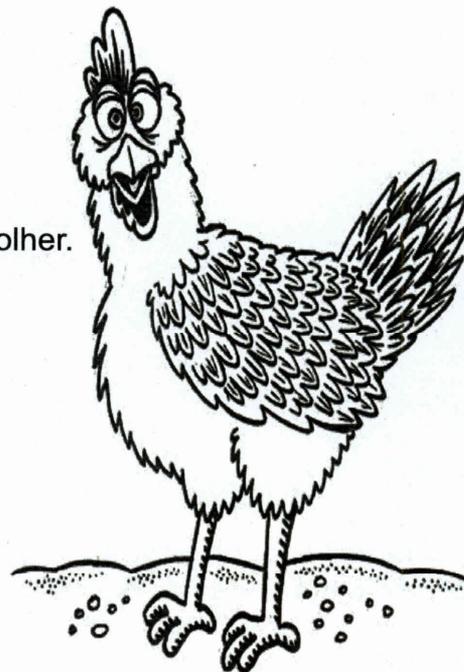
ADÁGIOS

São expressões correntes no linguajar popular, ou seja, aquilo que vem a propósito, com conhecimento de causa. Um antigo modo de transmitir conhecimento, moldar o caráter infantil, perpetuar valores. Impõem certas regras de conduta, norteiam caminhos. São também chamados de provérbios, anexim, axioma, norma, preceito, diretriz, máximas, prolóquio, rifão, regra, proposição e, com algumas reservas, lugar-comum.

Alguns ditados:

Deus ajuda quem cedo madruga.
Quem tudo quer, tudo perde.
De grão em grão a galinha enche o papo.
Nem tudo que reluz é ouro.
Briga de marido e mulher, ninguém mete a colher.
Cabeça de prego, nos outros não dói.
Onde há fumaça, há fogo.

O antiprovérbio contradiz o provérbio, assim:
Antes só do que mal acompanhado.
Antes mal acompanhado do que só.
Quem tropeça cai.
Quem não tropeça, também cai...



PREGÕES

Frases cantadas ou ritmadas, apregoando mercadorias. Ainda utilizadas em feiras da capital e em quase todo Norte e Nordeste. Também em feiras de Goiás e Tocantins:



Moça bonita não paga ! (mas também não leva)

Comprou... pagou... levou... gamou...

Melão, melancia, buscar esta banana, a sardinha e farinha.

Leva batata, dona Maria, ela é boa, da Vila Maria.

Pasteis com ovo pra todo povo.

Vem buscar esta banana, que é madura, que é bacana.

Sorvete de manga, pitanga, caju.



ANEDOTAS

Um número delas anda de boca em boca. Ninguém escapa dos contadores de piadas. Muitas são velhíssimas, outras surgem no momento preciso de um acontecimento. O brasileiro se vinga da dureza do seu viver, satirizando os demais, zombando de si próprio. Algumas são sutis, requerem reflexão. Outras são grosseiras, utilizam vocábulos de baixo calão, e há aquelas que são proibidas pelos racistas, ou perversas, por perigosas à ordem social.



Pergunta o juiz ao réu: Quantas vezes esteve preso? R.- cinco vezes, senhor juiz- Então, condeno-o à pena máxima. R.- Que horror! Eu pensei que os fregueses tivessem abatimento.

Telefonema desesperado à redação do Jornal: - pelo amor de Deus, onde posso conseguir dez mil baratas? R.- Por que o senhor precisa de dez mil baratas? R.- Porque quando vencer meu contrato vejo que exige que eu deixe a casa como encontrei.

Joãozinho, por que você está coçando tanto a cabeça? R.- É por causa de um piolho morto - Tudo isso por causa de um piolho morto? R.- É, fessora. Os parentes dele vieram para o velório.

O guia atendia a um grupo de turistas no museu, quando uma senhora perguntou:- De quem é este esqueleto grande? R.- É de Pedro Álvares Cabral. - E este menorzinho? R.- Acho que é de Cabral quando menino.



LITERATURA DE CORDEL

Narrações rimadas, rítmicas, comuns no Norte e Nordeste, invadindo o país inteiro, especialmente em locais de grande concentração de migrantes. Têm um fundo de verdade, e a fantasia faz o resto. Folhetins de papel barato enfeitam as feiras populares, são lidos e passados para frente como verdadeiros acontecimentos. Todas as cidades têm os seus cordelistas anônimos, prontos a mostrarem as suas qualidades de versejadores e improvisadores natos e improvisadores de respeito.

Trecho de José Gomes Barbosa, de Ituiutaba, MG, apresentado no 26.º Festival do Folclore:

1- Parabéns para Alagoas, Espírito Santo e Goiás, para o Rio de Janeiro, Sergipe e Minas Gerais, ao Rio Grande do Sul, também Santa Catarina, Paraíba e São Paulo. Folclore é coisa divina. Parabéns deste mineiro, Deus que a todos ilumina.



2- Vou dar um grande abraço, à turma do Guarujá. Álvares Florence e Atibaia, Votuporanga e Mauá, São José do Rio Pardo, Santo Antonio da Alegria, Bebedouro e Campinas, Taubaté, Paulo de Faria.

3- É a festa mais bonita, isso posso lhe afirmar. São tantas danças, folguedos. Onde não sei nem onde lhe contar. Há grupos folclóricos, que fazem todos vibrar. Só conhecendo a festa, prá você acreditar.

4- Repito agora e sempre. Repito em qualquer lugar: É a festa mais bonita, ande por onde andar. É alegre e emocionante chega até a impressionar. A beleza é tanta, tanta. Que faz o cristão chorar.

CONTOS

Os contos, tão do agrado das pessoas antigas, vêm perdendo a sua força, principalmente onde a televisão, o computador, o celular, a internet entraram. No entanto, por este Brasil imenso, há regiões despojadas de todos esses meios de comunicação e, sem energia elétrica, os velhos hábitos ainda perduram. Em reuniões de amigos, nos ranchos à beira de rios, ainda há espaço para os contos e muitos ouvidos atentos se deliciam ao ouvir um narrador convincente. Com jeito, também a criançada, adere, participa, sofre e torce ao desenrolar da estória. Pais e professores modernos descuraram-se desse excelente meio de comunicação e de aprendizagem, por isso a escola e o lar, em vez de convidarem ao convívio comum, afastam os filhos e alunos de sadias lições e momentos preciosos da vida comunitária. Apenas um conto para ilustrar:



A sentença do juiz

Um senhor foi intimado a comparecer ao fórum, acusado de ter esbofetado, num ônibus, uma senhora.



O juiz perguntou:

_ O que levou o senhor a espancar, no ônibus esta senhora?

O réu explicou:

_ Sabe, doutor, eu tava viajando, sentado sozinho num banco. Daí entrou essa senhora e veio sentar ao meu lado. Sentou e abriu a carteira. De dentro da bolsa tirou uma bolsinha. Fechou a bolsinha. Abriu a carteira. Colocou a bolsinha dentro da carteira. Fechou a bolsa.

Aí chegou o cobrador. A senhora abriu a carteira. Tirou a bolsinha. Fechou a carteira. Abriu a bolsinha e dela tirou dez cruzeiros e pagou o cobrador. Fechou a bolsinha. Abriu a carteira. Colocou a bolsinha dentro

da carteira. Vendo a passagem na mão, abriu a carteira...

_ Chega! Chega! Gritou o juiz. Já falou demais. Você acaba me deixando louco...

_ Foi isso que aconteceu comigo, doutor juiz. Eu enlouqueci e dei um tapa nela.

O juiz falou:

_ Você está absolvido

(do Anuário de 34º Fefol)

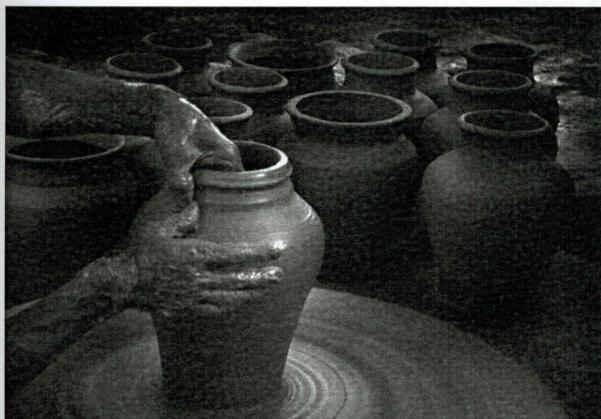


CRENDICES E SUPERSTIÇÕES

De um certo modo, tão entrelaçadas que podemos dizer que as superstições só persistem por causa da crença, da fé. Se não houver crença, o inusitado, o sobrenatural, não afetaria a vida das pessoas. Ainda que veladas muitas vezes, elas existem e se mantêm em todos os meios sociais. Quem acredita em reza forte, usa o que sabe e transmite a quem quiser ouvir e aceitar. Assim, os crédulos vão se apavorando com os seus próprios desmandos e conseguem frequentemente, muitos adeptos às crendices arraigadas.

Uma das mais antigas crenças atribui ao dia 13 as piores coisas. Conta-se que Richard Wagner, cujo nome e prenome são compostos de 13 letras, nasceu em 1813, que, além da dezena final, tem como soma do milhar o fatídico 13, morreu a 13/2/1883. Certos hotéis não têm o 13 andar, isto é, após o 12, vem o 14. E não há apartamento com o número 13. Muita gente não sai de casa se o 13 cair numa sexta-feira, sendo isso no mês de agosto.

Outras superstições comuns: não passar sob escadas, derrubar sal, esparramar tinta sobre a mesa, passar de frente a cemitério e não persignar-se, levantar com o pé esquerdo, passar sob o arco-íris. Traz sorte: passar as mãos nas costas de um corcunda; acordar com um recém-nascido rindo; comer romã na passagem do ano



ARTESANATO

Seria impossível relacionar tudo o que se pode considerar como sendo artesanato. Basta saber que tudo aquilo que é produzido pelo homem, com fins utilitários, sem a ajuda de artefatos da tecnologia moderna ou uso moderado de alguns segmentos, como eletricidade, tintas, polidores. O verdadeiro artesão é aquele que utiliza apenas as mãos e a ideia na confecção de objetos que têm dimensões variadas como necessidade, utilidade, enfeite, beleza, prazer. Há, em todo o país, grande número de artesãos não contaminados pela modernidade.

Pode-se falar em artesanato quando compramos renda de bilros, tapetes tecidos em rudimentares teares, enfeites de madeira como aves, pássaros, personagens do folclore brasileiro. Violas confeccionadas com uso de facas e canivetes e raspadeiras naturais. Cerâmica marajoara, infelizmente já industrializada. O famoso patchuli do norte já vem adulterado. Trabalho em palha, folhas de coqueiros e palmeiras, barro, madeira, colchas e tapetes de retalhos, balaio, peneiras, pilões, toalhas com abrolhos, lamparinas, instrumentos musicais de percussão, petecas, flores de papel crepom ou palha...

BRINQUEDOS INFANTIS

Os brinquedos infantis tradicionais estão desaparecendo, infelizmente. A eletrônica nos brinquedos comercializados está levando a criatividade embora. Não tinham, no passado, hora certa para seu começo e finalização. Juntavam-se dois ou muitos meninos, alguma brincadeira era logo posta para alegria de todos. Alguns tinham época determinada: papagaio, pipa, quadrado, pandorga, no mês de agosto, mês de ventanias. Outros, a qualquer época propícia: bétia, bolinha de gude,





pião, carrinho de rolemã, amarelinha, queima, pular corda, pular varinha, bito, peteca, balança caixão, estátua, morto-vivo.

Brinquedos que exigiam certa técnica: arquinho, e perna-de-pau.

Nas festas juninas: pau-de-sebo, pega-porco, égua-de-pau, botar-o-rabo-no-burro, pega-porco.

Brinquedos noturnos: cruzada, rico-trico-pé-na-lata, pique, passar rua, bastão, passar anel,

gato e rato.

Nas escolas, em comemorações: corrida de ovo na colher, corrida-do-saco, concurso de bonecas, pular à distância com vara, pular corda.

Brincadeiras cantadas em roda ou filas, utilizando mãos, pés, meneios de corpo inteiro, palmas, cantos. Por exemplo:

Mariquinha

Em roda, uma no centro é a Mariquinha. Girando enquanto cantam:

Mariquinha sacode a saia (sacodem a saia)

Mariquinha levanta os braços (erguem)

Mariquinha tem dó de mim

Mariquinha me dá um abraço (Mariquinha escolhe uma, abraçando-a, e esta vem para a roda que gira e recomeça).

LINGUAGEM CIFRADA OU CRIPTOLÓGICA

Há sempre uma senha e apenas os iniciados na brincadeira devem conhecê-la. É um segredo entre pequenos grupos. Os que ficam de fora fazem força para descobrirem qual é a chave que, na maior parte das vezes, é simples e clara para ouvidos alertas. São comuns até nas escritas de diários e correspondência particular entre crianças e adolescentes.

LINGUAGEM DO PÊ

1 - (pê) Vo (pê) cê (pê) gos (pê)
ta (pê) dê (pê) mim?

Você gosta de mim?

2- Eu (piririm) gos (pororó) to
(piririm) de (pororó) vo (piririm) cê
(pororó).

Eu gosto de você (linguagem
do piririm/pororó).



Coletamos a linguagem do parará, do piririm, do nho. São muitas as falas conhecidas e as meninas, principalmente, gostam de criar suas próprias senhas. A do pô é a mais utilizada.

MÚSICA



Um dos mais apreciados meios para o povo transmitir os seus valores, para manifestar seus sentimentos, determinar regras de conduta ou cívica, por simples prazer, a música está sempre presente nas melodias folclóricas. São canções de ninar, toadas, modinhas, desafios, emboladas, cururus, pregões, louvações, cirandas, saudações.



Algumas têm caráter religioso: Folia de Reis, Conga, Moçambique, Divino Espírito Santo, Orações às almas, romarias.

Algumas, para estimular trabalhadores, usadas por cortadores de cana, madeireiros, jangadeiros, pescadores.

Há algumas que são aguerridas, violentas que insuflam o ódio e a vingança, açulam o ciúme e a revolta.

Também é chamada música sertaneja ou música de raiz, totalmente dominada pelo desrespeito da mídia radiofônica ou televisiva. Bons cantores ou violeiros lutam para a preservação da autêntica música do campo, do sertão, da faina diária. São poucos, a quase totalidade descamba para aquilo que faz sucesso rápido, maculado pela breguice latino-americana e ritmos adventícios.

Os instrumentos de percussão, rudimentares, acompanham a música folclórica. São, via de regra, de confecção caseira, utilizando-se vasta gama de matéria-prima natural: plantas, madeira, fibras, cipós, resinas, pelo, couro de animais. Os grupos folclóricos utilizam-se, muitas vezes, de muita sucata: tampas de garrafas de cerveja, latas vazias de refrigerantes, placas metálicas sonorizáveis, chumbo. Uns poucos já teimam em introduzir violão e guitarras elétricas, desvirtuando o instrumento folclórico.

Vejamos algumas melodias fáceis e utilitárias:

Música religiosa

Coração santo, tu reinarás. Tu nosso encanto, sempre serás...
Correi, cristãos, vinde adorar, vinde louvar, o bom Jesus.
Com grande ardor, rendei-lhe preitos, com os eleitos na eterna cruz
(Anuário do 24º Fefol)

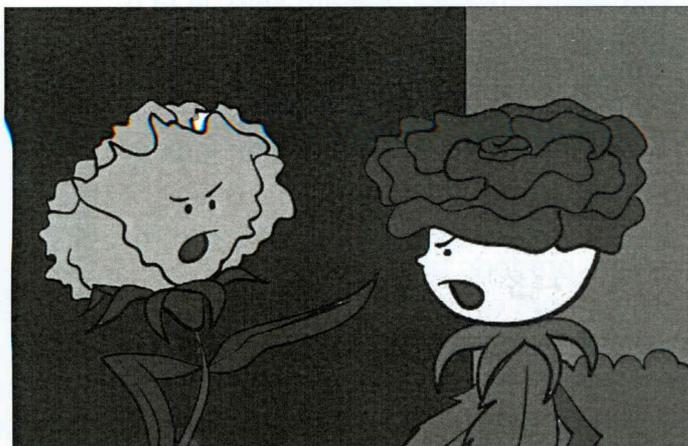
Zombaria política

Eu conheço muita gente,
Igual ao camaleão
Com a cabeça diz que sim
Com o rabinho diz que não
Segura, meu bem, segura
Segura o camaleão
As virtudes deste bicho
São de grande estimação
É filho do patronato,
É sobrinho da eleição.
(Revista do 28.º Fefol)



Cantiga de Roda

O cravo brigou com a rosa
Debaixo de uma sacada,
O cravo saiu ferido
E a rosa despedaçada
O cravo ficou doente,
A rosa foi visitar,
O cravo teve um desmaio
A rosa pôs-se a chorar.



4- Canto de Ninar

Dorme, ó meu anjo lindo
Vai calmo dormindo
Hoje quem vela sou eu
Sonhar com noites de lua
Minha alma é só tua
Hoje quem vela sou eu.
(Anuário do 7.º Fefol)



MÚSICAS PARA BRINCAR

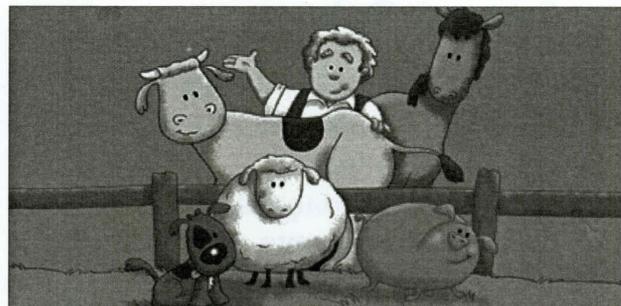
- a) Eu sou um artista, acabo de chegar (gesto se indicando)
- b) Tu és um artista, acabas de chegar (apontando o grupo)
- c) Eu sei tocar muito bem (de novo se auto-mostrando)
- d) E nós atrás também (gestos para trás)
- e) Eu toco sanfona
- f) Fom fom fom fom fom fom, fom fom fom... (gesto de quem toca sanfona)
- g) Volta para o início, até "e nós também"



- h) Eu toco piano
- i) Plim plim plim plim plim plim... (gesto de tocar piano)
- j) (gestos de sanfona depois)
- k) Prossegue, aumentando os instrumentos, repetindo os citados, terminando sempre com a sanfona.

Eu toco violino... fim fim fim fim fim fim...
Eu toco corneta... to to to to to to
Eu toco um sino... blem blem blem... (e assim por diante)

O velho Freitas tinha um sítio, ia ia ô
E lá no sítio tinha um cão, ia ia ô
Au au prá cá, au au prá lá
Au au prá todo lado.
O velho Freitas tinha um sítio, ia ia ô
E lá no sítio tinha um gato
Miau prá cá, miau prá lá
Miau prá todo lado
Au au prá cá, au au prá lá
Au au prá todo lado
E assim vai: tinha um peru: glu glu prá cá...
Tinha um bezerro: me me prá cá...
Tinha um cabrito: be bé prá cá...



DANÇAS E FOLGUEDOS

Através das danças e folguedos, o homem simples, quase sempre analfabeto e ainda não influenciado pelo rádio, pela televisão, pela internet, pelo computador, pelo celular, pelos sonhos de riqueza e fama, procurou, desde as mais remotas eras, transmitir valores a serem preservados.

O folguedo conta uma história através de passos duramente conservados, com música adequada a despertar o entusiasmo, a fibra cívica, a moralidade implícita, as normas a serem seguidas por todo o grupo ou clã. São casos verídicos, embelezados por fantasias, credices, superstições, coisas que chamamos inverídicas que, no entanto, existem no imaginário popular.

A dança, além de seu caráter social, transmite aos membros selecionados, participantes ativos ou passivos, lições de cultura, usos, religião, sabedoria acumulada a ser preservada.

Alceu Maynard assim classificou as danças:

- 1 - Religiosas: Cururu, São Gonçalo, Santa Cruz...
- 2 - Profanas: Fandango, quadrilha, Lundu, Jongo, Batuque, Coco e Ciranda...
- 3 - Guerreiros: Maculelê, Capoeira, Chula e Catira...

CALEMBURES (OU TROCADILHOS)

São muito do gosto do povo brasileiro. Os calembures são, por vezes, espontâneos, visam apenas a fazer uma brincadeira, ou jogo de palavras, fazer rir, às vezes magoam e atingem pessoas a quem as carapuças servem.

Eis alguns calembures, da inesgotável coleção do professor José Sant'anna:

- 1 - Eu fui assaltado e o Marcos Furtado.
- 2 - Eu sou pai, o Marco Antonio Camargo Filho
- 3 - Se eu não fizesse a Beth Faria
- 4 - Sou mentirosa e o Moacir Franco
- 5 - Tenho uma Brasília e o Alexandre Frota
- 6 - Gosto do calor e o Tancredo das Neves.
- 7 - Adoro matos e o Milton Campos.
- 8 - Mário é feio e a Nair Belo.

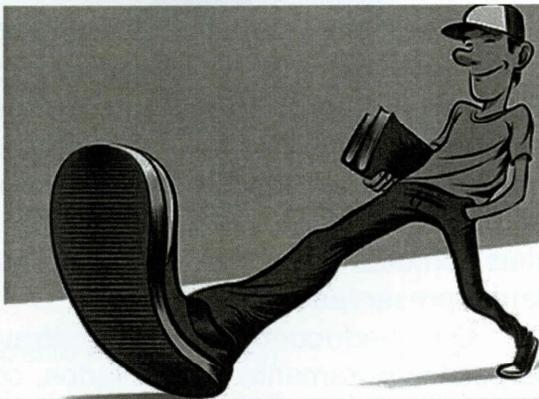


USOS E COSTUMES

São todas as maneiras diferentes de ser que caracterizam os indivíduos ou os grupos sociais. São, em geral, hábitos arraigados que passam de geração em geração, marcam a família, marcam até mesmo toda a população de pequenas cidades. Já se dizia que o uso do cachimbo entorta a boca, pois o uso, por longa data cultivado, é a marca indelével de certos agrupamentos. Diferentes formas de demonstrar carinho: beijo na boca, na face, três beijos "para casar", beijo na face entre homens políticos europeus, aperto de mão, abraços, curvaturas orientais, o uso de talheres à hora das



refeições, o costume de abrir champanhe com estrépito de rolhas e servi-la, via de regra, com caviar, pedir a benção aos pais, aos padrinhos, aos mais velhos, fazer o sinal da cruz diante de imagens de santos, ou portão de cemitérios, só entrar em casa alheia com o pé direito, passar a roupa pelo avesso, dormir com luz acesa ou em total escuridão, possuir certos tipos de plantas que trazem sorte, um número infinito de características que personalizam, que identificam os grupos ou os indivíduos.



Não conseguimos apresentar todas as manifestações folclóricas brasileiras. A relação é interminável. Os estudiosos, os pesquisadores, irão, à medida que se embrearem pelos caminhos do Folclore nacional, descobrir novidades a cada passo. São manifestações singelas, preenchem os momentos de ócio e lazer, refazem energias, burilam o espírito, completam conhecimentos sobre diversificados povos e regiões. O folclore é rico, não se reduz a duas ou três manifestações, é dinâmico, está sempre em constante evoluir, é comparativo, é religioso, é cívico, é moral, é alegria, é a própria alma de um povo que caminha sem perder as suas origens.

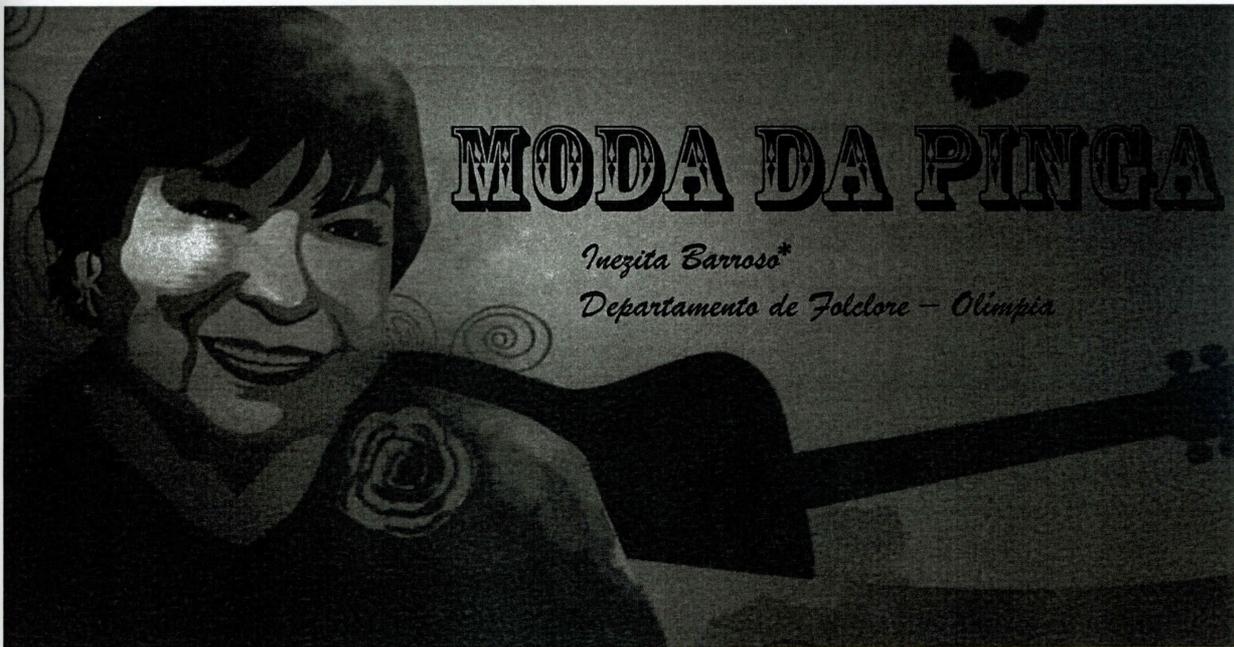
Seria bom se todos vocês pudessem ler todas as Revistas dos Festivais de Folclore de Olímpia, sonho quase impossível, estão esgotadas, não há segundas edições. Vejam, porém, o “Abecê do Folclore” de Rossini Tavares, o Manual do Folclore de Laura Della Mônica, “Folclore e Educação” de Paulo Carvalho, “O que é Folclore” de Maria de Lourdes Borges Ribeiro, “Cultura Popular Brasileira” de Alceu Maynard e, do mesmo, “Danças, Recreação e Música”. Há boas obras na Editora Saraiva e Editora Cultura, ambas em São Paulo. Em Ribeirão Preto e Rio Preto podem ser encontradas novidades preciosas sobre o assunto.



CONCEITOS A SEREM RETIDOS

- 1) Folclore é palavra de origem inglesa, significando “saber do povo”.
- 2) Quem criou o vocábulo foi William John Thoms, agregando *folk* - povo e *lore* - saber.
- 3) O Dia Nacional do Folclore é 22 de agosto.
- 4) Folclorista é quem estuda Folclore.
- 5) Folclorística é a ciência do folclore.
- 6) Folclorólogo é o pesquisador da ciência que estuda o folclore.
- 7) O Professor José Sant’anna criou os Festivais de Folclore de Olímpia, sendo que o primeiro se realizou em 1965. Dirigiu e coordenou os mesmos até 1998, falecendo a 8 de janeiro de 1999.





A primeira vez que aparecemos em Olímpia foi para participarmos do Festival do Folclore, em 31 de agosto de 1965.

Era o primeiro Festival. Mas já sabíamos muito sobre a cidade, pois correspondíamos desde 1956 com o folclorista Professor Sant'anna. Assim mesmo à distância, acompanhávamos o progresso do trabalho em torno do folclore, trabalho digno e perfeito, o qual transformou a respeitável cidade menina-moça em Capital do Folclore.

A partir do início do Festival, que em 1984 completava o vigésimo aniversário, já havíamos comparecido 23 vezes à cidade, havendo ocasião de apresentarmos até dois espetáculos públicos por ano, sem contarmos as vezes que a ela comparecemos para participar de encontros, palestras, conferências, seminários, cursos e pesquisas de folclore, ora como ouvintes, ora como preletores.

Assim, amparada pelo carinho do povo olimpiense, pelo trabalho seriíssimo realizado a favor do folclore nacional, pela simpatia de sua gente, principalmente da juventude alegre e hospitaleira, tornamo-nos, por conta própria, uma olimpiense de coração. E pusemo-nos a divulgar nas emissoras de rádio, de televisão, nas palestras, conferências e aulas de faculdades, a cidade de Olímpia e seu Folclore, pelo respeito que merecem. Chegam a ser indescritíveis as atividades relativas ao rico Folclore Brasileiro que os estudiosos e estudantes de ciência folclórica proporcionam a todos nós. Podemos afirmar que não há em nosso país uma outra cidade que sobrepuje o trabalho pioneiro de Olímpia, que a tornou conhecida e respeitada nacional e internacionalmente. Cidade arrojada e audaciosa!

O olimpiense é cheio de valor e de virtudes; por isso a cidade tem um coração amigo. O amor pela cidade natal satura a alma de toda a sua gente. Gente que canta, dança e aplaude com prazer. Hoje Olímpia é a Capital Nacional do Folclore, amanhã, se Deus quiser, será o Patrimônio Nacional da Cultura Folclórica.

Lutemos pelo título, participando com a mocidade inquieta e curiosa; travessa, enérgica e sagaz, e ao mesmo tempo equitativa e diligente, de bondade e de força, de saber e atividade, admirável, emocionante, excelsa, que abre caminho à cultura e povoa a mais badalada cidade do Brasil com grupos folclóricos de todo o território da Pátria.

Aqui, fazemos questão de abrir uma nota especial:

É amabilíssima a juventude de Olímpia. Como sabe dar valor ao folclore brasileiro!

*Texto publicado no Anuário do 21.º Festival do folclore de Olímpia, parcialmente reproduzido em homenagem a essa inesquecível folclorista, falecida em 08/03/2015.





Os jovens, espontaneamente, organizam grupos, trajam-se especialmente com camisetas estampadas, na maioria, com a figura do Curupira. Elegem o nome das equipes (Podão, Feras, Esquinão e outras) e durante o Festival do Folclore (em agosto) aplaudem, vivendo com zelo e carinho as manifestações folclóricas. Respeitam os elementos folques. Sabem o nome da cada folguedo, de cada dança e de seus figurantes. Dão informações aos que solicitam, esclarecendo sabiamente a importância do folclore para a Cultura Brasileira. Cantam juntamente com os grupos suas melodias e conhecem os passos das danças. É incrível! Só participando de um festival é que se pode valorizar a mocidade olimpiense. Ela se orgulha da cultura nacional. Pode ser considerada um modelo da juventude brasileira.

A participação da Prefeitura Municipal na parte organizacional da Festa é outro exemplo a ser seguido e imitado por todas as prefeituras que queiram tributar respeito à cultura popular brasileira, a fim de evitar as influências modificadoras impostas pelo avanço científico e tecnológico, que desfiguram nossos usos e costumes.

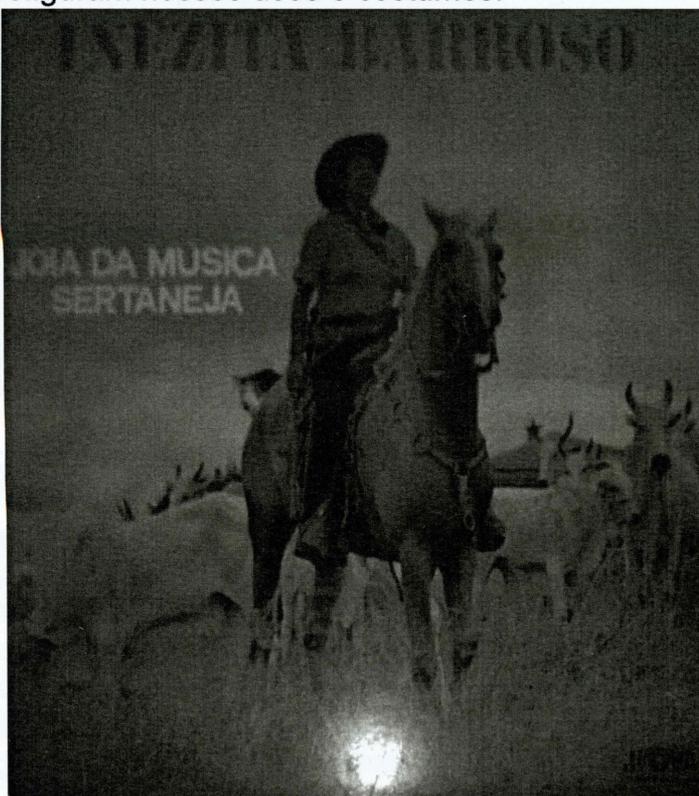
Em 1978 e 1980, anos em que gravamos os elepês "Jóia da Música Sertaneja", nos quais inserimos algumas melodias folclóricas, convidamos o ilustre folclorista e estudioso das páginas musicais caipiras, Dr. José Sant'anna, para selecionar as músicas que deveriam compor os referidos discos. E confessamos: foi um sucesso total!

E é por tudo isto que adotamos Olímpia como cidade querida.

Desde a primeira vez que adentramos ao palco olimpiense, a plateia já aclamava: *A Moda da Pinga!* E o mais agradável é que todos cantavam conosco.

Aliás, não é só na Capital do Folclore esta predileção do povo, ela figura em todos os lugares por onde difundimos a música brasileira. Portanto, esta moda tornou-se obrigatória, pela insistência pública, em todos os espetáculos musicais que realizamos. Já está consagrada como um hino popular.

Inspirada nesta grande aceitação do povo é que teceremos algumas considerações sobre a...



MODA DA PINGA

(apresentado o tema com estrofes recolhidas e adaptadas, como se fosse uma "colcha de retalhos")

Jônatas Manzolli

Moda da Pinga

Viola

9

17 *Canto*

1. Co'a mar-va - da pin - gaé queeu mea - tra - paio Eu en - to na ven - dae já dôo meu taio, Pe - go no co -

22

po e da - li não saio, A - li me - moeu be - boa - li me - moeu caio

27

Só pra car - re - gá é queeu dôo tra - baio. Oi, lail

Viola

1 – Co'a marvada pinga é que eu me atrapaio
Eu entro na venda e já dô o meu taio,
Pego no copo e dali não saio,
Ali memo eu bebo, ali memo eu caio,
Só pra carrega é que dô travaio.
Oi, lail!

2- Venho da cidade e já venho cantano,
Trago um garrafão que venho chupano,
Venho pr'os caminho, venho tropicano,
Chifrano os barranco venho cambetiano
E no lugá que eu caio já fico roncano.
Oi lail!

3 – A muié me disse, ela me falô:
Largue de bebê, peço por favô!
Prosa de muié nunca dei valô,
Bebo co'o sor quente pra esfriá o calô
E bebo de noite é pra fazê suadô.
Oi, lail!

4 – A muié me disse: largue de bebê!
Eu disse pra ela: largue de trelê!
Pois quem s'embriaga num é vassuncê
Eu com a caninha hei de combatê,
Só largo da pinga quando eu morrê.
Oi, lail!

5 – Pinga temperada eu num modifico,
Quem me dá no bule, eu chupo no bico,
Vô rolá na poera que nem tico-tico,
Vô de quatro pé, destripano o mico.



Junta mosquiteira, mas eu não imprico.
Oi, lai!

6 – Cada veis que eu caio, caio deferente,
Meaço para trais e caio pra frente,
Caio devagá, caio de repente,
Vô de corrupio, vô deretamente,
Mais seno de pinga, eu caio contente.
Oi, lai!

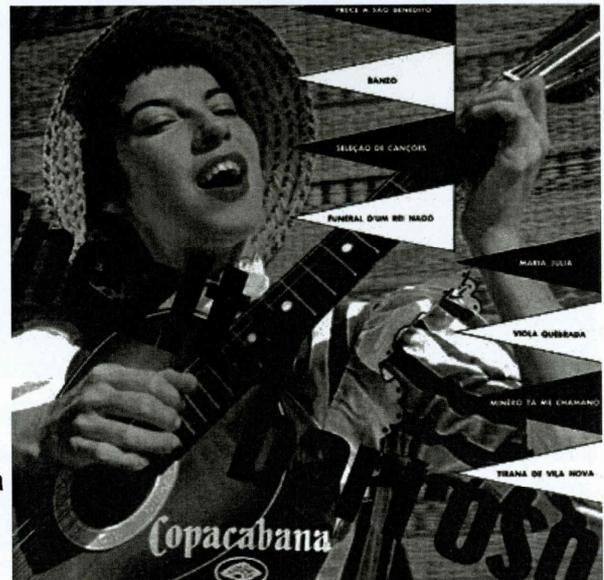
7 – Pegó o garrafão e já balanceio
Que é pra morde vê se tá memo cheio,
Não bebo de veis, porque acho feio
No primeiro gorpe chego inté no meio,
No segundo trago é que eu desvazeio.
Oi, lai!

8 – Eu bebo da pinga, porque gosto dela
Eu bebo da branca, bebo da amarela,
Bebo nos copo, bebo na tigela,
Eu bebo temperada com cravo e canela
Seja a quarqué tempo, vai pingá na goela.
Oi, lai!

9 – Num largo da pinga nem que eu tome pito,
O que é de incrinação eu acho bonito.
Co'o chego da pinga fico meio afrito,
Bebo uma garrafa e já quero um litro;
Já fico babano, crio dois esprito.
Oi, lai!

10 – Eu fui numa festa, ai, no Rio Tietê
E lá fui chegano no amanhecê
Já me dero pinga pra mim bebê,
Já me dero pinga pra mim bebê,
Tava sem fervê.

11 – Eu bebi demais e fiquei mamado,
Eu caí no chão e fiquei deitado.
Aí eu fui pra casa de braço dado,
Ai, de braço dado é com dois sordado!
Ai, muito obrigado!



VOCABULÁRIO

Afrito (afrito), adj.: angustiado, ansiado, apoquentado.

Babano (babando) de babar, v.: deitando baba, sujando com baba, ababalhar.

Cambetiano (cambeteando) de cambetear, v.: manquetear, coxear. Na linguagem caipira o segundo e de cambeteando passa a *i*.

Chifrano (chifrando), de chifrar, v.: dar chifradas em alguém ou em alguma coisa. Está empregada em sentido figurado: caindo aqui e acolá.

Chupano (chupando) de chupar, v.: bebendo, ingerindo bebidas alcoólicas. É brasileiro.



Corrupio, s. m.: volta, rodopio, giro.

Goela, s. f.: garganta.

Gorpe (golpe), s. m.: Está empregado no sentido de gole, trago.

Incrinação (inclinação), s. f.: Em sentido figurado quer dizer simpatia, propensão, afeição.

Imprico (implico), de implicar, v.: envolver. Está na acepção de não dar importância, não se incomodar.

Mamando, de mamar, v.: Está empregado em sentido figurado: logrado, enganado. Na música, quer dizer bêbado.

Prosa, s. f., brasileirismo: conversa.

Suadô (suadouro). S. m.: ato ou efeito de suar; remédio para provocar a transpiração.

Taio (talho), s. m.: talhamento, golpe dado com instrumento cortante. Está empregado em sentido figurado: beber em golfadas.

Trago, s. m.: golpe, hausto.

Trelê (treler), v.: ser metediço, intrometido implicante.

Tropicano (tropeçando) de tropeçar, v.: dar com o pé involuntariamente, esbarrar. Tropicar é forma popular de tropeçar.

Venda, s. f.: loja de secos e molhados, armazém.

EXPRESSÕES

Largue de trelê: tem o sentido de largue de tagarelar; cale a boca.

De quatro pé: posição em que fica a pessoa altamente embriagada, que não pode sustentar-se em pé. É como se dissesse ficar de gatão.

Estripano o mico: é brasileirismo muito empregado no Estado de São Paulo. Significa vomitar.

Bebo na tigela: tem o sentido de beber muito, em grande quantidade.

Bebo da branca, bebo da amarela: diz-se da aguardente incolor e da de cor amarela. No texto equivale a tomar cachaça de qualquer qualidade.

Tome pito: é corretivo correspondente à repreensão, carão, carraspana, censura, ralho, raspança, raspe, reprimenda, reproche, reprovação.

Bebo temperada com cravo e canela: cravo e canela são condimentos odoríferos que associados à aguardente dão-lhe melhor sabor.

Crio dois espírito: refere-se ao espírito de Anjo e ao do Diábo: fico amável e esbravejo-me; fico bom e mau; faço palhaçadas e dou pauladas; canto e choro.

Rio Tietê: é o rio (rio das Bandeiras) que banha a cidade paulista do mesmo nome, Tietê. Cidade de policultura, na qual se destaca a cana-de-açúcar. No Rio Tietê se realizam as tradicionais festas do Divino Espírito Santo, anualmente em dezembro. O ponto alto dos festejos é o Encontro das Canoas, atraindo milhares de pessoas de todas as condições sociais.

Que nem tico-tico: além de atender a rima, significa dar passos disfarçados como o tico-tico quando se espoja num local de terra solta.

De braço dado com dois sordado: é o mesmo que ser conduzido à prisão, à cadeia.

Ai, muito obrigado!: fórmula de agradecimento. A mulher dirá: muito obrigada.

Sor quente: corresponde a durante o dia.

PINGA

No Estado de São Paulo os nomes mais comuns dados à aguardente são pinga a cachaça. *Pinga* é brasileirismo que se originou do verbo pingar. *Cachaça* é nome trazido pelos africanos, provavelmente dos escravos vindos de Angola.

A sinonímia da cachaça é enorme em nosso país, chegando,



segundo os pesquisadores do assunto, a ultrapassar a mais de mil nomes.

A verdade é que todos bebem. Até crianças e mulheres. A bem dizer a cachaça é tão ruim de ser ingerida que se rotulássemos um frasco dizendo tratar-se de remédio favorável à cura de alguma doença, o paciente sucumbiria, porque como remédio de laboratório ele não a aceitaria. Queimaria demais a goela.

Mas em se tratando de aperitivo, então ela muda de figura. Acham-na uma delícia, embora façam careta para ingeri-la. Cada um procura uma justificativa para o seu vício: O pobre bebe para esquecer sua pobreza; o rico para esquecer os problemas advindos de sua riqueza. E assim todo mundo se defende, embriagando-se.

COMENTÁRIOS

A - QUANTO AO CONTEÚDO

A Moda da Pinga retrata o dia-a-dia da vida do pau-d'água, do bêbado contumaz. O pinguço narra o seu estado de embriaguez. Entra no boteco, pede a "marvada", joga um pouquinho no chão, oferecendo ao Santo para afugentar o Demônio; bebe o restante, fazendo uma boa careta para o Diabo sair mesmo, e dá uma cuspidinha a seguir. Repete a dosagem de pinga muitas vezes. Paga ou manda marcar. Embriaga-se. Aí ele apronta muito depois do pileque. Discute, diz palavrões, ou faz gracejos. Fica com as pernas bambas e deita-se no chão. Geralmente é levado para casa ou para a cadeia, dependendo muito do estado de embriaguez, da macaquice ou rudeza.

Na primeira estrofe fala do atrapalho que a pinga lhe traz. Entra na venda, bebe demais e diz que para ser tirado do local não é fácil. Dá trabalho.

Na segunda estrofe se refere à boa quantidade de pinga ingerida. Na volta para casa, leva um garrafão o qual vai sendo ingerido. Dá passos ziguezagueados, acaba caindo no chão e dorme um sono perturbador, cheio de roncos.

Na terceira e quarta estrofes ele discute com a mulher e justifica os motivos por que bebe. E promete deixar da bebida somente quando morrer.

Na quinta estrofe persiste em afirmar que toma pinga de qualquer qualidade. Torna a cair, vomita, é atormentado por mosquitos, mas não dá importância a nada disso.

Na sexta estrofe retrata as maneiras diferentes como cai embriagado. Mas cairá sempre contente, se o motivo for a cachaça.

Na sétima estrofe se refere ingerir o conteúdo de pinga e que a bebe de qualquer qualidade e com diferentes temperos, porque de qualquer forma ela irá parar na goela.

Na nona estrofe confirma não abandonar o vício de alcoólatra, mesmo que lhe chamem a atenção ou lhe apliquem sanções. E que depois de bêbado chega a ganhar dois espíritos: o do bem e do mal.

Finalmente nas 10.^a e 11.^a estrofes narra ter ido a uma festa no Rio Tietê. Chegando de manhã, já lhe deram pinga. Bebeu demais e ficou muito embriagado, tendo como resultado e sonolência. E o resultado de tudo é que vai conduzido a casa, ou quem sabe ao "xadrez", por dois soldados.

B - QUANTO ÀS PERSONAGENS

São personagens: *o pinguço* (narrador que ridiculariza o consumo da aguardente, pintando de maneira divertida o vício da bebida alcoólica); *a esposa* (que combate a embriaguez, considerando-a um terrível defeito, uma tolice) e *dois soldados* (que cumprem as funções de mantenedores da segurança pública).

C - QUANTO À COMPOSIÇÃO POÉTICA

A composição poético-musical "Moda da Pinga", a mais longa que conhecemos, forma-se de 11 estrofes, as quais se consti-

tuem de 5 versos (quinti-



lhas), que são sempre estrofes agradáveis, somando, portanto, 55 versos. Poucas são as estrofes isométricas; a maioria é heterométrica. Está assim: 30 versos de 10 sílabas poéticas (decassílabos); presta-se à expressão de todas as ideias e é suscetível de maior variedade; 21 versos de 11 sílabas poéticas (hendecassílabos); 2 versos de 12 sílabas poéticas (dodecassílabos) e 2 versos de 5 sílabas poéticas (pentassílabos ou redondilhas menores), versos cuja maleabilidade métrica se presta para a doçura de manifestações de sentimentos. Em quase todas as estrofes, com exceção das duas últimas (10 e 11), aparece a cauda *Oi, lai!* (pequeno verso suplementar, dissílabo, no final de cada estrofe). É um capricho musical estrófico, alegrando ainda mais a música na passagem de uma estrofe à outra. Grande parte dos versos são compostos, pois podem ser reduzidos, ou seja, partido em dois. Às vezes até em mais.

D - QUANTO AOS PROCESSOS FONÉTICOS

Observamos:

Crase (fusão de duas vogais iguais): s'embriaga (se embriaga) – estrofe 4. Ocorreu a figura de palavra (metaplasmo) dominada sinalefa, ou seja, a supressão da vogal átona e do pronome *se* diante da palavra embriagada. É forma contrata. A vogal *e* e suprimida foi substituída pela notação léxica denominada apóstrofo.

Eclipse (supressão de um fonema nasal final para possibilitar a crase ou ditongação). Na linguagem do povo e na linguagem poética, a preposição *com* se encontra com as formas dos artigos (*definidos*: o, a, os, as; *indefinidos*: um, uma, uns, umas); a nasal desaparece e o fenômeno é representado pelo apóstrofo: *co'a* (com a), estrofe 1; *co'o* (com o), estrofes 3 e 9. Ocorrem casos na linguagem popular em que a nasal desaparece juntamente com a vogal átona: *c'o* (com o), *c'a* (com a).

E - QUANTO ÀS RIMAS

As rimas da Moda da Pinga são *soantes* (ou consoantes), pois apresentam igualdade total de fonemas a partir da vogal da sílaba tônica. Oito estrofes são de rimas femininas, elas se operam entre palavras paroxítonas. São versos *graves*. Três são de rimas masculinas (3, 4 e 10), isto é, rimam palavras oxítonas. São versos *agudos*. Os versos agudos não soam com muita suavidade. A composição poética é sempre monótona, quando não insuportável. Mas é grande a aceitação em composição de gênero burlesco, humorístico ou satírico. Quando cantadas as estrofes ficam mais alegres.

Predominam, na composição, as rimas *pobres*, ou seja, de palavras pertencentes à mesma classe gramatical e a participios em *-ado*.

Sendo a rima considerada como condição indispensável para as estrofes, estão assim organizadas: 1.^a estrofe (todos os versos rimam em *raio*), 2.^a estrofe (todos os versos rimam em *ano*), 3.^a estrofe (todos os versos rimam em *ô*), 4.^a estrofe (todos os versos rimam em *ê*), 5.^a estrofe (todos os versos rimam em *enico*), 6.^a estrofe (todos os versos rimam em *ente*), 7.^a estrofe (todos os versos rimam em *eio*), 8.^a estrofe (todos os versos rimam em *ela*), 9.^a estrofe (os versos rimam em *ito*, com exceção da palavra *litro* onde aparece um *r* formando encontro consonantal com o *l*, mas sem nenhum prejuízo à rima), 10.^a estrofe (todos os versos rimam em *ê*), 11.^a estrofe (todos os versos rimam em *ado*. Se cantada por mulher, modifica-se para *ada/ado*).

Os versos são chamados *monorrimos*, por em toda a estrofe a rima não varia.

F - QUANTO À LINGUAGEM

Há na composição:

Amanhecê (amanhecer): No falar caipira, por influência africana, caem o *-l* e o *-r* das palavras monossílabas tônicas e das pala-



da Pinga encontramos: amanhecê (amanhecer) bebê (beber), calô (calor), carregá (carregar), combatê (combater), devagá (devagar), esfriá (esfriar), favô (favor), fazê (fazer), fervê (ferver), lugá (lugar), morrê (morrer), pingá (pingar), quarquê (qualquer), rolá (rolar), tá (está), trelê (treler), valô (valor). Daí a necessidade do acento gráfico nas palavras (agudo ou acento circunflexo), por serem as letras *l* e *r* finais consideradas consoantes fortes carregam junto de si a sílaba tônica das palavras.

Atrapaio (atrapalho): Na linguagem do povo o dígrafo *lh* vocaliza-se na semivogal *i*, havendo, portanto, ditongação. Esta alteração se opera entre nosso povo por influência africana, visto serem os africanos incapazes de pronunciar este dígrafo. Esta influência é notada em *atrapaio* (atrapalho), *taio* (talho) e *trabaio* (trabalho). Em situação idêntica: *muié* (mulher).

Babano (babando): No Estado de São Paulo, principalmente, as pessoas analfabetas suprimem o *d* nas desinências verbais de gerúndio (síncope). Este fato é atribuído, por alguns, à influência africana, enquanto que para outros estudiosos é atribuído à influência tupi na linguagem popular. Na Moda da Pinga aparecem: *babano* (babando), *cambetiano* (cambeteando), *cantano* (cantando), *chegano* (chegando), *chifrano* (chifrando), *chupano* (chupando), *destripano* (destripando, estripando), *roncano* (roncando), *seno* (sendo) e *tropicano* (tropicando, tropeçando).

Deferente (diferente): A forma *deferente* é fala do povo inculto, conservada, persistentemente, da linguagem dos colonizadores do Brasil e que se praticava em Portugal no século XV. (*Diferente* – deferente). Há, na Moda da Pinga, outro caso semelhante: *deretamente*. (*Diretamente* – deretamente).

Dero (deram): A terminação *am* (ãu) da terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do modo do indicativo soa *o* na pronúncia do povo inculto, perdendo a nasalização. (*Deram* – dero).

Desvazeio (esvazio): Em alguns verbos começados em *e* é costume do povo acrescentar no início a letrada. É um caso de prótese popular. Quanto à terminação *-eio* em alguns verbos terminados em *-iar* é outro erro popular, que se opera em analogia com os verbos terminados em *-ear*. Aliás, dos verbos da primeira conjugação terminados em *-iar* somente cinco fazem a primeira pessoa do singular do presente do modo indicativo em *-eio*: *mediar*, *ansiar*, *remediar*, *incendiar* e *odiar*. Com as iniciais destes verbos forma-se a sigla MARIO. Os demais fazem a primeira pessoa em *-io*. Daí, existirem dois erros em *desvazeio*, impostos pelo povo. (*Esvazio* – desvazeio).

Dô (dou): O ditongo *ou*, por influência africana, reduziu-se na língua popular do Brasil para *o*. Na Moda da Pinga estão: *dô* (dou), *falô* (falou) e *vô* (vou).

Esprito (espírito): *Esprito* é forma arcaica e ainda hoje popular de espírito. O povo simples também diz *espirto* e *espirito*. O que leva as pessoas da camada popular a pronunciarem *esprito* é a aversão às proparoxítonas.

Gorpe (golpe): Na linguagem caipira, a tendência é passar *l* a *r*, quando *o/l* sem apoio de vogal própria que com ela mesma soe como fonema acomoda-se à sílaba anterior, resultando em ditongo. No texto aparecem várias palavras: *gorpe* (golpe), *marvada* (malvada), *quarquê* (qualquer), *sor* (sol) e *sordado* (soldado). Nos encontros consonantais *bl*, *cl*, *dl*, *fl*, *gl*, *pl*, *tl* pronunciados por pessoas simples, percebemos, também, a mudança do *l* a *r*: *afrito* (aflito), *incrinação* (inclinação) e *imprico* (implico).

Inté (até): A preposição *até*, antigamente *atees*, *atem*, *ataa*, *atá* (formas arcaicas), ainda hoje aparece vulgarmente modificada para *inté*.

Mais (mas): Entre falantes incultos os monossílabos tônicos (e mesmo alguns átonos) terminados em *-a*, *-e*, *-o*, seguidos de *s* ou *z*, alongam-se estas vogais em ditongo (*ai*, *ei*, *oi*). Na Moda da Pinga encontramos: *mais* (mas), *trais* (trás) e *veis* (vez).

Meaço (ameaço): Houve aférese do *a*. É muito comum o povo abolir ou acrescentar um *a* em determinados verbos de nossa língua.

Memo (mesmo): Do acusativo “metipsimu” tivemos o vocábulo *mesmo*. O povo diz, com muita frequência, *memo*, fazendo a abolição do *s*. Também são ouvidas, entre o povo, as formas *mermo* e *meso*.



Num (não): O povo diz *num*, palavra denotativa de negação, em lugar de não, diante de certas palavras que não repugnam este emprego. Talvez o fato se explique tendo em vista a forma latina *nom*, forma arcaica, em nossa língua, na qual o *o* se fechou em *u*.

Pra e pr'os (para e para os): *Pra* é forma sincopada, e de sabor popular, da preposição *para*. *Pr'os* é a forma prolatada em lugar da forma plena *para os*. A preposição *para*, embora dissilábica, é atona. No caso de *pr'os* esta sofre síncope do *a*, ou seja, perde o *a*, os sons vocábulos: *pr*.

Pra morde (por amor de): Resulta, na linguagem do povo inculto, da locução prepositiva *por amor de*. O primeiro elemento *por* (átono) perdeu a vogal e se uniu ao *a* (de amor). Os dois elementos seguintes *mor* (que restou de amor) e a preposição *de*, juntaram-se: *morde*, alterando-se o timbre da vogal *o* (tônica), nascendo, daí, *pra morde*. Entre falantes incultos esta expressão aparece com profundas alterações: *pra mode*, *mode*, ouvindo-se até a reduzidíssima forma *mó*. Por amor de – Pra morde.

Pr'os caminho (pelos caminhos): O plural conservado pela linguagem dos caipiras e matutos deixa o substantivo invariável, flexionando apenas os artigos e pronomes que o antecedem. É o vestígio mais notável na morfologia da Língua Portuguesa do Brasil, deixado pelo negro. Na Moda da Pinga são notados os plurais: *pr'os caminho* (pelos caminhos), *os barranco* (os barrancos), *nos copo* (nos copos), *dois esprito* (dois espíritos) e *dois sordado* (dois soldados).

Suadô (suadouro): É comum nos meios incultos a redução do sufixo *-douro* (oriundo do latim *d+ouro* e que indica lugar) a um simples *dô*, perdendo-se os elementos *-uro*. *Suadouro* é palavra paroxítona, porém a forma popular torna-se oxítona: *suadô*. Nesta forma, em obediência à lei gramatical, a palavra é graficamente acentuada (acento circunflexo).

Vassuncê (você): O pronome da segunda pessoa *você* era antigamente o tratamento de respeito *vossa mercê*. A força conservadora do acento revela-se tanto melhor, quanto mais gasta a palavra está pelo uso constante que dela se tem feito, como sucede com o pronome *você*, que é a atual representante da antiga fórmula de tratamento *vossa mercê*, que por seu lado é a frase latina *vostra mercede*, nas quais a vogal tônica são *o* e *e*. A evolução deve ter sido a seguinte: *vossa mercê* – *vossemecê* – *vosmecê* – *você*. Por influência africana apareceram as formas populares: *vassuncê*, *uncê*, *oncê*, *vancê* e *mecê* (quase todas pouco usuais). O emprego de *ocê* é também criação do negro sob aférese violenta do *v*.

G - QUANTO À CONCORDÂNCIA

Nas estrofes 3 e 4, a interpretação sendo feita por cantor, este dirá a *muié*; se por cantora, o marido. Isto implicará a concordância nominal da 11.^a estrofe: *mamado / mamada*, *deitado / deitada* e *muito obrigado / muito obrigada*.

Pra mim bebê (para eu beber): Nas camadas populares, onde não se conhece a gramática, usa-se o pronome *mim* como sujeito de um infinitivo. *Pra eu beber* – pra mim bebê.

Pr'os caminho (pelos caminhos): Emprego errado da preposição *para*. A relação prepositiva neste caso é feita com a antiga preposição *per* combinada com o artigo *o* deu-nos a forma *pelo*. *Pelos caminhos* – *pr'os caminho*.

Quem me dá em lugar de *quem me der*. Construção errada. Emprego do presente do modo indicativo em lugar do futuro do modo subjuntivo. *Quem me der*. Quem me dá. Nas variantes da Moda da Pinga a transmissão oral modificou-a também para *Quem mandar* e *Queimada*.

H - OUTROS FATOS GRAMATICAIS

Ai!: Interjeição que serve para exprimir dor moral, além de completar a rima do verso.



Aí: Não está empregado como advérbio de lugar, mas sim como advérbio de tempo.
Quem nem (como): *Que nem* é locução empregada pelo povo e equivale a *como*, sendo pois uma locução conformativa.

I - QUANTO À MÚSICA

Moda de viola de compasso binário, modo maior, tonalidade Sol Maior. Ritmo acéfalo. Começa na tônica e termina na terça maior ascendente.

Quanto à estruturação: A – A1 ... A10. A voz e a viola executam a melodia em terças menores e maiores, descendentes e ascendentes.

Quanto à harmonia: acordes da Tônica – Sol Maior, da Dominante – Ré com 7.^a e da Subdominante – Dó Maior.

Quanto à cadencia: Suspensivas (nos finais dos 4.^{os} versos) e Conclusivas – da segunda metade dos penúltimos compassos para o primeiro tempo dos últimos compassos dos últimos versos das estrofes.

HISTÓRIA DA MODA DA PINGA

Gostaríamos de poder informar exatamente quantas gravações de *Moda da Pinga* foram postas à venda pelas gravadoras da R.C.A. Víctor e pela Copacabana Discos, distribuídos em 78 rotações, compactos, *longplays* e fitas minicassetes, no decorrer dos trinta anos de carreira que possuímos. Mas, lamentavelmente, isto já não nos é possível. As datas das gravações também são prováveis, pois as primeiras foram em discos de 78 rotações e não registravam data.

O que sabemos a respeito da música é que a conhecemos desde criança e só não a cantávamos em programas infantis, porque diziam que a letra “não era própria para criança”. Ouvimos, repetidas vezes, a música e letra em festas de fazenda. A letra variava e era bem longa, mas a música sempre foi a mesma.

Sob o nome de *Marvada Pinga* gravamos em 1953, a 1.^a versão, que registrava como autores Raul Torres e Laureano, o que também é objeto de discussão, pois, para a maioria dos estudiosos desse assunto, somente é considerado como autor o professor Ochélsis de Aguiar Laureno.

No dia 12 de maio de 1985, a dupla Sá e Guarabira apresentou-se no Programa “Som Brasil”, de Lima Duarte, na Rede Globo de Televisão, Canal 5 – São Paulo e interpretou *Marvada Pinga*, de Laureano, aparecendo no vídeo: sucesso de Laureano e Mariano.

Queremos esclarecer também que quando indagávamos sobre a autoria da música, éramos informados de que se tratava de melodia e letra sem autores conhecidos, recolhidas, aos pedaços, na região de Tietê, Tatuí e Itu, cidades paulistas.

Daí acreditarmos ter ocorrido o costume muito comum em Portugal, onde as músicas de agrado popular levam duas ou mais letras diferentes. No caso da *Moda da Pinga*, os cantadores improvisaram versos dentro da mesma música, como ainda ocorre em festas populares de todo o nosso interior.

Assim sendo, podemos crer que a *Moda da Pinga*, considerada pela maioria dos pesquisadores de música, como melodia e letra de autor desconhecido, tenha sofrido um processo semelhante, em tantos anos de execução. Em nossas gravações, o selo do disco mudado inúmeras vezes, registrando-se autores diferentes, conforme a reedição do disco. Pode ser que autores de estrofes da música estivessem reivindicando a autoria total da mesma. Não é raro o fato seguinte: Vamos fazer um espetáculo em cidade do interior, em cidade grande ou pequena e sempre se apresenta o “autor” da *Moda da Pinga*. E alguns chegam a perguntar por que não incluíram seu nome no disco. Por que essa injustiça? Mas o mais curioso é que o cidadão geralmente não tem mais que 30 anos de idade.



A primeira gravação que fizemos da *Moda da Pinga* foi na R.C.A. Victor, em 1953, disco de 78 rotação (n.º 80 1217), em cujo selo se lê: *Marvada Pinga*, de *Laureano*, com Inezita Barroso e Conjunto Regional do Canhoto, gravado no Rio de Janeiro. A música está no lado A. Conhecíamos diversas estrofes do tema, mas por falta de espaço, foram gravadas apenas 5 delas.

Logo após o lançamento de *Marvada Pinga*, deu-se início a uma polêmica sobre a autoria da música. Em 1953 e 1954, ela esteve na praça em discos de 78 rotações, combinada com diversos sucessos nossos, mas sempre “puxando” o disco. Foi, sem nenhuma sombra de dúvida, o maior sucesso daqueles tempos. Esteve em todas as paradas de sucesso do país. Os autores variavam e o selo era constantemente trocado. O nome de Cunha Júnior apareceu no selo durante um certo tempo e depois desapareceu. Em 1954, a R.C.A. Victor lançou um elepê de 10 polegadas, *Coisas do Meu Brasil* (n.º 3.016), cuja primeira faixa era *Marvada Pinga*, de *Laureano* (mesma matriz do 1.º disco).

Em 1955, depois de nossa mudança para a Copacabana Disco, a R.C.A. Victor lançou um elepê de 12 polegadas, com matrizes que lhe pertencia, *Coisas do Meu Brasil* (n.º 5.020), onde reaparece a *Marvada Pinga*, de *Laureano*.

Nossa interpretação de “*Marvada Pinga*” convenceu muito e aconteceu o que acontece com artistas de novela, quando interpretam tipos malvados e são até agredidos na rua! Começamos a receber muitos cartazes da Liga Contra o Álcool e coisas semelhantes. Achamos a atitude muito engraçada, mas ficamos ainda mais orgulhosos de nossa interpretação. Sabe o que fizemos? Decoramos todo o bar de nossa casa com os referidos cartazes, ilustrados com fotografias de senhoras derramando lágrimas sobre taças de cristal. A despeito da decoração, confessamos não gostar de pinga, mas apreciamos muito a sua “moda”.

Algum tempo depois, Vicente Leporace escreveu a contracapa para nosso elepê CLÁSSICOS DA MÚSICA CAIPIRA. Assim se manifestou:

“...Escrever esta contracapa foi fácil tarefa, porque não há neste Brasil ‘velho-de-guerra’ quem não conheça a *Inezita*, a moça da alta sociedade paulistana que introduziu o violão e a viola nos salões grã-finos, onde, até então, só se ouviam instrumentos nobres, como a harpa, o violoncelo, o violino e outros, além do piano de cauda! *Inezita* chegou, violão em punho, sorriu aquele sorriso de capa de revista e disse: ‘Vou cantar a *Moda da Pinga*! Os basquetes, que haviam aplaudindo momentos antes, o ‘L’après-midi d’un faune’, de Debussy, executado ‘magistralmente’ por um grupo de debutantes, entreolham-se, receosos, não acreditando no que ouviam, nem no que estavam vendo! (Houve, inclusive quem insinuasse, em voz baixa, que a moça estava ‘piúca’...). *Inezita* não ligou, soltou aquela voz bonita que Deus lhe deu e... foi a conta! Desse momento em diante, as ‘moçoilas’, os ‘mancebos’ e os circunstantes, passaram a notar a existência da viola, do violão e ‘descobriram’ que eram instrumentos dedilhados à moda da terra!!!”

No início de 1955, como já afirmamos, transferimo-nos para a Copacabana Discos, onde gravamos, inicialmente, diversos discos de 78 rotações, além de três elepês de 10 polegadas. Em 1958, gravamos nessa fábrica o nosso primeiro elepê de 12 polegadas, sob o título *Vamos Falar de Brasil* n.º 11.016, onde foi incluída, desta vez, a *Moda da Pinga*, aparecendo como autores, Raul Torres e *Laureano*. Nessa faixa acompanhamo-nos com viola caipira. Como as discussões sobre a autoria da música continuassem e mais acirradas, bem como o seu sucesso aumentava em todos os espetáculos, resolvemos realizar nova gravação pela Copacabana, incluindo outras estrofes que não tiveram espaço na primeira gravação. Em conversa com Paulo Vanzolini, recordamos outras estrofes que havíamos recolhido no interior paulista, ou seja:

Venho da cidade, já venho cantano,
Trago um garrafão que venho chupano,
Venho pr’os caminho, venho tropicano,
Chifrano os barranco, venho cambetiano
E no lugá que eu caio já fico roncano.



Oi, lai!

Eu bebo da pinga, porque gosto dela,
Eu bebo da branca, bebo da amarela;
Bebo nos copo, bebo na tigela
E bebo temperada com cravo e canela,
Seja quarqué tempo vai pinga na goela.
Oi, lai!

Pinga temperada eu num modifico,
Queimada no bule eu bebo no bico,
Vô rolá na poera feito tico-tico,
Vô de quatro pé, destripano o mico.
Junta mosquiteira, mas eu não imprico.
Oi, lai!

Destas, as duas primeiras estrofes incluímos na gravação. Como as polêmicas prosseguiram, então nós, preparamos um teste. Tratamos o seguinte: gravaríamos também duas ou três estrofes compostas por Paulo Vanzolini sobre a mesma melodia, para provarmos que é hábito, entre os cantadores, acrescentarem letras nas músicas de agrado popular. E estávamos certos de que não apareceria nenhum autor para a letra toda. Nossa experiência constou em anexar à letra duas estrofes criadas por Paulo Vanzolini, mas guardando absoluto sigilo de que elas eram dele. Foi o bastante! Apareceram muitos compositores para reclamar a autoria dos versos. Ficou então provado para nós que, sendo ou não folclore, nessas circunstâncias, sempre aparecerão os “donos”.

As estrofes engenhadas por Paulo Vanzolini, que gravamos, são estas:

Cada veis que eu caio, caio deferente,
Meaçõ pra trais e caio pra frente,
Caio devagá, caio de repente,
Vô de currupio, vô deretamente,
Mais seno de pinga, eu caio contente.
Oi, lai!

Pego garrafão e já balanceio
Que é pra morde vê se ta memo cheio,
Não bebo de veis, porque acho feio,
No primeiro gorpe chego inté no meio
No segundo trago é que eu desvazeio.
Oi, lai!

E esta outra, que não inserimos na faixa:

Eu bebo da pinga nem que tome pito,
O que é de incrinação eu acho bonito.
C'õ chero da pinga eu já fico afrito,
Bebo uma garrafa e já quero um litro;
E é bebendo a pinga que eu crio esprito.
Oi, lai!

Em 1968, quando visitávamos Olímpia, fomos homenageados pelo violeiro (tocador de viola caipira de 10 cordas) e bom cantador, Sr. Benedito Delfino Moreira, de 70 anos, que orgulhosamente, cantou a *Moda da Pinga*. Entre s estrofes costumeiras, entraram essas três com as seguintes variações da criação do espírito



popular, a encantadora alma espontânea do povo. Aprendeu a melodia em 1920.

Eu bebo a pinguinha porque gosto dela,
Bebo misturada com cravo ou canela,
Bebo na garrafa, bebo na tigela,
Bebo da branquinha, bebo da amarela,
Não importa a hora vai caí na goela.
Eh, lá!

Quando bebo pinga fico brincaião,
Basta uma copada, já rolo no chão.
Pelejo co'as perna e também co'as mão,
Parece que tô pisano em sabão,
Mais se ri de mim, fico valentão.
Eh, lá!

E mais esta estrofe que diz ter lido no Suplemento "Melodias Sertanejas" – Palmeira e Biá – 9, onde havia a letra de 31 músicas, por nós interpretadas e, entre elas a *Moda da Pinga*, sem referência a qualquer autor, lançado pela Editora Prelúdio Ltda., de São Paulo, sem data da publicação. Mesmo tendo recebido informação escrita, os três últimos versos apareceram como variantes dos que estavam impressos no referido livreto.

Eu bebo pinga nem que leve pito,
O que é de incrinação, eu acho bonito.
Bebo uma garrafa e já quero um litro,
Ai, bebendo um litro eu já fico afrito;
Garro a suá e ganho dois esprito.
Eh, lai!

Segundo o depoimento do Sr. Alceu Clemêncio da Silva, olimpiense, a dupla Sebastião Dias e Antônio Cândido, de Tabapuã – SP, no ano de 1929, participava de festas nas fazendas e mesmo nas cidades, animando grupos de catira à cantoria da *Moda da Pinga*, principalmente se estas reuniões eram organizadas pelo grande cafeicultor do município – Capitão Horácio Antônio do Nascimento.

Jesus Francisco de Miranda (Chico Vato), outro violeiro, hoje residente no Bairro São José, de Olímpia, contou-nos conhecer a *Moda da Pinga* aos 14 anos de idade, isto em 1925, quando a aprendeu com seus parentes no distrito de Ribeiro do Santos, Município de Olímpia.

Outro informante de Olímpia, Sr. João Joaquim de Sant'Ana, já falecido, disse-nos conhecer a moda pelos idos de 1915 e que era muito apreciada pelos cantadores de viola da época.

Enfim, a *Moda da Pinga* é conhecida há muitos anos em todo o Estado de São Paulo, tendo adquirido foros de tradicionalidade. Criou raízes na memória coletiva paulista.

CONCLUSÃO

A *Moda da Pinga* também conhecida por *Marvada Pinga* tem sua autoria controversa e divergente. Para uns a autoria é de Ochélsis Laureano. Para outros, é de Ochélsis Laureano em parceria com Raul Torres. E ainda para outros, de Chunha Júnior. Mas, na verdade o tema pertence ao folclore paulista, mais precisamente da região de Tietê, onde era cantado, constantemente, por negros alforriados. Tem-se notícia de que foi também muito difundida nas cidades de Tatuí e Itu.

O que aconteceu foi que os recolhedores da música, ao registrá-la, naturalmente, assinaram a coleta e isto deu-lhes "status" de autoria. Prova maior de



que a música é de domínio público são as variantes registradas. Numa gravação recente (1982) a dupla Pena Branca e Xavantinho gravou-a sob o tema *Marvada Pinga* (Som Brasil), em cujas estrofes os versos apareciam invertidos. Não há uma sequência na colocação das estrofes e mesmo grande parte das palavras empregadas são substituídas por sinônimos perfeitos ou análogos. Outro fato que normalmente ocorreu foi a adaptação de novas estrofes à música, até por compositor ilustre que preferiu anonimato.

A gravação original foi feita por Raul Torres e Serrinha, em 1940, a qual não obteve muita repercussão.

Treze anos depois, ou seja, em 1953, gravamo-la com o registro de *Marvada Pinga*, fazendo grande sucesso nas paradas. Em 1958, lançamos sua segunda versão sob o nome de *Moda da Pinga* e o sucesso multiplicou-se.

É certo que o tema musical foi inicialmente divulgado no rádio pela dupla Torres e Serrinha, mas solidificou-se essa expansão quando passamos a divulgá-la em discos e programas que realizamos e em todo o Brasil.

Quanto à autoria ora atribuída a este ou àquele compositor, queremos afirmar que o que é de muitos acaba não pertencendo a ninguém. Face às pesquisas que realizamos, o tema é de domínio público, portanto, do Folclore Brasileiro, tendo sua origem no Estado de São Paulo.

É uma sátira sobre a cachaça, provavelmente criação de negros alforriados que trabalhavam em engenhos de açúcar na região de Tietê. O homem do povo tem costumes mais despojados e mais simples o que o leva a divertir-se habitualmente em grupo, nas suas festas.

Na composição da *Moda da Pinga* há combinações de ideias, pensamentos que se ajustam e dão o verso cantante, com todos os requisitos exigidos pela música.

O que pode ter ocorrido sobre o tema coletado foram as variantes das estrofes (próprias da transmissão oral) e adaptações realizadas por alguns coletores. Mesmo assim, as próprias modificações e adaptações foram folclorizando-se e se sujeitaram ao fenômeno das variantes.

A *Moda da Pinga* quanto mais cantada, mais preferida se torna, ao contrário dos temas populares que quando muito repetidos passam a ter vida efêmera, chegando a ser considerados "carne de vaca".



Maiores provas de que a *Moda da Pinga* é generalizada no Estado de São Paulo é a dublagem que sobre ela vem sendo feita em programas de televisão. No dia 28 de outubro de 1984, uma moça dublou-a, imitando-nos no Programa Sílvio Santos, alcançando sucesso total; o que não ocorreu a um moço que tentando realizar a mesma dublagem no Programa Barros de Alencar, no dia 3 de novembro de 1984, não logrou êxito.

Por último, cabe-nos agradecer ao distinto amigo e dedicado colaborador, Prof. José Sant'anna, pelo incentivo e participação ativa na realização deste trabalho. Nossos agradecimentos se estendem ao maestro José Carlos Antonelli, ao respeitável compositor paulista de músicas caipiras, João Pacifico, à senhora Adelina Aurora Barreira Torres (viúva de Raul Torres), pelas informações prestadas. E aos moços olimpienses, Antônio Clemêncio da Silva, Célio José Franzin, Jônatas Manzolli, Luís Antônio Julião, Marcos Antônio Zangirólami e Valdemar Balbo, dig-

nos colaboradores.



FOLIAS DE SANTOS REIS

*Inch Baculo de Camargo
Departamento de Folclore - Olímpia*



E SUAS TRADIÇÕES

Desde meu tempo de criança que já vai longe, eu era vidrada por Folias de Santos Reis. Quando ouvia o barulho de bumbos ou de tambores, de sanfonas, pandeiros, deixava de lado tudo o que estava fazendo: ou desenhando, ou fazendo a lição de casa, ou ajudando as manas maiores nos seus afazeres, largava de tudo e, chamando a meninada, amigos de rua, de passatempos, e sem pedir ordem para a Nalídia, minha mãe, ou para meu pai, ou para os mais velhos, disparávamos para as ruas do centro, por onde certamente estava a Folia de Reis com seus palhaços à frente, dançando e cantando músicas, as quais eram já bem nossas conhecidas.

Vibrávamos querendo dançar e saltitar como os palhaços que sempre como os demais realizavam seus afazeres: cantar, levar a Bandeira até a porta das casas, esperando a acolhida que geralmente vinha logo após a dança. Meu sonho era um dia poder dançar e saltitar como os palhaços. Geralmente, eram em número de três.

Durante toda a andança do Grupo de Reis, nós os acompanhávamos dançando também, até quando no final eles paravam, para guardar o que haviam ganhado nas casas: pacotes de macarrão, óleo, açúcar, arroz, feijão, frangos, farinhas, e etc..

As famílias ofereciam a eles: pão com mortadela, ou com linguiça, guaraná e água. Algumas famílias ofereciam o que tinham para o almoço. Depois, eles cantavam com o palhaço saracoteando. De onde vinham, geralmente não sabíamos, porém, que perguntávamos lá

isso perguntávamos. Alguns mais afoitos diziam ser de Turvânia, Botafogo, Bebedouro, Monte Azul, Olímpia, onde já eram inúmeras as Folias de Reis, de Paraíso, de Monte Alto, Taiúva, Taiapu, ou mesmo de um sítio já do município de Pirangi mesmo.

No entanto, o que mais nos interessava era ver os palhaços e ouvir a música deles. Já cansados, voltávamos para nossas casas e lá, recebíamos nosso castigo que era, principalmente, deixar, por um mês de ir ao Cine Mascote do senhor Victor Prates para assistir o famoso da época: Império Submarino. Isso realmente acabava com nossa alegria, mas tínhamos que aceitar já que havíamos fugido de casa para ver a Folia de Reis. Por certo, de um jeito ou de outro, na próxima lá estaríamos dançando e cantando.



Oh senhora, dona da casa
Abra a porta e venha ver,
A Folia tá chegado
Com a Bandeira, prá seu pedido acontecê...

Porém, com o tempo, já íamos para Olímpia, pois Iseh, já formada pela USP e pela Casper Líbero, morava em Olímpia, dando aulas no “Narciso Bertolino” e já enfronhada no assunto sobre Folclore com o professor José Sant’anna, criador do Festival do Folclore de Olímpia. Eu já morava e trabalhava em São Paulo, louca pelo folclore, fazendo, sobre ele, cursos com o professor Rossini Tavares, Paixão Cortês vindo do Rio Grande do Sul para dar aulas e palestras para nós da ACM onde eu, à noite, era Auxiliar de Programa, levando a turma para os Teatros, ao cinema, dando cursos, etc.

Com o Sant’anna fomos aprendendo que as Foliás se formavam nas vilas, nas COHABs, cidadezinhas ou em sítios e fazendas, saindo para o peditério para arrecadar prendas para o encontro das Foliás, já convidando sempre o povão para as comilanças nas festanças a serem realizadas após o dia 06 de janeiro, dia de Reis

Hoje, porém, com tantos conhecimentos que podemos obter através da Internet, podemos saber quase tudo sobre folclore e, principalmente para nosso caso, sobre as Foliás de Santos Reis, tema que ora nos propomos a abordar.

Buscando saberes nos Anuários de Folclore de Olímpia, verificamos que lá existem hoje, ou existiam em 2009, em Olímpia, dezoito grupos ativos de Foliás de Reis: Eram eles: Companhia de Reis “Lapinha de Belém”, Companhia de Reis “Magos do Oriente”, Companhia de Reis “Viajantes de Belém”, Companhia de Reis “Fernandes”, Companhia de Reis “Família Miranda”, Companhia de Reis “Magos do Oriente para Belém”, Companhia de Reis “Visitantes de Belém”, Companhia de Reis “Estrela da Paz”, Companhia de Reis “Estrela da Guia”, Companhia de Reis “Santos”, Companhia de Reis “Filhos de Maria”, Companhia de Reis “Magos do Oriente”, Companhia de Reis “Didaco”, Grupo de “Danças de São Gonçalo”, Terno de Congada “Chapeu de Fitas”,



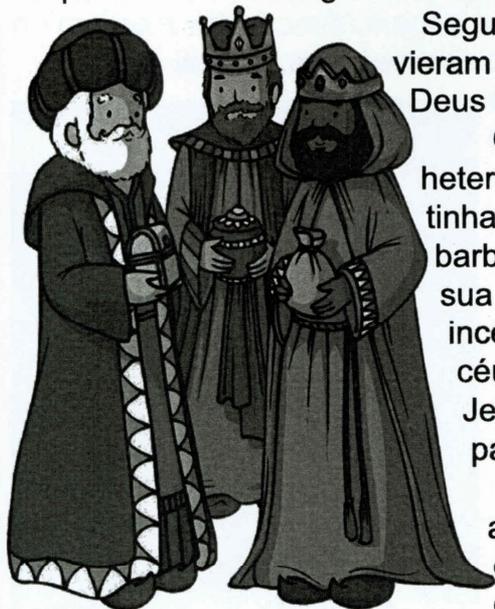
Catira Feminina de “Baguaçu”, Grupo de Danças “Raizes”, Grupo de Danças Parafolclóricas “Cidade Menina Moça”, GODAP, Coral e Violeiros Sertanejo “Os Mensageiros de Cristo”, Companhia de Dança e de Teatro “Terra Brasilis”, Grupo Parafolclórico “Frutos da Terra”, Associação Cultural “Anastasis”, Grupo “Cavaleiros da Santa Efigênia”. Os dez últimos grupos citados são grupos ligados às Foliás de Reis. A participação é pontual e pequena. É uma amostra, um recorte da cultura de cada grupo que se apresenta no palco, nos dias do Festival do Folclore, por apenas 10 minutos. Nisso tudo, há uma grande participação comunitária.

Todos esses Grupos citados participam, no último dia do Festival, do desfile grandioso que percorre ruas da cidade e também da belíssima Missa realizada na Igreja Matriz, às 10 horas da manhã, comparecendo vestidos a caráter, dançando e cantando, a todos que ficam emocionados e encantados.



Agora, vejamos um pouco do que encontramos na Internet:

“À Folia de Reis é uma festa religiosa de origem portuguesa (que dura 12 dias desde 24 de dezembro até 06 de janeiro, ou seja, desde o nascimento de Jesus Cristo e de quando os reis magos O encontraram).



Segundo o livro de Mateus, os magos eram sábios que vieram do Oriente, guiados por uma estrela, para adorar a Deus Menino em Belém.

Os nomes dos reis magos foram atribuídos como heterônimos de Fernando Pessoa: Belchior era branco, tinha em torno de 60 anos, cabelos brancos e uma longa barba, e foi quem ofereceu ouro a Jesus, simbolizando sua realeza. Gaspar era asiático, tinha 40 anos e levou incenso, representando a fé, como a oração que sobe aos céus. Baltazar era negro e tinha 20 anos, e presenteou Jesus com a mirra, simbolizando os sofrimentos que ele passaria na terra.

Esta festa se tornou uma grande celebração para a igreja. Em toda a Europa, é feriado no Dia de Reis, e em muitos lugares, os presentes são oferecidos no dia 06”.

Os portugueses trouxeram para o Brasil essa festa que era uma diversão e que aqui se tornou festa religiosa. Em muitas cidades, as igrejas ficam com suas portas abertas para as Folia de Reis e, em Pirangi, isso também acontece. No entanto, com as muitas mudanças pelas quais passaram as cidades já desde o século passado, em Pirangi, infelizmente quase não temos mais as Foliias de Reis. As que restaram pedem socorro, pois as pessoas adeptas dessas Foliias foram se acabando. A maior parte dos rapazes, estudando e se formando em faculdades, pensa mais em *rock*, em samba, em axé, em música sertaneja, em *funk* do que em folclore, em entretenimento popular. Felizmente, em Olímpia, existem pessoas que dirigem grupos sempre voltados para o folclore, e para tudo que seja popular, incentivando jovens e adultos a continuarem com a tradição tão rica de nosso folclore. Os dirigentes desses grupos merecem toda nossa gratidão, respeito e admiração.

“Devemos sempre observar nos grupos, estes elementos:

O principal elemento do grupo possui amplo conhecimento, e tem autoridade total sobre os demais. É também chamado de Embaixador.

Contra-Mestre é encarregado de angariar donativos para a festa. É o primeiro substituto do Mestre.

Palhaço: participa da festa em número variável. Sua função é proteger o Menino Jesus dos soldados de Herodes. Aos palhaços cabe a função de pedir donativos para a festa.

Reis Magos são três personagens que representam a viagem da esperança, ao encontro do Deus Menino.

Alferes é uma pessoa da comunidade bem respeitada por todos, que conduz a Bandeira, e não pode ser ultrapassado por ninguém. Representa autoridade principal.

Foliões são pessoas da comunidade que participam da festa.

As músicas que são entoadas podem ser tradicionais ou de autoria do Mestre.

A Folia de Reis serviu aos escravos recém-libertados, como uma estratégia de locomoção, sem que fossem incomodados, e ainda contavam com pernoite e alimentação garantidos.

Normalmente os foliões estão pagando alguma promessa, para participar ativamente da festa. Uma das características da festa é a diversidade,



pois cada cultura, cada cidade, tem costumes e tradições diferentes, de acordo com as peculiaridades da região.

Todos os anos, diversos grupos de foliões saem em peregrinação, seguindo a estrela-guia, até o encontro com o Menino Jesus, enquanto o Rei Herodes manda matar todas as crianças da cidade. Um dos foliões convence a tropa a não cumprir a ordem do rei, e em vez disso passam a recolher os donativos e presentes para a festa.

Nas visitas, os foliões costumam passar a Bandeira pela casa dos anfitriões (é claro, com o devido consentimento dos mesmos).

No primeiro encontro do grupo, o Mestre distribui as tarefas entre os foliões que vão sair pelas ruas. A caminhada que o Alferes faz com sua equipe, abençoando as casas que visitam, recebe o nome de Giro.

O percurso é feito de tal modo que, de casa em casa, a Companhia de Santos Reis se aproxime do local de Pouso, quando Alferes e equipe pernoitem com a Bandeira na casa de algum fiel, quando se vão embora se despedem, repetindo os gestos de chegada. Isso se chama de a Despedida.

Em algum momento é feita a Passagem da Folia, para o novo Alferes.

Os peregrinos fazem visitas nas casas da comunidade, anunciando o nascimento do Menino Jesus, entoando canções ao som de viola.

Crendices listadas são as que se seguem:

A Bandeira não fazer um formato de cruz por onde já passou. Se isso acontecer, uma pessoa do grupo morre.

Se for atravessar uma cerca de arame, os instrumentos não devem passar por baixo da cerca, para que não percam o som.

No dia de Reis, as pessoas costumam escrever em três papeis o nome dos três reis magos e colocá-los na porta de entrada da casa, para que durante todo o ano haja saúde e felicidade.

Há também uma simpatia feita com as sementes de romã, em que a família se reúne para rezar um Pai-Nosso e uma Ave-Maria, depois cada um pega três caroços de romã, põe na boca para sentir o sabor da fruta, um a um. Depois coloca as sementes embrulhadas na bolsa ou carteira, para que não falte dinheiro o ano todo.

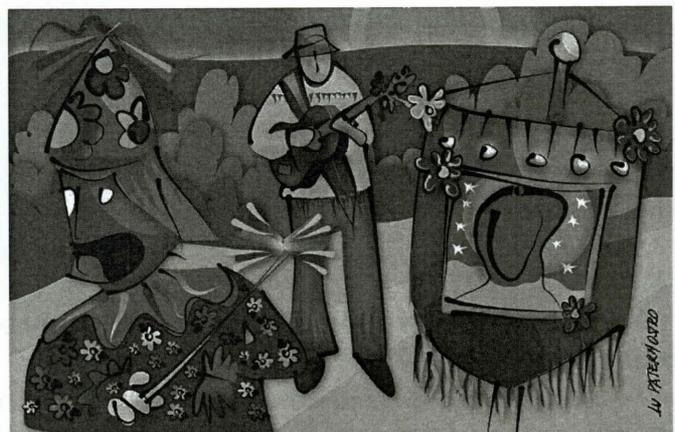
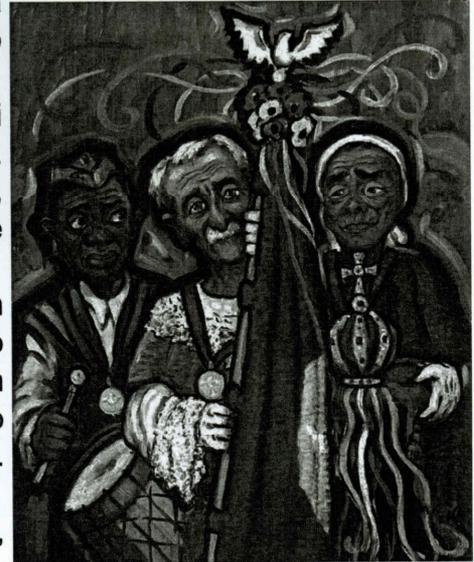
A Folia não pode voltar pelo mesmo lugar de onde veio.

Os andarilhos não podem passar por debaixo de varais de roupas, pois aí os instrumentos perderão o som.

Exemplo de música cantada na Festa de Reis:

Meu senhor, dono da casa:
Dá licença de eu chegar...ai ai ai...
De fora são os três Reis
Que boa noite vem lhe dar
Dia 25 de março foi Maria

Anunciada... ai
Para ser mãe de Cristo
Lá no céu foi premiado
Quem anunciou Maria
Foi o anjo Gabriel... ai...
Ela ficou três meses na casa de Isabel
Vamos salvar a casa Santa
Onde Senhora fez morada... ai...



Onde está o cálice bento
 E a hóstia consagrada...
 São José foi buscar flores
 Num caminho tão comprido
 Quando São José chegou
 O menino já era nascido
 Meia noite bateu o sino
 Na igreja de Belém... ai...
 Meu senhor, dono da casa
 Vai me desculpar... ai...
 Vamos para muito longe
 Não podemos demorar...
 No mais, adeus, adeus
 Até o ano que vem... ai...
 O senhor fica com Deus
 E com Deus vamos também”.



FUNDO DE QUINTAL E NOTÍCIAS SOBRE FOLIAS DE REIS

Ainda na semana passada, pensando em escrever para a Revista do Folclore de 2015, resolvi entrevistar pessoas amigas de Pirangi sobre as Folias de Reis, já que elas participam sempre dos Encontros e Peditórios das mesmas. Assim consegui entrevistar Aurinha da Silva Bastos, casada com Anerço Bento, grande Folião. Ela me disse que, em Pirangi, as Folias foram se desfazendo com o tempo. Os mais velhos foram morrendo e pouco ficou para seus descendentes. Assim, ainda existe apenas um Grupo do senhor Paulinho Pasquim que, juntamente com João Coviello e suas esposas, tentam levar adiante o tanto que sabem sobre o assunto em questão. Disse-nos Aurinha que, com as mudanças acontecidas nos campos e nas cidades, os donos de sítios e de fazendas foram se mudando para as cidades, deixando de lado suas crenças e credices para trás juntamente com a tradição das Folias de Reis. Disse-nos que hoje, a maior parte vive da saudade e do pouco que restou de tudo. Disse ainda que hoje participam com os grupos que vem a Pirangi, de Taiuva, Taiaçú, Vista Alegre, Ariranha e de algumas fazendas grandes da região e que após o dia 06 de janeiro há um grande Encontro de Folias em Aparecidinha de Monte Alto na Igreja ou no barracão de festas. Num desses Encontros, ela, Leonor e dona Elvira Pelegrino, com seus esposos, chegaram lá a convite



para um lauto jantar. Lá chegando, não encontraram nada pronto. Pertences para o jantar havia e muito, porém, para colocar em prática o jantar, ninguém. Com a prática que elas adquiriram em muitos Encontros, lavaram as mãos, colocando-se de pronto a fazerem o tal do jantar, arrebanhando ali mesmo um bando enorme de voluntários de muitas cidades, que estavam prontos para ajudar. Quanto à comida, porém, deixaram a tarefa para as pirangienses, de modo que, às sete e meia, tudo estava pronto e todos, das cidades circunvizinhas, aptos a saborearem aquele jantar delicioso para depois, cantando e dançando, agradecer aos Santos Reis. Os pratos servidos foram aqueles de há muito conhecidos: macarrão com molho, carne ensopada, farofa, frango assado, e, de bebida, guaraná, já que bebida alcoólica não deve entrar nesses encontros.

No mesmo dia liguei para dona Elvira que mora na rua de trás que dá fundos para a casa da mana Iseh. Ela havia participado e ajudado naquele jantar



em questão. Ela me disse que hoje estão participando das Folias, principalmente das de Taiapu ou das de Vista Alegre, acompanhando os grupos nas visitas às casas e no Peditório. Disse-nos que é bom a gente sempre seguir o lema de que o pouco se torna muito, quando no Peditório começam ganhando pouca coisa, num outro lugar, ganhando muito mais, no final, esse pouco se torna bastante para aquele que será o grande jantar ou almoço do Encontro, onde mais de mil pessoas estarão presentes. No dia seguinte, seu esposo senhor Aristides Pelegrino chegou aqui em casa, trazendo-me um livreto com muita coisa sobre Folias de Reis. Ele nos disse que hoje segue o Grupo de Vista Alegre e que os de Pirangi são, dentre outros: ele, Luís Tiburcio, Américo Moreira, José Dias e Tirso, Disse que de Vista Alegre sempre vêm: Mestre Igor, Benedito Reis, Joaquim, Nelson Lagoa, palhaço Pantera, Dito Rosa, e que de Catiguá vêm a Lenita e a Therezinha e outros mais que acompanham a Folia de Reis. Senhor Aristides trouxe-me um livreto sobre Folias de Reis, escrito por Joaquim Moreira da Silva e, para minha grande surpresa, vi que quem fez para o autor do livreto, o prefácio, foi nada menos que o professor Sant'anna, nosso grande e inesquecível folclorólogo. Vejamos o que ele escreveu:

“Como se originou a Folia de Reis”

A obra: Como se originou a Folia de Reis de Joaquim Moreira da Silva, é inegavelmente, algo que completará conhecimentos de estudiosos do folclore religioso. O autor, emérito repentista, responsável por muitas músicas sertanejas. Há longa data se dedica às Folias, ou Companhias de Reis, apresentando-as em diversos rincões do nosso país. Conhece, em profundidade tudo que se relaciona com Folias que, segundo ele, devem ser entendidas com seriedade e respeito, pois preservam costumes que vêm de longe, traduzem sentimentos nativistas, que devem ser transmitidos aos pôsteres.

Ler o seu livro, singelo sim, porém, esclarecedor, é percorrer as velhas estradas do passado, revendo hospitaleiros senhores de casas grandes, gentis colonos, humildes homens do campo e arrabaldes de cidades brasileiras. É relembrar o requinte singelo do cantador anônimo:

“Boa tarde nobre dama, tarde com muita alegria;

De saúde como está a senhora e família?”.

E assim vai o autor narrando em quadras muitas, a história do nascimento de Jesus, a saga dos Magos e da Sagrada Família.

Joaquim Moreira da Silva, improvisador... Dedicado estudioso das páginas bíblicas bem como da história da Crisandade, brindou-nos com música em ritmo de congada, gravada por Quintino e Quirino, e das estrofes componentes. A principal diz assim:

José é pai de Jesus
Sant' Anna é mãe de Maria
O nome do professor
Vem da Sagrada Família”.

Como se originou a Folia de Reis é obra para estudiosos, folcloristas, pesquisadores, enfim, para todos os brasileiros.



Valeu a pena, Joaquim Moreira da Silva
Olímpia- SP (Capital do Folclore). 1990
Prof. José Sant'anna
Folclorista.

Nos Encontros das Folias de Reis da nossa região, os pratos advêm de tudo aquilo que foi conseguido no Peditório. Assim, a maior parte prima em apresentar pratos de acordo com aquilo que se tem em mão no dia do preparo. Os convidados são entendedores do que comem, e estarão todos muito famintos. Aí entra a sabedoria dos voluntários com relação aos pratos que vão apresentar, principalmente na quantidade e qualidade dos mesmos. Na hora do almoço ou jantar, ninguém deve sobrar, ficando sem comer. Geralmente servem o arroz comum, macarrão com molho bem gostoso, farofas diversas com tudo que têm à mão, frango ou carnes assadas. Como já dissemos, nesses encontros não se serve bebida alcoólica, porém servem refrigerantes que ganharam no Peditório ou compram com o que ganharam.

Em cidades onde o Ajutório é maior, pode ser que surja uma bela galinhada, ou Baião de dois vindo lá do Nordeste, do Tutu de Feijão advindo das Minas Gerais, churrascada onde há muita fartura de porcos ou de gado, onde os fazendeiros gostam de seguir a tradição, colaborando em tudo: pato no tucupi lá do Norte, uma delícia se preparado com capricho, uma bela e gostosa feijoada ou feijão-tropeiro. Em Goiás, nessa época, pode surgir, no Encontro de Folias,



um arroz com pequi (fruto nativo de região) com frango. Isso se os pertences desses pratos houverem sido ganhos no Peditório. Para tudo isso, o Festeiro tem que conhecer bem seus voluntários, pois a preparação de pratos típicos carece de bons cozinheiros, pois deles dependerá o sucesso da comilança. Em cidades onde a predominância é o milho, todos são convidados para a festa da pamonhada e tudo o mais que resulta do milho: curau, bolos, bolinhos, tortas. Cada Estado do país realiza a sua comilança do Encontro, de acordo com a sua culinária e com aquilo que pode ser ganho nas andanças das Folias.

Como sempre estou atenta à culinária, de um modo geral, darei algumas receitas com quantidades maiores nas receitas mais simples, isto é: se coloco para cozinhar 5 quilos de arroz (para cada quilo coloco 4 copos mais um copo de água, assim, 1 quilo dará para 8 pessoas que não comam demais. Assim, acontece com o macarrão).

RECEITA DE MACARRÃO PARA 100 PESSOAS

(assim, se vocês quiserem para 1000, basta ir dobrando a receita)

Ingredientes: 12 pacotes de macarrão; 6 quilos de carne moída, 8 cebolas picadinhas, 8 cabeças de alho, 5 maços de salsa e cebolinha picadinhas, folhas de louro o quanto baste, óleo para fritar a cebola, o alho e a carne, pimenta do reino ou vermelha dedo-de-moça, colorau ou massa de tomate para um bom tempero e cor, junte sal o quanto bastar e uns 5 pacotinhos de queijo ralado, para quando for temperar o macarrão já cozido.

Modo de preparo: Coloque para fritar no óleo a cebola picadinha





e o alho também picado. Junte a pimenta, o colorau e a massa de tomate se preferir. Junte a carne moída e o cheiro-verde. Junte 4 colheres sopa de sal ou tempero Receita de Casa, experimentando se falta mais tempero. Coloque água pela metade da panela e leve ao fogo. Adicione um pouco de óleo e sal nessa água quando ferver. Junte o macarrão. O macarrão deve ficar cozido por uns 10 minutos, porém, observe se já está no ponto de tirá-lo do fogo, escorrê-lo e temperá-lo com a carne e o queijo

ARROZ COMUM PARA 10 PESSOAS

Ingredientes: 1 quilo de arroz, 1 cebola grande picada, 5 dentes de alho socados, óleo para fritar, 1 xícara de (chá) de cheiro-verde, 4 copos e meio de água, e tudo o que houver para incrementar o arroz.

Modo de preparo: lava bem o arroz, esquite o óleo e frite o alho e a cebola (junte tudo o que houver para o arroz ficar mais saboroso e bonito, 2 cenouras cortadas em cubos, 1 pimentão verde, 1 vermelho, 1 amarelo, pedacinhos de bacon fritos, cheiro-verde e o mais que houver. Acrescente o arroz e cheiro-verde cortadinho. Junte, depois de mexer bem, 4 copos e meio de água fervente. Quando começar a ferver, e tampe a panela. Quando o arroz secar, desligue. Lembre-se de ir dobrando a quantia de tudo, caso queira fazer o arroz para 100, 200 ou para 1000 ou mais pessoas, não se esquecendo de que a panela deve ser do tamanho da quantia de arroz. Nas Falias de Reis, geralmente no Peditório, conseguem boa quantidade de arroz, de pertences diversos para um arroz mais sofisticado.



RECEITA DE ARROZ COM PEQUI

Esse é um prato muito procurado em Goiás e Mato Grosso. Hoje, basta aparecer bons cozinheiros que a receita passa de Estado para Estado. Lá, os foliões vão se regalar, pois o arroz é bom demais.

Ingredientes (para 8 a 10 pessoas): 1 quilo de arroz, 2 colheres (sopa) de óleo para fritar, 9 copos de água, 1 maço de cheiro-verde batidinho ou coentro, 1 vidro de 500 gramas de creme de pequi, 1 pacotinho de açafrão, 1 vidro pequeno de pequi de 250 gramas, sem o caroço (opcional). Se quiser, acrescente coxas e sobrecoxas de frango e um pouco de açafrão. Isso dará um sentido de uma bela galinhada.



Modo de preparo: Esquite o óleo, frite a cebola e o alho. Junte o arroz e mexa bem. Acrescente o cheiro-verde e o sal. Mexa bem e acrescente o creme de pequi (encontrado em Minas, em Goiás, Mato Grosso e Tocantins, se bem que ele já está aparecendo em várias cidades do Estado de São Paulo, principalmente nas regiões fronteiriças ao Estado de Minas. Em Pirangi mesmo, já há plantações de árvores de pequizeiros). Se quiser, coloque com o frango, o açafrão e alguns pequis sem o caroço. Assim, resultará em excelente prato de arroz com pequi. Deve-se sempre ter muito cuidado com o caroço de pequi que tem muitos espinhos traiçoeiros... Não vá se esquecer que tanto o frango quanto os pequis devem estar cozidos e macios.



Mais um adendo quanto às receitas de pratos excelentes para o almoço ou jantar dos Encontros, sempre observando a quantidade de pessoas, assim como a de pertences conseguidos no Peditório. Eu tive um grande amigo, o Mestre Jou das grandes livrarias da 24 de maio, da Rua Augusta, e de tantos outros lugares de São Paulo. Ele viajou muito conosco da ACM para vários lugares, sempre alegre, cantador e divertido. Por ocasião de seu aniversário, no mês de agosto, ele me telefonava dizendo que eu poderia levar comigo para sua tão majestosa e bem falada paellha de todos os anos, para todos os seus convidados, de trinta a quarenta pessoas, amigas lá da ACM, mas que eu deveria levar, dentre elas, umas dez crianças do Lar das Crianças Israelitas para que apresentassem, lá em sua belíssima chácara, danças brasileiras. Imediatamente eu consultava a Rouparia do Lar para que me preparassem roupas gaúchas para a criançada e, daí para frente, passava a ensaiar danças do Rio Grande do Sul e de mais alguns Estados. No dia certo, eu ia com a turma da ACM e as crianças em Perua alugada pelo Lar. Lá chegando, depois de um bom lanche, as danças começavam: dançavam a chula, a chimarrita, balaio, meu bem, balaio, balaio do coração e assim outras tantas danças lá do Nordeste. Eram todos bem aplaudidos e depois iam brincar. Mestre Jou, com alguns ajudantes, mexia e mexia vários tachos de camarões enormes, de frango, de linguíça e legumes diversos, sendo um deles especiaria espanhola, cujo nome não consigo me lembrar. Acho que era couve de Bruxelas, porém não tenho certeza. Juntava tudo isso em tacho enorme, mexendo sem parar e, depois, colocava o arroz, mexendo com uma pá enorme. Quando tudo estava já misturado, estava pronto o grande almoço para tantos convidados. Eu levava junto o nosso sanfoneiro do Lar e, assim, a turma toda dançava sem parar até o entardecer, chegada a hora do retorno à capital. Mais ou menos assim, eu e minha amiga Muriel, em Bertioga, nos anos 70, 80 e 90, onde ela possuía um maravilhoso apartamento, ouvimos o cantar característico de Folias de Santos Reis. Lá eram servidos uma bela galinhada com pertences de galinha, linguíça e camarões, tudo que eles haviam conseguido nas belas feiras que existiam em Bertioga, tudo pagando promessas de alguns para a alegria de todos os convidados para o jantar do Encontro, após o dia de Santos Reis. Assim, como o Mestre Jou recebia amigos para seu aniversário, eles recebiam os Foliões com tudo quando havia ganho no Peditório, na grande Festa do Encontro.



Em alguns lugares, conseguem-se pertences para uma bela e gostosa Quenga. Assim, vejamos uma receita dela:

RECEITA DE QUENGA(que me foi fornecida pelo Dr. Altino Robazzi, grande especialista que era de pratos, principalmente daqueles relacionados com o Folclore, do qual ele foi grande apreciador):

Ingredientes: 1 quilo de coxa e sobrecoxa de frango, limpo, sem as peles deixado de molho no vinagre, 1 cebola batidinha, 1 cabeça de alho batidinho, 1 xícara (chá) de salsa e cebolinha picadinha, 3 colheres (sopa) de óleo para fritar o tempero, sal a gosto ou 1 colher bem cheia de Tempero Receita de Casa encontrada em bons Supermercados das cidades, 2 colheres de colorau e de massa de tomate, pimenta do reino a gosto, 250 gramas de castanha de caju em pedacinhos, 1 vidro de leite de coco, meio quilo de quiabos pequenos, moles, sem as pontas, cortados ao meio, 2 colheres (sopa) de azeite de dendê, 1 pacote de farinha de milho.



Modo de preparo: Tempere o frango, com a cebola, o alho e os demais temperos. Mexa bem, acrescentando água que cubra bem o frango. Junte o



colorau e a massa de tomate. Deixe ferver por uns 30 minutos. Acrescente o leite de coco, a castanha e o azeite de dendê. Mexa bem e junte o quiabo (Quenga era aquela moça dengosa, escorregadia, cheia de charme). Engrosse com a farinha de milho. Sirva com arroz branco. Bom apetite.

Observação: se a região da Folia de Reis durante o Peditório for uma com muito peixe e eles puderem ser doados em quantidades para se fazer uma moqueca de tilápias para o encontro, aqui vai uma boa receita seguindo-se a orientação de se calcularem as medidas devidas de acordo com o número de pessoas no Encontro.

MOQUECA DE TILÁPIAS



Ingredientes para 8 ou 10 pessoas: uns 2 quilos de filés de tilápias, óleo ou azeite para cozinhar, 10 batatas em rodela, temperadas com pouco sal, 5 a 6 tomates em rodela, 2 cebolas grandes cortadinhas, 1 cabeça de alho grande, batidinha, 1 maço de cheiro-verde cortadinho, sal e pimenta a gosto, 1 vidrinho de leite de coco, 2 batatas doces em rodela

Modo de Preparo; Vá fazendo as camadas de cebola, alho, azeite, sal e pimenta salpicados, rodela de tomates temperados, cheiro-verde. Por cima dessa primeira camada, pimentões verdes, vermelhos e amarelos em cubinhos, e os demais temperos, coloque uma camada de tilápias, umas quatro delas. Repita as camadas quanto der. Depois, salpique água suficiente para cozinhar o peixe, não se esquecendo das batatas e dos tomates. A cebola, o alho e os tomates soltam bastante água para cozinhar tudo. Abaixar o fogo, colocando o leite de coco. Sirva com arroz branco e bom apetite.

Poderíamos dar muitas outras receitas, feitas com vários pertences que se consegue nas andanças das Foliás, porém, elas ficam para outra ocasião Até lá....

Vejamos agora mais um pouco encontrado na Internet:

FOLIÁS DE REIS (origem: Wikipédia, a enciclopédia livre)

“A Folia de Reis é uma festa católica que celebra os Três Reis Magos. Fixado o nascimento de Jesus Cristo, a 25 de dezembro, adotou-se a data da visitação dos Reis Magos como sendo, o dia 6 de janeiro, que, em alguns países de origem latina, especialmente aqueles cuja cultura tem origem espanhola, passou a ser a data mais importante, inclusive, que o próprio Natal. No Estado do Rio de Janeiro, os Grupos realizam Foliás até o dia 20 de janeiro, dia de São Sebastião, o padroeiro da cidade.

Em Salvador, terra onde a religiosidade transborda seja através do candomblé, ou do catolicismo, não poderia faltar, no calendário, a Festa de Reis, que acontece na Lapinha. Iniciada por um tríduo preparatório, a festa tem o seu ápice no dia 5 de janeiro, quando ocorre o desfile dos Ternos de Reis que vêm de diversos locais da cidade.

Devidamente armados com fantasias e instrumentos, fazendo representações dos Reis Magos e outras personagens, através de música, dança e versos. Os ternos encantam a população, que enche o Largo da Lapinha e seus arredores.

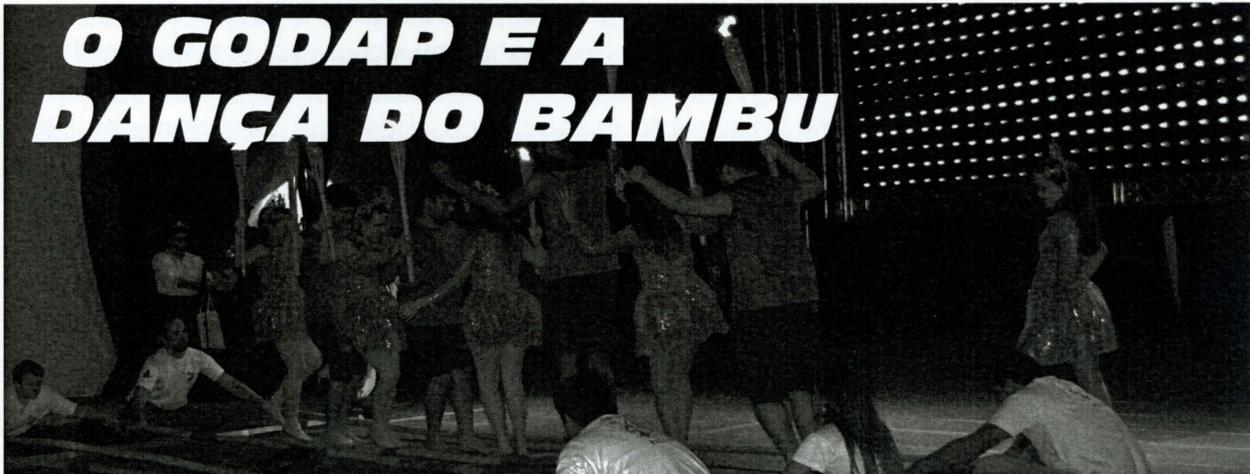
GRUPOS INCREMENTADOS

Uma das formas de sobrevivência da manifestação Folclórica, principalmente nas grandes cidades, foi a incorporação nos Ternos de elementos figurativos, com a finalidade de promover apresentações para turistas e os próprios habitantes e trazendo alegria para todos.”

Poderíamos falar de grupos em vários Estados, mas, por enquanto, ficaremos por aqui. Quem sabe, em outra ocasião, abordaremos grupos de várias regiões do Brasil.



O GODAP E A DANÇA DO BAMBU



Maria Aparecida de Araújo Manzolli - Departamento de Folclore - Olímpia

Educar é buscar atividades para o ser humano, procurando desenvolver todas as suas potencialidades; é formá-lo objetivando a harmonia plena, através de atividades diversificadas.

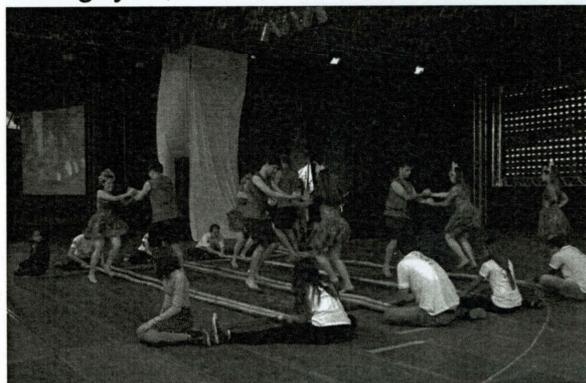
Entre outras, temos usado a música e a dança, através de nossos anos de trabalho, como veículo para aprimoramento físico, intelectual e moral do indivíduo.

Para um processo de adaptação ao meio ambiente, tem a criatividade um papel de grande importância. O ser criativo será o homem do futuro, em todos os segmentos das atividades humanas.

Temos dedicado nosso trabalho de pesquisa a serviço de jovens e crianças, para que eles as façam vivas e assim, contribuimos para o desenvolvimento de suas potencialidades.

Nos primórdios da década de 60, iniciamos um trabalho de pesquisa, de abrangência nacional, para coletar músicas, danças, trajes e instrumentos musicais brasileiros, tendo, como objetivo, o ensino do folclore como meio de formação educacional. Em virtude de se realizar em Olímpia o Festival do Folclore, decidimos criar um grupo de danças para apresentações durante o evento.

Fundado em 1967, o GODAP – Grupo Olimpiense de Danças Parafolclóricas “Cidade Menina Moça”, “Cidade Menina Moça”, que presidimos desde sua criação, e que atualmente com 48 anos de existência, tem um repertório de danças folclóricas de quase todos os estados brasileiros, dando ênfase às danças paulistas. Tem um Corpo de Dança de 50 bailarinos, um Grupo Instrumental de 10 músicos e, durante sua existência, mais de 3.500 jovens participaram do grupo. Realiza cerca de 50 apresentações anuais, perfazendo mais de 2000 apresentações durante sua existência, das quais ressaltamos: Festival Internacional de Folclore, Laguna, Espanha, 1997; Festival Internacional de Folclore, França, nas cidades de Gueugnon, Romans, Burg Saint Maurice, Mios e Montguyon, 1999; Festival Internacional de Ayolas, Paraguai, 1999; 2.º CIOFF World Folkloriada, Japão, 2000; Festival Internacional de Folclore do México (2001); Festival Internacional de Folclore do Chile (2003); “Abril em Tarija”, Bolívia (2007); Festival Internacional de Folclore da Itália (2012); Festival Internacional de Folclore da Espanha (2013); Festival Internacional de Folclore da República Tcheca (2014).



Dentre as diversas pesquisas, destacamos a Dança do Bambu, pesquisada no final da década de 60, com o apoio da professora Marilene Ferreira Costa Neves, na época Diretora da E. E. Dr.



Antônio Augusto Reis Neves, juntamente com alunos, professores e funcionários.

Feitas as primeiras coreografias, o grupo foi criando movimentos, aperfeiçoando os já existentes, até chegarmos à coreografia atual. Foi um trabalho dinâmico. A princípio, os dançadores paravam a cada movimento coreográfico, mas hoje eles dançam, sem parar, do primeiro ao último movimento.

Grupos de dançadores, batedores e auxiliares se sucederam e hoje ela está enraizada no rol das danças do nosso Grupo Parafolclórico.

Esta dança exige preparo físico e rítmico dos participantes.

O movimento de bambus e dançadores tem que ser coordenado com perfeição, uma fração de segundo de atenção ou um pequeno erro no ritmo das batidas ou dos passos, poderá prender e machucar o pé do dançador ou mesmo ocasionar a sua queda.



Nós a preparamos e ensaiamos exaustivamente, pois exige muito dos executantes. Foi dança do interior de São Paulo, de festas juninas, casamento e colheitas, símbolos de fertilidade e produção.

Em Olímpia é sempre apresentada, especialmente durante os Festivais do Folclore, que são realizados anualmente no mês de Agosto, e em outros municípios durante todo o ano.



É dança que desafia o público que, não raras vezes, tenta participar, mas, diante das dificuldades, desiste nos primeiros movimentos.

Bater os bambus, também é tarefa que muitos tentam; é mais fácil de assimilar e realizar. Há, portanto, maior participação do público através da torcida e aplausos em cada apresentação.



Cada vez que a dança é apresentada até o final, com perfeição, é motivo de júbilo para os participantes e para o público, como se ganhassem uma partida esportiva.

Além do Festival Nacional do Folclore, que no corrente ano completa sua 51.^a Edição, o Grupo Olimpiense de Danças Parafolclóricas “Cidade Menina Moça” – GODAP realiza o Festival Internacional de Folclore, e, neste ano, de 23 a 31 de maio, na realização do 9.º FIFOL, a dança foi apresentada e dela foi feito um vídeo que, postado em nossa fanpage, por estes milagres da rede mundial de computadores, *Bombou* na internet”, registrando-se, até o dia 22/07/2015, 3.479.992 visualizações, e, pela força da mídia, o músico Bora Yeter, da Turquia, visualizou e compartilhou nosso vídeo para seus seguidores e o sucesso chegou, até a referida data, a 19.941.332 de visualizações.



Devido ao grande sucesso na internet, a equipe de produção do programa “Encontro com Fátima Bernardes”, da Rede Globo de Televisão, entrou em contato conosco, acertamos os detalhes e, no dia 03/07/2015, o GODAP, através da dança do Bambu, esteve no PROJAC – Rio de Janeiro, onde mostrou no referido programa, ao vivo, a Dança do Bambu, com participação dos produtores do programa, famosos como Fiuk, Luiza Possi e da própria Fátima Bernardes.



Entretanto, o mais importante e que eu quero destacar foi a minha entrevista, na qual, apesar de durar apenas alguns segundos, pude divulgar em rede nacional e internacional a Estância Turística de Olímpia e os nossos Festivais. Finalmente, graças a Deus, realizei um grande sonho de dar ao nosso FEFOL uma divulgação digna de sua grandeza.



O 50º FESTIVAL DO FOLCLORE

André Luiz Nakamura - Departamento de Folclore - Olímpia



ESPETÁCULO DE ABERTURA

De 9 a 17 de agosto de 2014, no Recinto de Exposições e Praça de Atividades Folclóricas “Prof. José Sant’anna”, o Cinquentenário do Festival do Folclore de Olímpia foi condignamente comemorado.

O Estado que se homenageou foi o de São Paulo, propícia ocasião para tanto, visto que é nesta pujante Unidade da Federação que se situa o Município de Olímpia, “Capital do Folclore”.

Após os discursos oficiais e o Hasteamento das Bandeiras, realizou-se o Espetáculo de Abertura, em homenagem ao Estado de São Paulo, denominado “50.º Festival de Folclore, sabores, aromas e cores”, do qual participaram cerca de 200 alunos da rede municipal de ensino.

Houve coreografias aludindo a cantigas de roda e brincadeiras tradicionais infantis, a catiras, folias de reis, bem como a outros folguedos e danças paulistas, entremeadas por imagens do professor Sant’anna, criador do FEFOL, exibidas num telão, e de músicas apropriadas, a exemplo de “Olímpia Cidade Moça”, gravada por Tonico e Tinoco, e inclusive o Hino a Olímpia, de autoria de Sant’anna e Jônatas Manzolli.

Conforme se disse, na oportunidade, “São Paulo, de braços abertos, acolhe com o coração. Olímpia, com o seu Festival, promove a integração”.





Coordenação Geral do Espetáculo: Prof^a Eliana Antonia Duarte Bertoncello Monteiro, Secretária Municipal da Educação. Coordenação Artística e Coreográfica: Tiago Pessoa Lourenço. Texto, Música e Iluminação: Edward Marques da Silva. Realização: Secretaria Municipal da Educação do Município da Estância Turística de Olímpia/SP.

APRESENTAÇÕES NO PALCO

No decorrer do 50.º Festival do Folclore, no palco principal do Recinto de Exposições e Praça das Atividades Folclóricas “Prof. José Sant’anna”, de 9 a 17 de agosto de 2014, a partir das 20 horas, revezaram-se os grupos folclóricos e parafolclóricos que participaram do evento, celebrando espetacularmente o Cinquentenário da nossa festa maior.

Estiveram presentes no 50.º FEFOL quase todos os grupos que já foram motivos do cartaz e do Anuário do Festival, no decorrer desses cinquenta anos de sucesso (com exibições dos respectivos cartazes no telão), e se apresentaram, juntamente com grupos tradicionais e inéditos no evento, nas ocasiões e na ordem a seguir expostas.

Dia 09/08/2014 – Sábado: Grupo Batalhão de Bacamarteiros – Carmópolis – SE; Grupo Folclórico “Parafusos” – Lagarto – SE; Grupo Folclórico Raízes da Terra “As Lavadeiras” – Lagarto – SE; GODAP – Grupo Olimpiense de Danças Parafolclóricas “Cidade Menina Moça” – Olímpia – SP; Grupo “Papanguarte” – Balé Popular de Bezerros – PE; Associação Cultural Anastasis – Olímpia – SP; Centro de Tradições Gaúchas – CTG “Estância da Serra” - Osório – RS; Grupo de Expressões Parafolclóricas Sabor Marajoara – Belém – PA. A seguir, houve apresentação do cantor Renato Teixeira.



Dia 10/08/2014 – Domingo: Comunidade de Jongo “Dito Ribeiro” – Campinas – SP; Companhia de Santos Reis “Magos do Oriente” – Olímpia – SP; Grupo de Terceira Idade “Nova Esperança” – Olímpia – SP; Cia. de Santos Reis “Estrela da Paz” – Olímpia – SP; Cia. de Santos Reis “Estrela-Guia” – Olímpia – SP; Os Catireiros de Olímpia – SP; Terno de Moçambique “São Benedito” – Olímpia – SP; Cia. de Santos Reis “Visitantes de Belém” – Olímpia – SP; GODAP – Olímpia – SP; Centro de Tradições Gaúchas – CTG “Estância da Serra” – Osório – RS; Grupo Parafolclórico “Terra da Luz” – Fortaleza – CE; Grupo de Expressões Parafolclóricas “Sabor Marajoara” – Belém – PA; Grupo Papanguarte – Balé Popular de Bezerros – PE.



Dia 11/08/2014– Segunda-feira: Grupo de Expressões Parafolclóricas “Sabor Marajoara” – Belém – PA; Grupo “Papanguarte” - Balé Popular de Bezerros – PE; Grupo Batalhão de Bacamarteiros – Carmópolis – SE; Cia. de Santos Reis “Caminho de Belém” – Olímpia – SP; Cia. de Santos Reis “Mensageiros da Paz” – Olímpia – SP; Grupo Folclórico Parafusos – Lagarto – SE; Grupo Parafolclórico “Tropeiros da Borborema” – Campina Grande – PB; Grupo Folclórico Raízes da Terra “As Lavadeiras” – Lagarto – SE; Grupo Parafolclórico “Vitória Régia” – Cáceres – MT.

Dia 12/08/2014 – Terça-feira: Cia. de Santos Reis “Estrela da Guia” – Olímpia – SP; Cia. de Santos Reis “Filhos de Maria” – Olímpia – SP; Associação Cultural Anastasis – Olímpia – SP; Grupo de Samba de Roda “Raízes Ancestrais” – Olímpia – SP; GODAP – Olímpia – SP; Cia. de Santos Reis “Viajantes de Belém” – Olímpia – SP; CTG “Estância da Serra” – Osório – RS; Grupo “Tropeiros da Borborema” – Campina Grande – PB; Grupo de “Sabor Marajoara” – Belém – PA; Grupo Parafolclórico “Terra da Luz” – Fortaleza – CE.

Dia 13/08/2014 –Quarta-feira: Cia. de Santos Reis “Incenso, Ouro e Mirra” – Olímpia – SP; Grupo de Dança “São Gonçalo” – Olímpia – SP; Associação Cultural Anastasis – Olímpia – SP; Grupo “Recomendação das Almas” – Olímpia – SP; Grupo Folclórico “Parafusos” – Lagarto – SE; Grupo Folclórico Raízes da Terra “As Lavadeiras” – Lagarto – SE; Grupo Parafolclórico “Frutos da Terra” – Olímpia – SP; Grupo Parafolclórico “Fogança” – Maringá – PR; Grupo “Boi da Luz” – Santa Luzia – MA.



Dia 14/08/2014 – Quinta-feira: Batalhão de Bacamarteiros – Carmópolis – SE; Cia. de Santos Reis “Fernandes” – Olímpia – SP; Associação de Capoeira “Raízes de Olímpia” – Olímpia – SP; GODAP – Olímpia – SP; Grupo Parafolclórico “Fogança” – Maringá – PR; Grupo Parafolclórico “Frutos da Terra” – Olímpia – SP; Terno de Congada “Chapéu de Fitas” – Olímpia – SP; Grupo “Boi da Luz” – Santa Luzia – MA; Grupo Parafolclórico “Vitória Régia” – Cáceres – MT; Grupo de

Expressões Parafolclóricas “Sabor Marajoara” – Belém – PA.

Dia 15/08/2014 Sexta-feira: Cia. de Santos Reis “Lapinha de Belém” – Olímpia – SP; Associação Cultural Anastasis – Olímpia – SP; Grupo “Tropeiros da Borborema” – Campina Grande – PB; Grupo Parafolclórico Terra da Luz – Fortaleza – CE; CTG “Estância da Serra” – Osório – RS. Após as apresentações dos grupos, realizou-se show com o cantor Almir Sater.



Dia 16/08/2014– Sábado: Bacamarteiros – Carmópolis – SE; Terno de Congo Sainha “Irmãos Paiva” – Santo Antonio da Alegria – SP; Fandango de Tamanco “Cuitelo” – Ribeirão Grande – SP; Cordão Folclórico Tatuiense – Cordão dos Bichos – Tatuí – SP; Grupo Folclórico Caiapós – São José do Rio Pardo – SP; Congada Três Colinas – Franca – SP; Terno de Congo “Chambá” – São Sebastião do Paraíso – MG; Grêmio Fandango de Chilenas “Irmãos Lara” – Capela do Alto – SP; Grupo de Jongo de Piquete – SP; Grupo Folclórico “Samba-lenço” – Mauá – SP; Associação Folclórica “Boi do Pantanal” – Florianópolis – SC; Grupo “Tropeiros da Borborema” – Campina Grande – PB; CTG “Estância da Serra” – Osório – RS; Reisado Sergipano e Bumba Meu Boi do Guarujá – SP; Grupo “Boi da Luz” – Santa Luzia – MA; Grupo Folclórico Parafusos – Lagarto – SE; Grupo Folclórico Raízes da Terra “As Lavadeiras” – Lagarto – SE; GODAP – Olímpia – SP; Grupo “Fogança” – Maringá – PR; Grupo Papanguarte – Balé





Nessa noite, durante a apresentação do grupo “Samba-lenço”, de Mauá/SP, houve interrupção de fornecimento de energia elétrica para o Recinto. No entanto, com sua própria energia e animação, com seus instrumentos e suas vozes, os integrantes do Samba-lenço mantiveram sua apresentação durante cerca de 20 minutos, iluminados pelas luzes dos telefones celulares do público, próximos ao palco, até que a situação se normalizasse. Ao final da

programação oficial, houve também uma belíssima interação entre os grupos “Terra da Luz” (Fortaleza/CE) e “Sabor Marjoara” (Belém/PA), que retornaram ao palco e fizeram uma apresentação conjunta que encantou o público presente.

No domingo, dia 17/08/2014, apresentaram-se: os grupos “Papanguarte”, de Bezerros/PR; “Boi da Luz”, de São Luís/MA; “Parafusos” e “Lavadeiras”, de Lagarto/SE, e o “Terra da Luz, de Fortaleza/CE.

Apresentadores: Selim Jamil Murad e Washington Luiz Moreira Gomes (Tom).

PALCO B



No Palco B, também chamado “Palco Alternativo”, instalado próximo ao estacionamento do mencionado recinto, houve apresentações nos seguintes dias:

Dia 10/08/2014– Domingo:

Grupo Folclórico Parafusos – Lagarto – SE; Grupo Folclórico Raízes da Terra “As Lavadeiras” – Lagarto – SE; Os Catireiros de Olímpia – SP; GODAP – Olímpia – SP; Batalhão de Bacamarteiros, Carmópolis – SE.

Dia 14/08/2014 Quinta-feira: Grupo Parafolclórico “Terra da Luz” – Fortaleza – CE; GODAP – Olímpia – SP; Grupo Papanguarte – Balé Popular de Bezerros – PE .

Dia 15/08/2014 – Sexta-feira – Associação Folclórica Boi de Mamão do Pantanal – Florianópolis – SC; Grupo Papanguarte – Balé Popular de Bezerros – PE; Grupo Jongo de Piquete – SP; Cia. de Reis Lapinha de Belém – Olímpia – SP; R e i s a d o Mirim Mestre Zacharias – Guarujá – SP; Grupo de Expressões Parafolclóricas “Sabor Marajoara” – Belém – PA; Fandango de Tamancos Cuitelo – Ribeirão Grande – SP.

Dia 16/08/2014 – Sábado – Grupo Folclórico Caiapós MataAdentro – São José do Rio Pardo – SP; Batalhão de Bacamarteiros – Carmópolis – SE; Terno Congo Sainha Irmãos Paiva – St. Antônio da Alegria – SP; Fandango de Tamancos Cuitelo – Ribeirão Grande – SP; Grupo Folclórico Samba-Lenço de Mauá – SP; Cordão Folclórico Tatuense – Cordão dos Bichos – Tatuí – SP; Congada Três Colinas – Franca – SP; Grupo Fandango de Chilenas Irmãos Lara – Capela do Alto – SP; Terno de Congo Chambá – São Sebastião do Paraíso – MG.

Apresentador: Edward Marques da Silva.



SALÃO DE ARTES

No dia 04 de agosto de 2014, a partir das 9 horas, houve o julgamento das obras apresentadas pelos participantes do 25.º Concurso de Artes, promovido pela Secretaria Municipal de Cultura, Esportes e Turismo e Lazer do Município. As categorias eram: Pintura, Poesia, Escultura, Artesanato e Fotografia.

O corpo de jurados foi composto pelo professor e artista plástico Romeu Tamelini, pela artesã Cristina Simões Gotardi, pelo Coordenador do Museu de História e Folclore "Maria Olímpia", Cristian Assis, pela jornalista Janaina Longhi e pelo professor Roberto Arruda.

O resultado do concurso foi este:

Pintura Acadêmica

- 1.º lugar: Maria Aparecida Konkoyk
- 2.º lugar: Jefferson Alves de Carvalho

Pintura Moderna

- 1.º lugar: Gustavo Capelari
- 2.º lugar: Rafael Biagioni

Fotografia

- 1.º lugar: Paulo de Tarso Pereira
- 2.º lugar: Gustavo Antônio Capelari

Poesia

- 1.º lugar: Télia Conceição Prado Rodrigues ("Vamos à festa?")
- 2.º lugar: Bruno Sentinello Naliati com "Estrela de Sant'anna".

Artesanato:

- 1.º lugar: Delfina Tibeiro Marcelo

As obras ficaram expostas, durante o 50.º FEFOL, no Pavilhão Cultural, no Recinto de Exposições e Praça de Atividades Folclóricas "Prof. José Sant'anna".



MISSA EM AÇÃO DE GRAÇAS PELO 50.º FEFOL



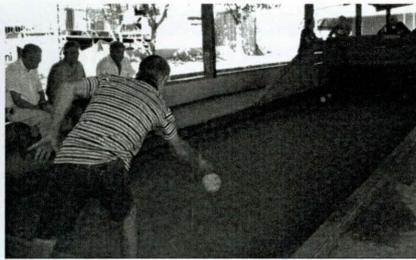
A Missa em Ação de Graças pela realização do Festival foi celebrada no dia 10/08/2014, domingo, às dez horas, na Igreja Matriz de São João Batista. Participaram grupos folclóricos e parafolclóricos de Olímpia e visitantes, e "todos estes adentram a Igreja cantando e dançando, conforme o ritmo de sua tradição, sempre com o traje típico e levando a bandeira do seu Estado, e do grupo. Tem sido um momento de intensa religiosidade, em que prevalece o ecumenismo. Ao final, os grupos dirigem-

se ao altar, onde se tem oportunidade de ver o Brasil abraçar-se, representado pelas diferentes regiões presentes. Este momento de louvor é coordenado pela Secretaria Municipal da Educação", ressalta a Prof.ª Eliana Antonia Duarte Bertoncello Monteiro, Secretária Municipal da Educação.

CAMPEONATOS DE TRUCO, BOCHA E MALHA

No dia 10 de agosto, domingo, iniciaram-se, às 9 horas, os Campeonatos de Truco e de Bocha, no Recinto de Exposições e Praça de Atividades Folclóricas Prof. José Sant'anna, e, simultaneamente, no Ginásio de Esportes "Olyntho Zambom", o Campeonato de Malha, tradicionais certames da nossa festa maior que mais uma vez foram com sucesso realizados, havendo inúmeros participantes.





No Campeonato de Truco, as duplas vencedoras foram: 1.º Lugar, Gustavo Henrique Vieira e Gustavo Hoshino; 2.º Lugar, Jesus Perpetuo Alves da Silva e Rogério Souza Costa e o 3.º Lugar, Márcio Lopes e Juninho Barbosa.

No Campeonato de Bocha o 1.º lugar ficou com a dupla João Mialichi e Ângelo Spadare; o 2.º Lugar, para Diego Quiles e Helio Luppi e o 3.º Lugar, para Maurício Mariano da Silva e Izau Luiz Pereira.

No Campeonato de Malha, o 1.º lugar foi para a dupla Osvaldo Lourenço Miller Donato e Jesus Orivaldo Rafael e 2.º Lugar para João Lopes Lourenço e Francisco Lopes da Silva (Adilson).

CICLO DE PALESTRAS SOBRE FOLCLORE

Destinado a crianças e adolescentes, pesquisadores, professores e pessoas interessadas, com o propósito de estimular o estudo sobre o folclore brasileiro, o Ciclo de Palestras em referência, sob a coordenação da Secretaria Municipal da Educação, foi realizado, de 11 a 14 de agosto, das 7h30 às 12h, no Pavilhão Cultural, na Praça de Atividades Folclóricas “Prof. José Sant’anna”.



Na segunda-feira, 11/08/2014, os palestrantes foram Érica Giesbrecht, da USP - Universidade de São Paulo, com o tema “Recriações tradicionais no cenário contemporâneo” e Alessandra Ribeiro Martins (Pontifícia Universidade Católica - PUC – Campinas/SP), discorrendo sobre “Folclore e Patrimonialização”.

Na terça-feira, 12/08/2014, Estevão Amaro dos Reis – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) falou sobre “Festivais de Folclore e Encontros de Cultura Popular”, e Marcos Edson Cardoso Filho – Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), sobre “Folclore e novas tecnologias”.

Na quarta-feira, 13/08/2014, os palestrantes foram os professores Valdecir Casagrande e Cecília Junqueira (“Gincana folclórica e início do festival, Desfile folclórico e colaboração com o festival”), e Milton Campos (“Colaboração nos festivais de folclore desde a época de 1970”).

Na quinta-feira, dia 14/08/2014, Naita Lisboa Lopes, Prof.^a do Município de Lagoa de Freitas/BA (foto, à direita), proferiu palestra com o tema “As manifestações culturais e a Educação”, e a Prof.^a Maria Aparecida de Araújo Manzolli, Coordenadora Geral do Setor de Folclore de Olímpia, tratou da questão relacionada às “manifestações folclóricas de nossa gente”.



No decorrer do Ciclo de Palestras também houve apresentação da Escola Municipal de Ensino Básico - EMEB “Professora Irmã Tereza Soares” (Quadrilha e Moçambique), no dia 11/08/2014; da EMEB Cidade Imaculada (Folia de Reis e Balainha), no dia 12/08/2014; do Grupo Municipal de Teatro AMANAJÉ – Bilac – SP, cujo responsável é José Eduardo Palmieri; da EMEB Valentina Toazza (Quadrilha) e da EMEB Professora Vandelize de Oliveira Santos Cudinhoto (Terno de Congada) e Coral Vozes da Escola (Pout-Porri de músicas infantis), no dia 13/08/2014; e, finalmente, da EMEB Professor Eugênio Zaccarelli (Catira e Balainha) e da EMEB Professora Lourice Arutin Sgorlon (Santos Reis e Orgulho Paulista), no dia 14/08/2014.



GINCANA DE BRINQUEDOS TRADICIONAIS INFANTIS



De 10 a 14 de agosto, das 7h30 às 12h, na arena da Praça das Atividades Folclóricas “Professor José Sant’anna”, realizou-se mais uma edição desse evento que marca uma participação mais dinâmica das crianças no Festival e visa a preservar e reviver tradicionais brinquedos infantis que o mundo moderno tende a arrefecer. Várias foram as brincadeiras, dentre as quais se destacam: corrida-do-saco; ovo-na-colher; perna-de-pau; amarelinha; pião; papagaio e pipa; rabo-no-burro; cabo-de-guerra e muitas outras. Houve premiação aos participantes, e as inscrições podiam ser feitas inclusive no momento em que se iniciariam as atividades.

FOLCLORANÇA

A “Folclorança” (Folclore – Herança – Criança – Confiança), em supletivo vínculo com a já mencionada Gincana, é uma oficina de brinquedos tradicionais infantis em que a criatividade das crianças é exercitada mediante a confecção de máscaras, fantasias e outras figuras, de motivos folclóricos, a partir de variado material (madeira, sucata, retalhos de tecido, papelão, etc.).

Na “Folclorança” os participantes também produzem os brinquedos, vivenciando, assim, os tempos em que essa atividade antecedia o prazer de brincar, haja vista não existir ainda o comércio de tais produtos. Foi realizada nos dias 10 a 14 de agosto, das 14h às 16h, no Pavilhão Cultural, na Praça de Atividades Folclóricas “Prof. José Sant’anna”.

A Gincana e a “Folclorança” são também coordenadas pela Secretaria Municipal da Educação da Estância Turística de Olímpia.



MINIFESTIVAL DO FOLCLORE



A 31.^a edição do Minifestival do Folclore foi promovida de 11 a 15 de agosto, das 14h às 16h, no Pavilhão Cultural, na Praça de Atividades Folclóricas, coordenado pela Secretaria Municipal da Educação. Em meio às apresentações de alunos das unidades escolares da rede municipal de ensino, em que se mostra parte do resultado do aproveitamento dos trabalhos relativo a estudos da cultura popular desenvolvidos nas salas de aula, também participam do evento grupos folclóricos e parafolclóricos, cujos representantes fazem breves preleções acerca das manifestações que apresentam, falando sobre o figurino, os instrumentos e as músicas utilizadas nas danças e folguedos, bem como sobre usos e costumes da sua região.

Na segunda-feira, 11/08/2014, apresentaram-se: EMEB Dona Luiza Seno de Oliveira (Pastoril e Dança do Café); EMEB Professor José Sant’anna (Balainha, Cana-verde e Folia de Reis); EMEB Professora Zenaide Rugai Fonseca (Carimbó) e Coral Vozes da Escola (Pout-Porri de músicas infantis).

Na terça-feira, 12/08/2014: EMEB Dona Luiza Seno de Oliveira (Danças Tradicionais Gaúchas e Dança do Café) e EMEB Joaquim Miguel dos Santos (Boizim de Capim, Pau de Fitas e Cana Verde).

Na Quarta-Feira, 13/08/2014: EMEB Professor Reinaldo Zanin (Dança do Algodão); EMEB Professor Maurício César Alves Pereira (Dança do Café)





e Danças Gaúchas); EMEB Washington Junqueira Franco (Catira) e EE Professora Alzira Tonelli Zaccarelli (Bumba-meu-Boi).

Na Quinta-Feira, 14/08/2014: EMEB Theodomiro da Silva Melo (Dança do Café e Cana Verde); EMEB Jardim Hélio Cazarini (Dança do Bambu) e EMEB Santo Seno (Bumba-Meu-Boi e Folia de Reis).

“CAFÉ FOLCLÓRICO”

Trata-se de um encontro, em um “café da tarde”, entre os representantes dos grupos folclóricos e parafolclóricos que participam do FEFOL, que é promovido por ocasião do Festival do Folclore pela Secretaria Municipal da Educação. No 50º Festival, o “Café Folclórico” foi realizado no 14/08/2014, a partir das 16h30min, no Museu de História e Folclore “Maria Olímpia”.

Segundo a Prof.^a Eliana Antonia Duarte Bertoncello Monteiro, Secretária Municipal da Educação, é um “evento destinado à integração dos grupos folclóricos visitantes, para um breve entrosamento e confraternização, durante o qual todos os participantes têm a oportunidade de relatar um pouco de sua história e também da cultura do seu Estado. Participam deste momento alguns convidados da sociedade em geral, equipe gestora das unidades escolares do município que, em poucas palavras, relatam o trabalho desenvolvido com os alunos de nossa rede de ensino. Enquanto conversam, todos aprendem, de uma maneira prazerosa. Também é oferecida uma variedade de quitutes pertencentes à tradição popular, e oferecidos aos participantes como forma de agradecimento por sua participação no Festival, e pela sua estada no município”.

PEREGRINAÇÃO FOLCLÓRICA

Tendo se iniciado no 25.º Festival do Folclore, a “Peregrinação Folclórica”, por meio da qual se leva às ruas de Olímpia parte do festival vivido na Praça de Atividades Folclóricas “Prof. José Sant’anna”, se realizou de 11 a 15 de agosto de 2014.

Os olimpienses, em suas casas, ou em seu local de trabalho, e quem nos visitou durante nossa festa maior,



tiveram a oportunidade de apreciar um álcere e colorido desfile de grupos folclóricos e parafolclóricos pelas ruas centrais da “Capital do Folclore”, os quais se apresentaram, ainda, em “peregrinação”, nos distritos de Bagaçu e Ribeiro do Santos. Também receberam uma festiva visita os estabelecimentos comerciais que colaboram com a realização do festival e as repartições públicas municipais, onde os mencionados grupos fizeram breves apresentações. Nesse muito esperado evento, os integrantes dos grupos realizam uma “confraternizante” interação com o público, dançam com pessoas que os assistem, cantam músicas de suas regiões, interagindo ainda com outros grupos de diferentes localidades, numa alegre mistura de manifestações da cultura popular brasileira.



APRESENTAÇÕES NA CASA DO CAIPIRA



Na “Casa do Caipira”, idealizada pela Prof.^a Maria Aparecida de Araújo Manzolli, e que deu início à “Vila Brasil”, no Recinto de Exposições e Praça de Atividades Folclóricas “Prof. José Sant’anna”, foram realizadas várias apresentações de diversas duplas, trios e conjuntos, de Olímpia e região, de 9 a 17 de agosto de 2014, a partir das 18 horas.

No sábado, dia 09/08/2014, a abertura do evento ficou a cargo da Orquestra de Viola São José, de Cajobi. A seguir, se apresentaram as duplas olmpienses Flávia e Fernanda, Marcos Paulo e Cassiano, Preto e Pretinha, Fátima e Goyaninho, Taty e Marinho, Dico e Guimarães, e a dupla Ferreira e Colinense, de Colina/SP.

No domingo, 10/08/2014: Marcos Paulo e Cassiano, Preto e Pretinha, Taty e Marinho, Márcio e Marcílio, Dico e Guimarães, Ferreira e Colinense.

Na segunda-feira, dia 11/08/2014: Grupo Cheiro do Mato, de Monte Azul Paulista/SP, Turma da ABECAO - Associação Beneficente Cultural e Assistencial de Olímpia, Marcos Paulo e Cassiano, Preto e Pretinha, Fátima e Goyaninho, Taty e Marinho, Dico e Guimarães, Trio Guilherme, Gabriel e Pedro, de Olímpia/SP, e Ferreira e Colinense – Colina/SP.

Na terça-feira, 12/08/2014: Marcos Paulo e Cassiano, Preto e Pretinha, Fátima e Goyaninho, Taty e Marinho, Dico e Guimarães, Trio Guilherme, Gabriel e Pedro, e Ferreira e Colinense.

Na quarta-feira, 13/08/2014: Grupo Raízes - Coral Caipira, de Guairá/SP, Flávia e Fernanda, Marcos Paulo e Cassiano, Preto e Pretinha, Fátima e Goyaninho, Taty e Marinho, Márcio e Marcílio, Dico e Guimarães, Ferreira e Colinense.



Na quinta-feira, 14/08/2014, com apresentação ao vivo pela Rádio “Espaço Livre” AM, de Olímpia/SP: Raimundo Violeiro e Palomita, de Cajobi/SP, Turma da ABECAO - Associação Beneficente Cultural e Assistencial de Olímpia, João Rico e Curiango, de Guaraci/SP, Marcos Paulo e Cassiano, Preto e Pretinha, Fátima e Goyaninho, Taty e Marinho, Dico e Guimarães, Ferreira e Colinense.

Na sexta-feira, 15/08/2014: Grupo Cheiro do Mato, Dione e Roberto, Marcos Paulo e Cassiano, Preto e Pretinha, Fátima e Goyaninho, Taty e Marinho, Dico e Guimarães, Ferreira e Colinense.

No sábado, 16/08/2014: Marcos Paulo e Cassiano, Preto e Pretinha, Fátima e Goyaninho, Taty e Marinho, Márcio e Marcílio, Dico e Guimarães, Ferreira e Colinense.

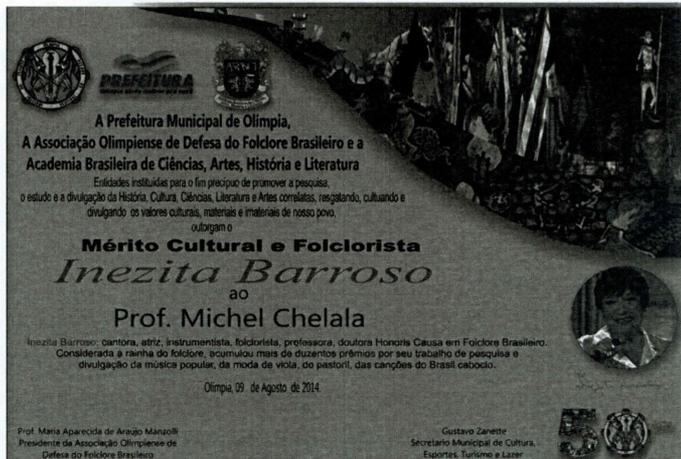
No domingo, 17/08/2014: Marcos Paulo e Cassiano, Preto e Pretinha, Fátima e Goyaninho, Taty e Marinho, Dico e Guimarães, Ferreira e Colinense.



MEDALHA "INEZITA BARROSO"

Por iniciativa da Coordenadora Geral do Setor de Folclore de Olímpia, Prof.^a Maria Aparecida de Araújo Manzolli, por ocasião do Cinquentenário da nossa festa maior, no dia 09/08/2014, às 19h, foi promovida a entrega da Medalha "Inezita Barroso", bem como de um certificado, em homenagem àqueles que inicialmente apoiaram o trabalho do Prof. José Sant'anna nos primeiros festivais (professores, amigos, e seus parentes). Os que faleceram e os que

não puderam comparecer por outras razões foram representados por familiares. Estes foram os homenageados: Afonsina Sant'anna, Afranio Sant'anna de Oliveira, Altino Robazzi, Ana Valci Guimarães Bruniera, Anali de Oliveira, Antônio Maricato, Aparecida Pina Viali, Bié Junqueira, Carlos Humberto Guimarães, Carmem Beatriz Pitigliarini, Cecília Consentino Junqueira, Clarismundo Sant'Anna, Débora Vicente, Delcio Domingues, Dimas Egydio dos Santos, Domingues de Lolo, Edemir Moreira, Eden Eduardo Pereira, Eliete Bruniera Raia, Erciley Parolim, Família Clemêncio, Fernando Freitas Luiz, Gilberto Schalch, Hermélia Ferrante Cruz Martins, Ineh Bueno de Camargo, Iseh Bueno de Camargo, João Sant'anna de Oliveira, Jodenir Passarela, José Carlos Rossato, José Marangoni, Julieta Colonezi, Júlio César Irani, Leila Aparecida Riscali, Lourice A. Sgorlon, Lúcia Aidar, Lúcia Fonseca, Lúcia M. L. B. Fonseca, Luzia Calhado, Madalena Martins, Madalena Martins, Marcelo Sant'anna, Maria de Lourdes P. Monteiro, Maria do Freio, Maria Eugênia Donadão Paschoal, Maria Jesus de Miranda, Maria Sant'anna Irani, Marinês Ferreira, Mauricio César Alves Pereira, Meire Irani, Miriam Tannuri, Natalina de Carvalho, Neide Sotero, Neila Miessa, Nércio Pelizer, Neves Manfré Santos, Nilza Tonani Tolfo, Olézia Madalena Menino, Olinda Antunes, Oriovaldo Cruz, Palmira M. D. Rodrigues, Pery Marques Pinto, Rogério de Oliveira, Rothschild Mathias Netto, Sara Vicente, Silveli Salomão Bueno Maziteli, Tereza Coletto Souza, Valdecir Casagrande, Victório Sgorlon, Wilson Zangirolami, Zeca Scura.



CURRAL DO CAIPIRA

No sábado, 9 de agosto, por volta das 19h30, dando seguimento à "Vila Brasil", iniciada com a "Casa do Caipira", foi inaugurado o "Curral do Caipira", com a presença do Prefeito Geninho Zuliani, do Vice-Prefeito Gustavo Pimenta, da Primeira-dama e Presidente do Fundo Social de Solidariedade de Olímpia, Ana Cláudia Zuliani, do Secretário de Cultura, Guto Zanette, da Coordenadora Geral do Setor de Folclore, Cidinha Manzoli, e, entre outros, do empresário olimpiense Ronald Remondy Júnior, doador do "Curral".

Na ocasião, a Presidente do Fundo Social, que conta com o trabalho de sua equipe e de mais 40 voluntários nas atividades que promove durante todo o Festival, assim se pronunciou: "Agradeço a todos que contribuíram para o sucesso da Vila Brasil. Esse ano a nossa novidade é o Curral do Caipira, doado pelo empresário Ronald, que está servindo várias delícias como caldos, bolos, roscas e pamonhas, além de café da manhã e café da tarde. Toda renda será revertida para as ações que realizamos no Fundo Social. Convido a todos que venham prestigiar o nosso espaço que está com uma decoração toda charmosa".



DESFILE DO 50.º FESTIVAL DO FOLCLORE



O Desfile de Encerramento do Festival, considerado o ponto máximo do evento, teve início às 9h30 do dia 17 de agosto de 2014, partindo de uma concentração em frente à Câmara Municipal de Olímpia, e percorrendo a Av. Aurora Fórti Neves, à margem direita, no sentido da mão única dessa direção.

A abertura foi feita com veículos do Corpo de Bombeiros e da Polícia Militar de Olímpia.



A seguir, foi conduzida, por jovens do Grupo Demolay e Filhas de Jó, uma faixa de abertura com os dizeres: “50.º FEFOL de Olímpia” (outras faixas a que nos reportaremos a seguir foram também conduzidas pelos mencionados grupos de jovens).

A faixa seguinte aludia ao “Estado Homenageado – São Paulo”, e, por conseguinte, o Município de Olímpia, seguidas de duas bandeiras, de Olímpia

e do Estado de São Paulo, respectivamente, que foram ostentadas pelos já mencionados grupos de jovens.

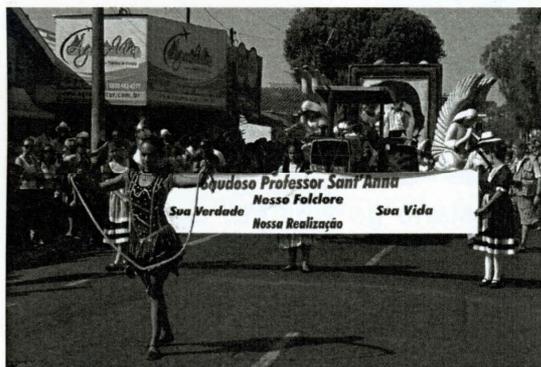
Ato contínuo, desfilaram três filas do Grupo da Terceira Idade com as seguintes inscrições nas camisetas que vestiam: “Olímpia – FEFOL – 50 Anos”

Logo atrás, veio uma grande bandeira do Município de Olímpia conduzida por 10 componentes do Grupo da Terceira Idade.

A Associação de Capoeira “Raízes de Olímpia” - Grupo Abiú, liderada pelo Mestre “Zé Cocão”, veio a seguir, apresentando passos e jogos de capoeiristas, seguidos de mais 2 grupos: Equipe de Ginástica Rítmica de Olímpia, coordenada pela Prof.^a Samanta D’Ávila; e Karatê, da Academia Gin Shin, orientado pelo Prof. Angel Jomar da Silva.

Em seguida, uma faixa com os dizeres “Olímpia – Capital do Folclore” antecedia um grupo de alunos das escolas municipais de Olímpia.

O carro alegórico de abertura simbolizava uma fazenda, com as seguintes figuras personificadas: Curupira e Jeca Tatu. Um casal do Estado do Pará e um casal do Rio Grande do Sul também iam no carro, representando a conexão brasileira de norte a sul do país vivenciada no Festival.



Na sequência, apresentou-se a Fanfara Municipal de Ubarana/SP, conduzida pelo Maestro Alexandro da Silva.

Depois, passaram o Pelotão dos Escoteiros levando a Bandeira da Paz e o Pelotão do Tiro de Guerra de Olímpia levando as Bandeiras de todas as Unidades da Federação Brasileira.

A Rainha do 50.º Festival do Folclore, Yameme Faiçal Ibrahim, foi a próxima, em carro

alegórico no qual também estavam presentes o Mister e a Miss Terceira Idade.

Uma faixa de “agradecimento aos patrocinadores e colaboradores” foi ostentada.

Os seguintes grupos desfilaram em seguida: da Terceira Idade, da APAE, da DOA (carreta), Grupo “Iniciação Teatral” coordenado pelo Prof. Genival Miranda, Grupo de Artesanato, por Cristina Gotardi, Educandário e ETEC, com carro alegórico simbolizando a festa das nações.



Carros alegóricos desfilaram após esses grupos homenageando a Prof.^a Neves Manfre Santos, Zecca Scura (in memorian) e Edemir Moreira, num fusca com a aluna Beatriz Oliveira Correia, vestida de Sinhá Moça, lembrando os antigos festivais.

A seguir, passaram os carros "Homenagem ao FEFOL - Olímpia". Em um deles se encontrava uma alegoria de maria-fumaça, e no outro se homenageava o Prof. José Sant'anna, criador do Festival.



Desfilou também a Mãe-de-santo e Coordenadora Pedagógica Naita Lisboa, do Terreiro Muilu de Umzambi, de Lauro de Freitas/BA, em carro representando os Orixás, juntamente com membros da Tenda de Umbanda Caboclo Caramã e Pai Cesário, da Mãe Jesuina de Souza Silva (in memorian), e da Tenda de Umbanda Caboclo Flecheiro, de Aparecida Passarelli, de Olímpia/SP.



Seguiram-se alas alusivas às Regiões Brasileiras, em carros alegóricos que representavam as cinco regiões, com alunos da Escola "Dona Anita Costa", nos quais também se encontravam meninas com roupas típicas de cada uma das mencionadas regiões: Luana Beatriz dos Santos Libório (Região Norte); Isabela dos Santos Cândido (Nordeste); Gabrielle Borges Gatti (Centro-Oeste); Mileide Pereira Recco (Sudeste) e Ariane Calaproia de Paula (Sul).

Os grupos folclóricos e parafolclóricos presentes no evento desfilaram em seguida.

O Desfile se encerrou com a presença de grupos de motoqueiros, carros antigos e cavaleiros.

Os carros alegóricos ficaram a cargo do Museu do Carnaval de Uchoa/SP, de propriedade da artista Leonor Maria de Jesus Camilo, sob a coordenação do artista plástico Carolino Camilo Neto.

Coordenação Geral do Desfile: Dr. Gilsom Carlos Miranda.



RALLY DO FEFOL



O 10.º Rally do FEFOL, uma das sete etapas da Copa RJP de Rally, foi realizado no dia 10 de agosto de 2014. A largada e a chegada se deram no Recinto de Exposições e Praça de Atividades Folclóricas “Prof. José Sant’anna”, com início por volta das 9 horas. Do evento participaram competidores da capital

paulista, de Olímpia e de diversas cidades de São Paulo, nas categorias carro (35) e moto (15). O percurso da prova foi de cerca de 90 km, passando pelos bairros rurais do Olhos D’Água, Galiléia, Bela Vista, Laranjeiras e Santa Cruz. Todos os concorrentes de Olímpia conquistaram posições de pódio. Na categoria Moto Especial, os três primeiros colocados foram olimpienses, com Renan em 1.º lugar, Rafael Martins em 2.º e Luis Daniel em 3.º. Na categoria Moto Graduado (principal categoria das motos), o também olimpiense Alessandro, iniciando nesta categoria, alcançou o 2.º lugar, à frente de experientes competidores desta categoria. Na categoria carros, o único representante olimpiense foi o piloto Omar de Nadai, que juntamente com o navegador Rogério Ziebart e o Zequinha “Pingo”, ambos de Rio Preto, alcançaram o 1.º lugar na principal categoria, que é a Carro Master, informa de Nadai.

No entanto, após apresentação dos resultados e no momento da premiação, para surpresa de todos, inclusive de seus parceiros, o piloto olimpiense Omar de Nadai, um dos coordenadores do evento, abriu mão de seu troféu e de sua classificação em 1.º lugar em virtude de ter ajudado na organização da prova, de modo que conhecia antecipadamente o respectivo trajeto; não considerou justo levar o título de campeão, mesmo com a excelente navegação no rally proporcionado pelo navegador Rogério, que concordou com Omar.

Destarte, em vista de tal declinação, na categoria principal dos carros Máster, ficaram então em primeiro lugar a dupla Luís e Tais, de Fernandópolis; em segundo, Maurício e Akie Hirata, de São José do Rio Preto, e, em 3.º lugar, Gustavo e Beto, também de Rio Preto, ressalta Omar de Nadai, que acrescenta que mais uma vez “devemos registrar que o sucesso desta modalidade esportiva dependeu da Comissão do Folclore, que não mediu esforços para a realização do evento, assim como do empresário Zé das Pedras, que forneceu mais de 50 troféus para os participantes, assim como participou ativamente da cerimônia de premiação”.

RAINHA DO 50.º FEFOL

Para o 50.º FEFOL a Comissão Executiva do evento decidiu que quem vencesse o Concurso Miss Grand Brasil 2014 seria também a Rainha do Festival do Folclore.

O referido evento se deu em 25 de julho de 2014, na Casa da Cultura “Prefeito Álvaro Marreta Cassiano Ayusso”, e foi promovido pela Teen Brasil Eventos, do empresário Gerson Antonelli,

A vencedora foi a Miss de origem libanesa Yameme Faiçal Ibrahim, representante do Estado do Paraná, da cidade de Foz do Iguaçu.

Os jurados foram a Primeira-dama e Presidente do Fundo Social de Solidariedade de Olímpia, Ana Cláudia Finato Zuliani, o médico Dr. Gilsom Carlos Miranda, a médica dermatologista Dr^a Solange Benatti Murada, o médico cirurgião plástico Dr. Waldemar Lopes Ferraz, o Diretor de Cultura Caio Longhi, a Miss Teen 2013/2014 Marina Mattos e o hairstylist da Teen Brasil.

Ao final do concurso, apresentou-se no palco o Grupo Olimpiense de Danças Parafolclóricas “Cidade Menina Moça” –

Anuário do 51º Festival do Folclore de Olímpia



GODAP.

DESFALQUES PARA O FEFOL

INEZITA BARROSO



Grande intérprete da autêntica música sertaneja, Inezita Barroso faleceu em 08 de março de 2015, aos 90 anos, em decorrência de insuficiência respiratória aguda. Apresentava o programa “Viola, Minha Viola”, na TV Cultura, havia quase 35 anos. Em aproximadamente 60 anos de carreira, Inezita Barroso lançou mais de 80 discos, muitos dos quais foram produzidos pelo Prof. José Sant’anna, de quem era amiga de longa data, tendo participado de várias edições do Festival do Folclore de Olímpia, especialmente quando Sant’anna, criador do evento, ainda o coordenava. Deixa uma filha, Marta Barroso, três netas e cinco bisnetos. Sua gravação mais famosa foi a “Moda da Pinga”, sobre a qual discorreu em artigo publicado no Anuário do 21.º Festival, que reproduzimos nesta edição, em homenagem a essa inesquecível cantora e pesquisadora do folclore brasileiro.

CELINHO

Marcilio Caetano Lima, “Celinho”, nascido em 29/03/1943, aprendeu sozinho a tocar sanfona aos 10 anos de idade. Era sanfoneiro em bailes, onde ficou conhecido como “Celinho Sanfoneiro”.

Fez parte de Companhias de Reis por vários anos, e integrou o Conjunto Musical do Grupo Olimpiense de Danças Parafolclóricas “Cidade Menina Moça” - GODAP, de 2010 a 2014.

Faleceu, no ano passado faltando 03 dias para a abertura do 50.º FEFOL, pelo qual tanto ansiava, no dia 06/08/2014.

O GODAP, cujos integrantes muito o estimavam, postou a seguinte nota na sua página na rede mundial de computadores: “Mais uma estrela ‘Godapiana’ foi brilhar no céu, nesta quarta-feira”.

Apaixonado por música, tocava todos os dias em casa. Deixa a esposa Heloisa e três filhos.



RAFAELA

“Outra estrela ‘Godapiana’ foi brilhar no céu”: Rafaela Parolin Barbosa, que faleceu no dia 28 de abril de 2014. Filha do advogado Dr. Eduardo Antônio de Albergaria Barbosa e de Esmarina Parolin Barbosa, nascida em 19/02/1977, Rafaela, “Fafá” como era carinhosamente chamada pelos amigos, atuava no Grupo Olimpiense de Danças Parafolclóricas “Cidade Menina Moça” - GODAP havia 09 anos. Também era muito querida pelos componentes desse grupo que sofreu significativos desfalques no ano do Cinquentenário do Festival do Folclore de Olímpia.

Aos familiares das pessoas que mencionamos, a Comissão Executiva do evento registra suas condelências, rogando a Deus que lhes dê conforto, amparo e coragem.



FESTIVAL INTERNACIONAL DE FOLCLORE



De 23 a 31 de maio de 2015, deu-se a 9ª edição Festival Internacional de Folclore de Olímpia, promovida pelo Grupo Olimpiense de Danças Parafolclóricas “Cidade Menina Moça”, presidido pela Prof.^a Maria Aparecida de Araújo Manzolli (também Coordenadora Geral do Setor de Folclore de Olímpia). Participaram do evento os grupos Companhia Coreografica Argentina; Grupo Folclórico Alemão Grüne Stadt - Colônia Alemã; Ballet Libertad - Bolívia; Associazione “Sbandieratori e Musici dei 7 Rioni Storici” - Itália; Tanzgruppe Helvetia - Colônia Suíça; Banda St. Andrew Society Pipes & Drums - SASPD - Colônia Escocesa; e o - Grupo Olimpiense de Danças Parafolclóricas “Cidade Menina Moça” - GODAP, representando o Brasil. Houve apresentações no palco instalado na Praça da Matriz de São João Batista, nos dias 23/05/2015 a 24/05/2015; e de 28/05/2015 a 31/05/2015.

Segundo a Prof.^a Cidinha Manzolli, “o evento foi de grande sucesso e o intercâmbio cultural foi muito forte. Recebemos comentários os mais elogiosos quanto à organização e qualidade dos

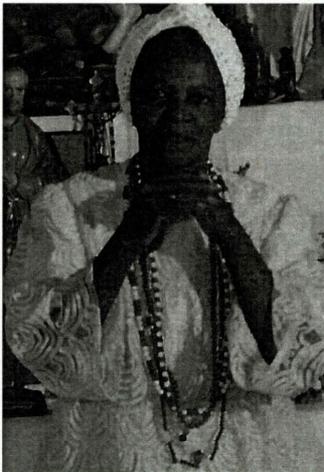


espetáculos. Muito significativo foi o sentimento de poder reviver os Festivais Nacionais quando eram realizados na Praça da Matriz”.



“Saudosismo ou não, não há como negar que só existe o Festival Internacional porque o Festival Inicial é o incentivo para todas as atividades relacionadas ao tema na Capital do Folclore”, acrescenta a Prof.^a Cidinha Manzolli.





MÃE ZUÍNA E A UMBANDA, UMA VIDA DE RESISTÊNCIA, AMOR E FÉ

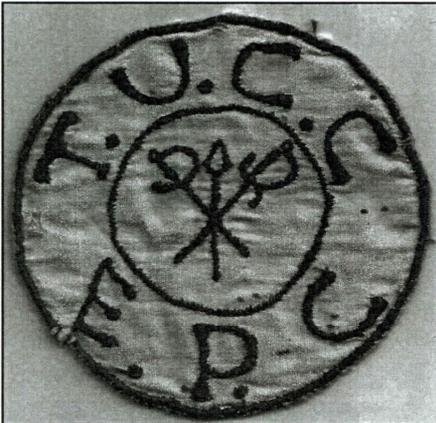
Cristian Daniel Assis
Museu de História e Folclore
"Maria Olímpia"

"Pedimos licença a Zambi,
à Oxum e Iemanjá,
Para abrir nossos trabalhos,
Na bandeira de Oxalá..."*

INTRODUÇÃO

O Brasil, a partir da sua própria formação cultural, apresenta uma rica matriz religiosa, que marca indiscutivelmente o cenário religioso brasileiro, fruto de encontros e desencontros de vários processos de conflitos e interações sociais, que deu origem a um complexo caldo religioso, sempre mutante e gerador das mais variadas manifestações de fenômenos religiosos.

MIRANDA, (2001) diz o seguinte a respeito da questão da religiosidade popular:



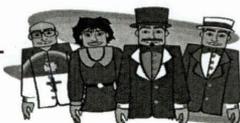
Ponto Riscado do Caboclo Caramã, utilizado nos uniformes dos filhos da casa (arquivo pessoal de Maria Gertrudes).

"A religiosidade popular significa a experiência salvífica realizada e expressa no interior da Cultura Popular, que é uma experiência de plenitude, de sentido, de confiança, de realização. Porém é fundamental que seja captada pelo homem como experiência salvífica. Este, contudo, só poderá fazê-lo no interior de seu universo simbólico e de suas práticas sociais. É a linguagem de que dispõe para entender, expressar e viver".

E uma parte importante deste caldo religioso está na Umbanda, religião brasileira por adoção. Nascida em terras do Antigo Egito, quando seus Faraós e sacerdotes praticavam rituais semelhantes àqueles realizados hoje em dia. Esta religião renasceu e floresceu em território brasileiro com muita desenvoltura, pois que sua liturgia, misto das mais diversas liturgias ocidentais e orientais, encontrou terreno fértil para adaptar-se ao povo brasileiro, já tão acostumado à mistura de raças e costumes. Esta facilidade de nosso povo, na aceitação de diversas culturas e tradições, fez com que este ritual milenar renascesse junto a nós. A Umbanda, através do processo de incorporação de entidades, presta culto aos Orixás como uma qualidade manifesta de Deus. Sua compreensão dos Orixás a aproxima, e muito, dos frutos da Árvore da Vida dos *kabalistas*. A Umbanda não aceita o sacrifício animal em qualquer de seus rituais. Utiliza, para a sua magia, de ervas, flores, velas coloridas, fitas, certas bebidas, mel e qualquer outra dádiva da natureza que não ceife a vida. A Magia está contida na Umbanda de forma evidente. Aprende com o catolicismo e muitas outras religiões a defumar os ambientes para o culto; do judaísmo traz a compreensão dos Orixás; do Candomblé absorve o nome dos Orixás, seus mantras, instrumentos destinados aos cânticos e mitos fantásticos; das religiões orientais traz a noção do *karma*, a interpretação de Deus como Força Cósmica e o uso das Guias coloridas.

Como parte integrante de sua magia estão as simpatias, descritas por Câmara Cascudo da seguinte forma: "Do grego, *sympátheia*, *sym*, e *pathos*, paixão, sofrimento.

*Trecho de um ponto de abertura de trabalhos na Umbanda





Sr^a Gertrudes Antonia de Souza, mãe de Dona Zuína (arquivo pessoal de Maria Gertrudes).

Essa conformidade incrível levou a magia a fixar o processo que se tornou popular por todas as partes do mundo. O ritual da simpatia mobiliza as forças e poderes ocultos para satisfazer nossos desejos e até mesmo nos curar de enfermidades e problemas vistos como espirituais. A simpatia consiste de um conjunto de atos e palavras preestabelecidas, repetidos sem qualquer alteração, a não ser o nome do interessado. O ritual deve ser seguido sem restrições”.

Este artigo aborda a vida de Mãe Zuína, como era carinhosamente conhecida, uma vida dedicada à fé e à Umbanda, colaboradora assídua do Professor José Sant’anna em suas pesquisas folclóricas, muitas vezes realizadas em seu templo, a Tenda de Umbanda Caboclo Caramã e Pai Cesário, auxiliando-o com seus grandes conhecimentos sobre ritos, festividades de Santos, terços, novenas, bem como de simpatias.

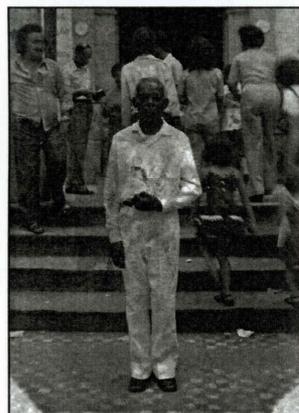
Deixo agora o leitor se deliciar com a história desta umbandista, mulher, mãe de muitos filhos de fé, amada, respeitada e sempre lembrada através da beleza primitiva das simpatias e rezas que curaram e curam gerações inteiras de nosso povo.

Jesuína de Souza Silva nasceu no dia 25 de agosto de 1924, na cidade de Areias, na época, distrito de Bebedouro. Porém, somente em 1925 é que foi registrada, no dia 06 de janeiro.

Filha do senhor Januário José de Souza, nascido na Bahia em 1877, portanto, quando no Brasil foi abolida a escravidão, contava com 11 anos de idade, e a senhora Gertrudes Antônia de Oliveira Teixeira Leite, também baiana, onde, após casada, substitui o Teixeira Leite e adota o sobrenome “Souza” do senhor Januário, seu esposo.

Conta sua filha Maria Gertrudes da Silva de Araujo, que dona Jesuína foi batizada na igreja católica, sendo sua madrinha a chamada por ela de Tia Rita, que enlouqueceu:

“... ela vivia falando palavrões, que nem desgraça, desgraça pelada. E um dia ela apareceu pra Rita, atrás da porta, em formato de corpo seco, e quando ela viu aquilo ela enlouqueceu...” (MARIA GERTRUDES, 2015).



Sr. Daniel da Silva, esposo de Dona Zuína (arquivo pessoal de Maria Gertrudes).

Veio morar na fazenda da Galiléia ainda criança, onde permaneceu até os seus 12 anos, vindo para a cidade de Olímpia no ano de 1936.

Jesuína e a família residiram em uma casa que se localizava na esquina da Avenida Brasil com a Rua Marechal Deodoro. Começou a trabalhar com 13 anos de idade, como conta sua filha Maria Gertrudes:

“... aí minha mãe começou a trabalhar na residência dos Miessa, seu Sandálio e dona Claudia Miessa. Eles moravam ali onde é a casa das freiras e o Paulo Goulart sempre ia lá quando criança... minha mãe contava que dona Claudia ainda dizia:

- Jesurrina, oh Jessurrina, traz um café pra gente, mas traz nas “chiquirritas”, que é como a dona Claudia chamava as



Pai Patrocínio [irmão de dona Zuína], Mãe Gertrudes [mãe de dona Zuína] e Mãe Zuína, foto tirada na Tenda de Umbanda Caboclo Caramã e Pai Cesário na década de 60 (arquivo pessoal de Maria Gertrudes).



xícaras pequenas...” (MARIA GERTRUDES, 2015).

Quando jovem Jesuína conhece Daniel da Silva, este que se tornaria seu esposo e pai de suas filhas.

“... ele perdeu os pais muito cedo, eles eram de Lavras na Bahia. Aí ele foi morar com um tio que batia muito nele. Fugiu da casa do tio quando ele tinha 14 anos e veio parar em Olímpia, onde morava com o Seu Manoel “guardachuveiro”, na Rua Floriano Peixoto. Os tios da minha mãe conheciam o seu Manoel e foi através deles que ela conheceu meu pai...” (MARIA GERTRUDES, 2015).



Inauguração da Tenda de Umbanda Caboclo Caramã e Pai Cesário, 1967 (arquivo pessoal de Maria Gertrudes).

Daniel, nesta época, era analfabeto e trabalhava em beneficiadoras de arroz e café de propriedade de David de Oliveira.

Jesuína contava com 22 anos quando se casou com Daniel, na Igreja de Nossa Senhora Aparecida, no ano de 1946, no dia 04 de maio.



Terço a Nosso Senhor Morto, rezado na sexta feira Santa, notamos Maria Gertrudes dirigindo o terço, sua mãe, dona Zuína e a família. Foto integrante do estudo de José Sant’Anna a respeito dos aspectos folclóricos da quaresma no Município de Olímpia (Anuário do 24º Festival do Folclore de Olímpia, arquivo do Museu de História e Folclore “Maria Olímpia”).

Depois de casada, Jesuína mudou-se para uma casa na antiga Rua Boiadeira, hoje, Rua Benjamin Constant, onde teve suas duas filhas, de parto normal. Primeiramente, Maria Gertrudes da Silva de Araujo, em 1947 e posteriormente, Almerinda Aparecida Silva de Almeida, em 1954. Nesta época, Jesuína trabalhava como lavadeira e passadeira, em sua própria casa.

Por volta de 1976, começa a trabalhar na escola Wilquem Manoel Neves e posteriormente, a convite da Senhora Deise Loureiro, diretora da escola Maria Ubaldina de Barros Furquim, se transfere para esta escola, na década de 80.

Ainda na década de 80 é convidada pelo professor José Sant’anna a integrar a equipe do Museu de História e Folclore “Maria Olímpia”, na época, dirigido pela saudosa Zeca Scura.

“... quando minha mãe trabalhava no Museu, as meninas [netas de dona Jesuína] saíam da escola e ficavam no museu, já que eu já trabalhava fora, e minha mãe

ficava com elas. No museu minha mãe ensinou elas a ver as horas no relógio da igreja [igreja de Nossa Senhora Aparecida, que se localiza ao lado do museu]. Quando ela perguntava a hora e percebia que as meninas já sabiam ver as horas certinho, ela comprava um relógio de pulso e dava de presente pra elas...” (MARIA GERTRUDES, 2015).

Os netos de dona Zuína, Gesiele e Gesielma, e seus primos Daniel, Eziquiel e Rosa Cléia, quando crianças e no período que ficavam no museu com a avó, passavam o dia brincando. Quando dona Zuína via que os mesmos estavam muito agitados, preparava um “chá de estrada”, com erva cidreira e alfavaca, dava para os netos e eles se acalmavam e dormiam por ali mesmo, sendo acordados pela avó somente na hora de voltarem para sua casa.

Dona Jesuína trabalhou no Museu até se aposentar por volta do ano de 1994, quando contava com 70 anos de idade.

* A TV Globo de 05/12, no Fantástico, enfocou o ritual de Iemanjá (Dia de N. S. da Conceição) na Praia Grande. Visual cheio de recursos folclóricos. Nesse ano, em terras do Estado de São Paulo, foi entrevistada pela repórter, a olimpiense Jesuína de S. Silva (Babalão), que comentou o acontecimento umbandista e deu mensagem para o ano novo, solicitando do Presidente Sarney, Paz e Prosperidade ao Brasil.

Reportagem do jornal olimpiense O Diário, noticiando a participação de Mãe Zuína em reportagem do Fantástico, Rede Globo, em 1968 (arquivo pessoal de Maria Gertrudes)



A UMBANDISTA MÃE ZUÍNA



Mãe Zuína recebendo noiva em seu templo logo após ter se casado na igreja católica (arquivo pessoal de Maria Gertrudes).

A história do movimento umbandista pode ser contada por diferentes formas, aspectos doutrinários e mesmo acadêmicos, embora sua origem no Brasil já seja aceita historicamente com o advento do Caboclo das 7 Encruzilhadas, no Rio de Janeiro, em 1908 através do médium Zélio de Moraes. A Tenda de Umbanda Caboclo Caramã e Pai Cesário, dirigido por muitos anos pela nossa saudosa Mãe Zuína é um dos interessantes casos em que a tradição umbandista é mais antiga, pois suas atividades começaram no mínimo na mesma época que o surgimento desta religião no Brasil.

Este templo abriu oficialmente suas portas no ano de 1967 com a Mãe Jesuína de Souza Silva, a Mãe Zuína. Porém sua mãe, Gertrudes Antônia de Souza, praticava a Umbanda na cidade de Bebedouro desde 1897.

A filha de Mãe Zuína, Maria Gertrudes, nos conta toda esta trajetória de resistência, persistência, amor, fé e caridade:

“Minha mãe contava que a família dela era de cultura Espírita, e ainda dizia Espírita Umbandista. A minha avó, dona Gertrudes já trabalhava em um centro em Bebedouro e quando vieram para Olímpia, frequentavam um Centro em Rio Preto...” (MARIA GERTRUDES, 2015).

Por volta de 1953 adquiriu uma residência própria onde hoje é a Vila Cizoto.

“Essa casa ficava perto de onde hoje é a igreja da Cizoto [Capela de Santo Antônio]. Foi quando foram lotear aquele local para assim formar o bairro da Cizoto e bem onde estava a casa



Festividades de Xangô realizada na Tenda de Umbanda Caboclo Caramã e Pai Cesário em 1989, constante do artigo “São Pedro da Terra e do Céu” (Anuário do 26º Festival do Folclore de Olímpia, arquivo do Museu de História e Folclore “Maria Olímpia”).

iriam fazer uma das ruas. Aí

Antônio Cizoto e o corretor nos avisou que teríamos que deixar o local e nos deu 3 opções de terrenos.” (MARIA GERTRUDES, 2015).

A família escolheu um terreno na esquina de onde hoje se encontram as Ruas Vitória Cizoto e a Rua Carlos Gomes. Local este onde residem até os dias atuais, a filha mais velha de Mãe Zuína, Maria Gertrudes, sua filha Gesielma e seu neto Ewerton Skelton.

E é neste local onde ainda hoje os ritos são realizados, ou seja, funciona a Tenda de Umbanda Caboclo Caramã e Pai Cesário.

“... nessa época, mais ou menos em 1954, 1955 minha mãe trabalhava em seu próprio quarto, onde desmontava a própria cama e atendia as pessoas, tudo muito escondido porque na época tinha muita repressão e os próprios guias [entidades desencarnadas] incorporados em terra pedia para todos ficarem em silêncio porque os “chapéu de bico” vinham vindo. Chapéu de bico era como eles [as entidades] se referiam aos policiais. E quando as pessoas iam na porta espiar, viam o ‘Curintinha’ [camburão

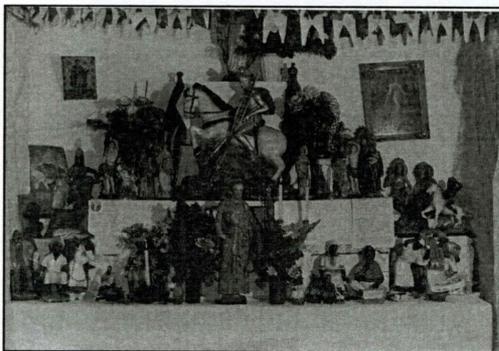


era preto e branco] passando. Quando o camburão passava os trabalhos continuavam.

Minha mãe trabalhou neste quarto dela bastante tempo, mais ou menos uns 13 anos. Foi quando a Índia Saraiva, uma cabocla que minha mãe recebia, veio avisar que ela não viria mais, e minha mãe começou a sentir a presença do então Caboclo Caramã e dizia que ele era chefe de terreiro.” (MARIA GERTRUDES, 2015).

Foi quando na década de 60, com a ajuda de conhecidos, levantaram o templo para então se realizar os ritos e atendimento à comunidade. Mãe Zuína trabalhou no templo durante aproximadamente 10 anos, até o mesmo ser registrado, em 1967, como Tenda de Umbanda Caboclo Caramã e Pai Cesário.

Nesta época conhece o professor Sant’anna, ocasião em que o mesmo fica sabendo que Olímpia possuía uma Tenda de Umbanda funcionando e registrada. A partir daí Mãe Zuína se torna uma fonte



Congá (altar) da Tenda de Umbanda Caboclo Caramã e Pai Cesário (arquivo pessoal de Maria Gertrudes).

inesgotável de pesquisa, além de amiga pessoal do Professor Sant’Anna, que recorria sempre aos seus conhecimentos para enriquecer suas pesquisas acerca das festas religiosas, realizadas no templo, contos, simpatias, gravação dos pontos cantados, receitas e tudo quanto era assunto e que atendesse as necessidades de suas pesquisas. Era procurada para fazer previsões futuras para o município, onde eram publicadas em jornais locais. Ressaltamos a participação de Mãe Zuína no programa Fantástico no ano de 1986,

onde foi entrevistada e comentou o ritual de Iemanjá, na Praia Grande, na ocasião deu a sua mensagem para o ano novo, solicitando do Presidente Sarney, Paz e Prosperidade ao Brasil.

Antes de nos deixar, Mãe Zuína, mais uma vez em um ato de fé e amor pela Umbanda, deixou eternizado pontos cantados durante os Ritos de seu Templo, quando procurados por um membro responsável pelo acervo musical da Faculdade de Teologia Umbandista, que os registrou em um CD intitulado “Vamos Saravá!”.



Jesuína de Souza Silva, a Mãe Zuína arquivo do Museu de História e Folclore “Maria Olímpia”.

Nossa saudosa Mãe Zuína, incansável na prática da caridade, com seu jeito humilde e amoroso, atendendo e recebendo todo e qualquer tipo de pessoa, independentemente da fé professada, atendeu na Tenda de Umbanda Caboclo Caramã e Pai Cesário até no ano de 2007, quando sua saúde se fragilizou.

Jesuína de Souza Silva, a Mãe Zuína, nos deixou no dia 31 de março de 2010, aos 85 anos de idade, por causas naturais.



Resumo de extrato e estatuto de inauguração da Tenda de Umbanda Caboclo Caramã e Pai Cesário, publicado no Diário oficial de 1967 (arquivo pessoal de Maria Gertrudes).



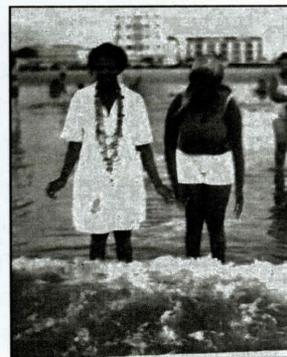
Capa do cd dirigido por membros da Faculdade de Teologia Umbandista (FTU) com pontos cantados, entoados nos ritos da Tenda de Umbanda Caboclo Caramã e Pai Cesário em 2009 (arquivo pessoal de Maria Gertrudes).



Atualmente a Tenda de Umbanda Caboclo Caramã e Pai Cesário é dirigida por sua filha Maria Gertrudes da Silva de Araujo e sua Neta Gesiele Augusta Silva de Araujo, na Rua Vitorio Cizoto nº 70, na Vila Cizoto.



Maria Gertrudes, filha de Mãe Zuína, a quem cabe dirigir a Tenda de Umbanda Caboclo Caramã e Pai Cesário atualmente, juntamente com sua filha Gesiele (arquivo pessoal de Maria Gertrudes).



Mãe Zuína nas festividades de Iemanjá na Praia Grande (décadas de 60 e 70 - arquivo pessoal de Maria Gertrudes).

ARTIGOS E MATÉRIAS PUBLICADOS NOS ANUÁRIOS DOS FESTIVAIS DE FOLCLORE DE OLÍMPIA ONDE MÃE ZUÍNA E A TENDA DE UMBANDA CABOCLO CARAMÃ E PAI CESÁRIO TIVERAM PARTICIPAÇÃO.

- Anuário do 8º Festival do Folclore de Olímpia (1972) – Pontos de Xangô, coletados pelo professor José Sant'anna em 1968;
- Anuário do 22º Festival do Folclore de Olímpia (1986) – Simpatias para a criança andar, artigo de Afranio Santana de Oliveira;
- Anuário do 24º Festival do Folclore de Olímpia (1988) – Aspectos Folclóricos da Quaresma no município de Olímpia, artigo de autoria do professor José Sant'anna;
- Anuário do 25º Festival do Folclore de Olímpia (1989) – Santo Antônio no Brasil – religião e folclore, artigo de autoria do Professor José Sant'anna;
- Anuário do 26º Festival do Folclore de Olímpia (1990) – São Pedro da Terra e do Céu, Festa de São Pedro na Umbanda, artigo de autoria do professor José Sant'anna;
- Anuário do 29º Festival do Folclore de Olímpia (1993) – Prelúdio ao folclore da banana, crendices, simpatias e sortes nas festas em louvor a São João Batista, artigo de José Carlos Rossato;
- Anuário do 30º Festival do Folclore de Olímpia (1994) – Cosme e Damião, a epopeia dos gêmeos taumaturgos, artigo de André Luiz Nakamura;
- Anuário do 31º Festival do Folclore de Olímpia (1995) – Folclore Devocional, cai chuva, cai lá do céu, artigo de autoria do professor José Sant'Anna;
- Anuário do 33º Festival do Folclore de Olímpia (1997) – Registro, notícia sobre os 30 anos da Tenda de Umbanda Caboclo Caramã e Pai Cesário.

Deixo agora o leitor se deleitar com a beleza primitiva de algumas simpatias que curaram e curam gerações inteiras do nosso povo:

LOMBRIGA ASSUSTADA

É causada na ocasião de um susto muito forte, causando dor na barriga.

Acender 3 carvões virgens. Quando estiverem em brasa, colocam-se os mesmos em um copo com água e dê para a pessoa beber. Isso faz com que as "bichas" [lombrigas] baixem.



LOMBRIGA AGUADA

É quando a pessoa esta com vontade de comer algo. Corte um dente de alho em cruz. Feito isso, jogue uma parte fora e coloque os 3 pedaços restantes em um copo com água, deixe descansar por uns minutos e dê para a pessoa tomar.

PARA TIRAR "O SOL" DA CABEÇA

Dor de cabeça por tomar muito sol. Dobrar uma toalha branca e colocar na boca de um copo com água, vire o copo com o pano e coloque no alto da cabeça da pessoa com dor. Deixar o pano com o copo de água por um tempo na cabeça da pessoa, pedindo para que a água puxe a quentura daquela cabeça.

Obs.: Conta-se que em alguns casos a água chegava a "borbulhar" e a dor passava.

PARA A CRIANÇA FALAR

Coloca-se a chave de uma igreja próxima à boca da criança, que deverá estar com a boca aberta e faz-se o movimento de destrancar uma porta, girando a chave.

Obs.: Mãe Zuína fazia esta simpatia utilizando a chave da própria tenda de umbanda, dizendo: - Se eu tenho um templo em casa, para que pegar a chave de uma igreja?

PARA A CRIANÇA ANDAR

Em um domingo de manhã, pegar pelas mãos da criança e fazê-la dar 3 voltas completas ao redor da casa, tomando cuidado para a criança não cair, e chamando a criança pelo nome e dizendo: [nome da criança] vamos à missa.



Encerro aqui este artigo em homenagem a esta mãe de muitos filhos de fé, conhecedora da mais pura sabedoria popular, nossa Mãe Zuína, a qual viveu para e pela Umbanda.

"A Umbanda é Paz e Amor,
é um mundo cheio de Luz,
é Força que nos dá Vida,
e a grandeza nos conduz.

Avante filhos de fé,
Como a nossa Lei não há,
Levando ao mundo inteiro,
A bandeira de Oxalá".

(trecho do Hino à Umbanda)

AGRADECIMENTOS

Para encerrar este artigo, agradeço à Maria Gertrudes da Silva Araujo, pelo fato de me ajudar a realizar este desejo de homenagear este ser iluminado que era e continua sendo a nossa Mãe Zuína, agradecer pela sua contribuição, gentileza e principalmente paciência em me contar as histórias dessa pessoa que sempre respeitei e admirei desde o momento em que a conheci.

Agradeço também a toda a família, principalmente a Gesielma e Gesiele pela amizade e acolhimento em sua residência.

E, por fim, a toda a família da Tenda de Umbanda Caboclo Caramã e Pai Cesário, por me receberem tão fraternalmente e por fazerem me sentir também desta família espiritual, e principalmente, pela persistência e resistência de continuarem com esta fé sempre de pé, perpetuando assim a tradição da Umbanda.

A todos vocês, o meu muito obrigado.

BIBLIOGRAFIA

ñ MIRANDA, M.F. Inculturação da Fé, uma abordagem teológica. Edições Loyola, São Paulo, 2001.

ñ Revista de teologia e Ciência da Religião da UNICAP (Universidade Católica de Pernambuco, organizada por Professor Doutor Sérgio Sezino Douets Vasconcelos e Professor Doutor Jacques Trudel S.J.

ñ Anuários dos Festivais do Folclore de Olímpia, 8º(1972), 22º(1986), 24º(1988), 25º(1989), 26º(1990), 29º(1993), 30º(1994), 31º(1995), 33º(1997).



COMISSÃO EXECUTIVA DO 51º FEFOL

DECRETO Nº 6060, DE 12 DE JUNHO DE 2015

CONSTITUI A COMISSÃO EXECUTIVA DO 51º FESTIVAL DO FOLCLORE A SER REALIZADO NO RECINTO DE EXPOSIÇÕES E PRAÇA DE ATIVIDADES FOLCLÓRICAS "PROF. JOSÉ SANT'ANNA" (08 A 16 DE AGOSTO DE 2015).

EUGENIO JOSÉ ZULIANI, Prefeito Municipal da Estância Turística de Olímpia, Estado de São Paulo, no uso de suas atribuições legais,

DECRETA:

Art. 1º Fica constituída a Comissão Executiva do 51º Festival do Folclore de Olímpia, a ser realizado de 08 a 16 de agosto do de 2015, evento que tem por finalidade incentivar e defender o folclore, contribuindo para a sua preservação, com os seguintes membros:

Presidente: Caio Augusto dos Santos Longhi
Vice-presidente: Flavio Augusto da Silva Santos
1º Secretário: Rosicler Berti dos Santos
2º Secretário: Cristian Daniel Assis
1º Tesoureiro: Rosi Aparecida Esteves More da Silva
2º Tesoureiro: João Carlos Amaro de Souza
Edição do Anuário: André Luiz Nakamura e Janaina A. dos Santos Longhi

Subcomissão de Imprensa:
Camila Reale Thereza
Janaina Augusto dos Santos Longhi
Júlio Cesar Faria Cristiane Gracindo

Subcomissão de Limpeza:
Arvani Peixoto
Célio José Franzim

Subcomissão de Finanças:
Rosi Aparecida Esteves More da Silva
Murilo Lucas Garcez Novais

Subcomissão de Hospedagem e Alimentação:
Luiz Fernando Cintra
Raphael Augusto Serqueira
Murilo Alexssander Bazam
Célio José Franzim

Subcomissão de Temática e Decoração:
Thiago Louzada
Maria Cristina Simões Gottardi
Cristian Daniel Assis

Subcomissão de Desfile e Missa:
Gilson Carlos Miranda
Célio José Franzim
Cristian Daniel de Assis
Thiago Louzada
João Carlos Amaro de Souza
Mylene Pereira Gonçalves
Erica Parro de Carvalho
Eliana Antônia Duarte Bertoncello Monteiro

Subcomissão de Estacionamento:
Caio Augusto dos Santos Longhi
Janaina Augusto dos Santos Longhi
Rosicler Berti dos Santos

Subcomissão de Uso de Imagem:
Janaina Augusto dos Santos Longhi
Mateus Lealdini da Rocha
Felipe Toledo Busarello
Mylene Gonçalves

Subcomissão de Organização Cultural e Palco:
Flavio Augusto da Silva Santos
Caio Augusto dos Santos Longhi
Cristian Daniel de Assis
Felipe Toledo Busarello
Maria Aparecida de Araújo Manzolli

Subcomissão de Recepção dos Grupos Participantes:
Mateus Lealdini da Rocha
Cristian Daniel de Assis
Mylene Pereira Gonçalves
Felipe Toledo Busarello
Célio José Franzim

Subcomissão de Abertura: Edward Marques da Silva
Tiago Pessoa Lourenço
Cristian Daniel Assis

Subcomissão de Barracas:
Arvani Peixoto
Sidnei Carlos Schalc
Murilo Lucas Garcez Novais
Célio José Franzim

Subcomissão de Logística e Transporte:
Maridalva Bassi Bitencourt
Glendson Rafael de Carvalho
Janaina Augusto dos Santos Longhi

Subcomissão da Casa do Caipira:
Raquel Cristina Crepaldi Righetti
Edna Marques da Silva
Talita Fabiano de Carvalho
Aparecida Zamperlini Zuliani

Equipe do Fundo Social de Solidariedade
Subcomissão do Salão de Artes:
Cristian Daniel Assis
Caio Augusto dos Santos Longhi
Janaina A. dos Santos Longhi
Shilton Valentim da Silva

Subcomissão Organizadora do Congresso de Etnomusicologia:
Estevão Amaro dos Reis
Maria Aparecida de Araújo Manzolli
Luciano Manuel da Silva
Pereira Gustavo Zanette

Subcomissão do Protocolo de Abertura e Encerramento:
Caio Augusto dos Santos Longhi
Mylene Pereira Gonçalves
Janaina A. dos Santos Longhi

Subcomissão de Apoio:
Eugenio José Zuliani
Luiz Gustavo Pimenta
Maria Aparecida de Araújo Manzolli
Dirceu Bertoco
Raquel Cristina Crepaldi Righetti
Gustavo Zanette
Eliana Antônia Duarte Bertoncello Monteiro
Cleber José Cizotto
Sandra Regina de Lima
João Paulo Poliselio
Edilson Cesar De Nadai
Luís Carlos Benites Biagi
Fernando Barbosa Velho
Silvia Elisabeth Forti Storti
Humberto José Puttini
Antônio Jorge Motta
Amaury Hernandes

Art. 2º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, regoadas as disposições em contrário.

Registre e publique.
Prefeitura Municipal da Estância Turística de Olímpia, em 12 de junho de 2015.

EUGENIO JOSÉ ZULIANI
Prefeito Municipal

Registrado e publicado no setor competente da Prefeitura Municipal da Estância Turística de Olímpia, em 12 de junho de 2015.

CLÉBER LUIS BRAGA
Supervisor de Expediente

ASSESSORIA DE IMPRENSA

Divulgação:
Camila Reale Thereza
Janaina Augusto dos Santos Longhi
Cristiane Gracindo
Júlio César Faria
Webmaster: Jonas Olmos
imprensafolclore@gmail.com



REALIZAÇÃO



ORGANIZAÇÃO



APOIO



PATROCÍNIO



APOIO INSTITUCIONAL



APOIO À REALIZAÇÃO

